

# Conjunto Central

## volume 01

**Carla Caires (coord.)**  
**Amábile L. Campos**  
**Pamela W. Godoi**  
**Gabriela O. Wedekin**  
**Ingrid B. Marques**  
**Larissa N. Agnelo**  
**Wilson de C. Maestro**

 **PREFEITURA DE LONDRINA**  
Secretaria Municipal de Cultura

 **MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA**

 **UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA**

**Carla Caires (coord.)  
Amábile L. Campos  
Pamela W. Godoi  
Gabriela O. Wedekin  
Ingrid B. Marques  
Larissa N. Agnelo  
Wilson de C. Maestro**

# **ESTUDO TÉCNICO DE SUBSÍDIO À DELIBERAÇÃO DE INSERÇÃO NA LISTAGEM DE INTERESSE PATRIMONIAL E RECOMENDAÇÃO PARA SALVAGUARDA DO CONJUNTO CENTRAL**

**Estudos Patrimoniais II n. 3**

---



**2025**



**Reitora**  
**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marta Regina Gimenez Favaro**

**Vice-reitor**  
**Prof. Dr. Airton José Petris**

**Diretora Acadêmica do MHL**  
**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edméia Ribeiro**

**Coordenação Geral**  
**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edméia Ribeiro**

**Editora**  
**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edméia Ribeiro**

**Comissão Executiva**  
**Edeni Ramos Vilela**  
**Amauri Ramos da Silva**

**Presidência DA ASAM**  
**Ana Rosa Lunardelli**

**Revisão**  
**Michelle Morikawa**

**Editoração**  
**Marina dos Santos Galli**

**Foto de capa**  
**Acervo Museu Histórico de Londrina**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Conjunto central [livro eletrônico] : volume 01 /  
Amábile L. Campos...[et al.] ; Carla Caires  
(coord.). -- Londrina, PR : ASAM, 2026.  
-- (Estudos patrimoniais II ; 3)  
PDF

Outros autores: Pamela W. Godoi, Gabriela O.  
Wedekin, Ingrid B. Marques, Larissa N. Agnelo,  
Wilson de C. Maestro.  
Bibliografia.  
ISBN 978-65-986651-5-9

1. Londrina (PR) - História 2. Memória  
3. Monumentos históricos - Conservação e restauração  
4. Patrimônio cultural - Preservação I. Campos,  
Amábile L. II. Godoi, Pamela W. III. Wedekin,  
Gabriela O. IV. Marques, Ingrid B. V. Agnelo,  
Larissa N. VI. Maestro, Wilson de C. VII. Caires,  
Carla. VIII. Série.

26-351267.0

CDD-363.69

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Patrimônio histórico e cultural : Memória e  
preservação 363.69

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

### **Fontes**

**Palisade; Franklin Gothic Demi e Calibri**





# Comitê Editorial

Dr.<sup>a</sup> Ana Carolina Gléria Lima (USP - Universidade de São Paulo)

Me. Camila Silva de Oliveira (UEL- Universidade Estadual de Londrina/USP - Universidade de São Paulo)

Dr.<sup>a</sup> Edméia Ribeiro (MHL - Museu Histórico de Londrina/UEL - Universidade Estadual de Londrina)

Dr.<sup>a</sup> Eloisa Ramos Ribeiro Rodrigues (UEL - Universidade Estadual de Londrina)

Dr. José Miguel Arias Neto (NDPH - Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica/UEL - Universidade Estadual de Londrina)

Dr.<sup>a</sup> Juliana Harumi Suzuki (UFPR - Universidade Federal do Paraná)

Dr. Leandro Henrique Magalhães (Unifil - Centro Universitário Filadélfia)

Dr.<sup>a</sup> Priscila Henning (UEL - Universidade Estadual de Londrina)

Dr. Rogério Ivano (UEL - Universidade Estadual de Londrina)

Solange Cristina Batigliana (Diretora de Patrimônio da Secretaria Municipal de Cultura de Londrina)

Dr.<sup>a</sup> Teba Silva Yllana (UEL - Universidade Estadual de Londrina)

Vanda de Moraes (Presidente do COMPAC - Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Londrina)



# Apresentação

Estudar os centros históricos das cidades é compreender, de forma profunda, os processos de constituição da vida urbana, os valores culturais sedimentados no espaço e as múltiplas camadas de tempo que se sobrepõem na paisagem. Os centros não são apenas remanescentes do passado: são lugares vivos, nos quais se expressam continuidades e rupturas, permanências e transformações, práticas sociais e disputas simbólicas. Nesse sentido, a atenção aos centros históricos tem sido reiteradamente destacada por organismos internacionais, em especial pelo ICOMOS, que reconhece a *paisagem cultural urbana* como uma síntese indissociável entre espaço construído, ambiente natural, usos sociais e valores simbólicos acumulados ao longo do tempo. A conservação dessas paisagens pressupõe não apenas a proteção de objetos isolados, mas a preservação de sua integridade, da leitura histórica e das relações espaciais que estruturam a vida urbana.

Londrina, cidade jovem que se aproxima de seu centenário, coloca-se de forma emblemática nesse debate. Sua juventude não reduz, ao contrário, intensifica a responsabilidade de pensar e agir, no presente, sobre a preservação da paisagem urbana histórica. Como apontam autores que tratam da memória urbana e da conservação integrada do patrimônio, o reconhecimento tardio dos valores históricos costuma resultar perdas irreversíveis. Assim, compreender, documentar e valorizar os espaços fundadores de Londrina é um passo fundamental para garantir que o processo de modernização e transformação urbana não se faça à custa da descaracterização de sua identidade coletiva.

É nesse contexto que se insere a presente obra, resultado de dois estudos técnicos profundos e comprometidos com a documentação da área central de Londrina, denominada *Conjunto Central* pelos autores. Trata-se do conjunto de espaços públicos previstos no Plano Inicial de 1932, elaborado por Alexandre Rasgulaeff, organizados em torno da chamada elipse central: as *Praças Gabriel Martins, Marechal Floriano Peixoto, Willie Davids, Primeiro de Maio, Sete de Setembro e o Bosque Marechal Cândido Rondon*. Esse conjunto configura o núcleo estruturador da cidade nascente e permanece, até hoje, como o principal cenário da vida urbana londrinense, concentrando fluxos, encontros, manifestações culturais, atividades políticas, religiosas e de lazer.

Mais do que uma simples soma de praças e áreas verdes, o *Conjunto Central* constitui uma unidade histórica e paisagística singular. Nele se materializam as intenções do plano original, as adaptações sucessivas ao crescimento da cidade e as diferentes concepções de espaço público que marcaram quase nove décadas de transformações urbanas. Ao longo desse período, esses espaços foram continuamente apropriados, ressignificados e modificados, sem jamais perder seu papel estruturante na organização simbólica e funcional do centro de Londrina.

Os estudos reunidos nesta obra evidenciam a centralidade dos espaços públicos na construção da identidade urbana. Praças, bosques e calçadões não são apenas vazios urbanos ou áreas de circulação: são lugares de permanência, sociabilidade e memória. No *Conjunto Central*, essas dimensões se expressam desde os primeiros anos da cidade, passando pela consolidação das praças como equipamentos culturais e cívicos, pelas grandes intervenções realizadas no âmbito do “Projeto Centro” – concebido pelo arquiteto urbanista Jaime Lerner em 1977 – e que introduziu o *Calçadão de Londrina* como um dos maiores marcos urbanos da área central. Ainda hoje, ações mais recentes de revitalização revelam tensões permanentes entre renovação urbana e preservação da paisagem histórica.

A importância de Londrina ultrapassa, contudo, o âmbito local. Para o estudioso das cidades do Norte do Paraná, Alessandro Filla Rosaneli<sup>1</sup>, a cidade integra o conjunto de núcleos urbanos criados no contexto da frente pioneira de colonização, vinculada a estratégias econômicas, territoriais e políticas mais amplas. Nesse processo, Londrina destacou-se como um experimento urbano planejado, cuja área central desempenhou papel decisivo na articulação entre o projeto colonizador, a vida econômica e a construção de uma identidade urbana própria. Preservar seu núcleo histórico é, portanto, preservar também um capítulo fundamental da história regional e nacional.

A publicação desta obra adquire especial relevância no atual contexto institucional, marcado pela promulgação da Lei Municipal n.º 13.902/2024, que dispõe sobre a preservação do patrimônio cultural de Londrina. Os estudos aqui apresentados oferecem subsídios técnicos, históricos e interpretativos essenciais para a aplicação qualificada dessa legislação, contribuindo para uma visão integrada da preservação, que reconhece valores históricos, paisagísticos, ambientais e sociais de forma indissociável.

Por fim, a obra reafirma a importância do conhecimento como instrumento de preservação. Ao sistematizar informações, documentos, imagens e análises sobre o *Conjunto Central*, o estudo

---

<sup>1</sup> Rosaneli, Alessandro F. Cidades novas do café: história, morfologia e paisagem urbana. Curitiba, Editora da UFPR, 2013. 207 p.

empreendido contribui decisivamente para a salvaguarda da *memória coletiva dos londrinenses*. Preservar esses espaços não significa congelá-los no tempo, mas garantir que suas transformações futuras respeitem a história que os constitui e o significado que carregam para a cidade.

Trata-se, em última instância, de um compromisso com o passado, o presente e o futuro de Londrina.

*Eloisa R. Rodrigues<sup>2</sup>*

---

<sup>2</sup> Arquiteta urbanista. Doutora pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). Professora associada do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e professora permanente do Programa Associado em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Universidade Estadual de Londrina (UEL).

# Lista de Figuras

Figura 1 – Vista aérea do Conjunto Central

Figura 2 – Praça Gabriel Martins

Figura 3 – Praça Marechal Floriano Peixoto

Figura 4 – Praça Willie Davids

Figura 5 – Praça Primeiro de Maio

Figura 6 – Bosque Marechal Cândido Rondon

Figura 7 – Praça Sete de Setembro

Figura 8 – Vista aérea com perímetro do bairro central e plano de massas vegetativo

Figura 9 – Planta azul, 1932

Figura 10 – Conjunto Central na planta azul, 1932

Figura 11 – Planta da Cidade de Londrina, 1934

Figura 12 – Conjunto Central na Planta da Cidade de Londrina, 1934

Figura 13 – Esquema da tríade clássica básica, com caminhos em cruz (verde), estar central (amarelo) com ponto focal (vermelho) e passeio perimetral (azul)

Figura 14 – Exemplo de praça eclética (praça no Setor Militar de Brasília)

Figura 15 – Representação do conjunto de praças no “Londrina, Detalhe do Mappa Parcial”, 1939

Figura 16 – Praça Marechal Floriano Peixoto, [1938]

Figura 17 – Praça Marechal Floriano Peixoto, [193-]

Figura 18 – Praça Marechal Floriano Peixoto, [1938]  
Figura 19 – Praça Marechal Floriano Peixoto, [1938]  
Figura 20 – Vista da cidade (à direita, a primeira rodoviária de Londrina), 1934  
Figura 21 – Segunda rodoviária de Londrina, 1937  
Figura 22 – Segunda rodoviária de Londrina, 1938  
Figura 23 – Praças Marechal Floriano Peixoto e Willie Davids, [1936–1937]  
Figura 24 – Praça Primeiro de Maio, [1936–1937]  
Figura 25 – Praça Primeiro de Maio, [193-]  
Figura 26 – Praça Primeiro de Maio, [193-]  
Figura 27 – Catedral de Londrina, [1936–1938]  
Figura 28 – Churrasco no Bosque, 1936  
Figura 29 – Piquenique no Bosque, [193-]  
Figura 30 – Vista do Colégio Mãe de Deus, [193-]  
Figura 31 – Planta da Cidade de Londrina, 1941  
Figura 32 – Detalhe da Planta da Cidade de Londrina, 1941  
Figura 33 – Reportagem do jornal *Paraná Norte*, 7 de setembro de 1943  
Figura 34 – Reportagem da *Folha de Londrina*, 12 de dezembro de 1997  
Figura 35 – Desfile na Praça Marechal Floriano Peixoto, 1945  
Figura 36 – Praça Marechal Floriano Peixoto, [1940]  
Figura 37 – Praça Marechal Floriano Peixoto, [1943]  
Figura 38 – Entorno da Praça Marechal Floriano Peixoto, [1946]  
Figura 39 – Entorno da Praça Marechal Floriano Peixoto, [194-]

Figura 40 – Reportagem da revista *A Pioneira*, maio de 1948

Figura 41 – Praça Willie Davids sem arborização, [entre 1939 e 1944]

Figura 42 – Praça Willie Davids sentido Calçadão para as Lojas Pernambucanas, [194-]

Figura 43 – Praça Willie Davids sentido rua Minas Gerais, [194-]

Figura 44 – Detalhe dos desenhos internos em piso da Praça Willie Davids, [194-]

Figura 45 – Detalhe dos desenhos em piso do perímetro, [194-]

Figura 46 – Execução dos desenhos em piso com pedra portuguesa, [1945]

Figura 47 – Bosque Marechal Cândido Rondon, [194-]

Figura 48 – Bosque Marechal Cândido Rondon, [194-]

Figura 49 – Bosque Marechal Cândido Rondon usado para fotografar, [194-]

Figura 50 – Figueira do Bosque, [194-]

Figura 51 – Construção do muro de arrimo do Bosque Marechal Cândido Rondon, (1938–194)

Figura 52 – Bosque Marechal Cândido Rondon (com a Catedral ao fundo), [194-]

Figura 53 – Bosque Marechal Cândido Rondon (com a Catedral ao fundo), [194-]

Figura 54 – Praça Sete de Setembro, [194–195-]

Figura 55 – Praça Sete de Setembro, [194–195-]

Figura 56 – Aerofoto de Londrina, 1949

Figura 57 – Praças Willie Davids e Gabriel Martins, 1949

Figura 58 – Praça Primeiro de Maio, 1949

Figura 59 – Praça Sete de Setembro, 1949

Figura 60 – Planta de reconstituição, 1949–1951

Figura 61 – Planta n.º 13, 1957

Figura 62 – Planta n.º 13, 1957  
Figura 63 – Planta de Londrina, 1957–1958  
Figura 64 – Planta de Londrina, 1957–1958  
Figura 65 – Praça Marechal Floriano Peixoto, 1950  
Figura 66 – Praça Marechal Floriano Peixoto, 1951  
Figura 67 – Catedral de Londrina (detalhe da ligação com a Praça), 1953  
Figura 68 – Vista da Praça com a Catedral de Londrina ao fundo, 1953  
Figura 69 – Levantamento da Praça Marechal Floriano Peixoto, 1964  
Figura 70 – Praça Marechal Floriano Peixoto, [196-]  
Figura 71 – Mobiliário da Praça Marechal Floriano Peixoto  
Figura 72 – Vista parcial da Praça Marechal Floriano Peixoto, [196-]  
Figura 73 – Levantamento das cotas da Praça Marechal Floriano Peixoto, 1968  
Figura 74 – Postes da Praça Marechal Floriano Peixoto, 1968  
Figura 75 – Levantamento, 1968  
Figura 76 – Praça Willie Davids, 1950  
Figura 77 – Praça Willie Davids, [195-]  
Figura 78 – Praça Willie Davids, [195-]  
Figura 79 – Detalhe do monumento na Praça Willie Davids, [195-]  
Figura 80 – Levantamento da Praça Willie Davids, 1964  
Figura 81 – Vista parcial da Praça Willie Davids, [196-]  
Figura 82 – Praça Gabriel Martins, [195-]  
Figura 83 – Avenida Paraná (ao fundo, a Praça Gabriel Martins), 1966

Figura 84 – Praça Gabriel Martins, 1967

Figura 85 – Praça Gabriel Martins, 1966–1967

Figura 86 – Detalhe da Praça Primeiro de Maio, [195-]

Figura 87 – Praça Primeiro de Maio, [195-]

Figura 88 – Vista aérea do centro de Londrina, [195-]

Figura 89 – Cartão postal da Concha Acústica do Parque Moscoso, em Vitória (ES)

Figura 90 – Revitalização da Praça Primeiro de Maio [1952–1957]

Figura 91 – Revitalização da Praça Primeiro de Maio e construção da Concha Acústica, 1957

Figura 92 – Revitalização da Praça Primeiro de Maio e construção da Concha Acústica, 1957

Figura 93 – Revitalização da Praça Primeiro de Maio e construção da Concha Acústica, 1957

Figura 94 – Anteprojeto da Concha Acústica, [195-]

Figura 95 – Praça Primeiro de Maio, 1957

Figura 96 – Inauguração da Praça Primeiro de Maio e da Concha Acústica, 1957

Figura 97 – Praça Primeiro de Maio e Concha Acústica, [195-]

Figura 98 – Obras no Bosque Marechal Cândido Rondon

Figura 99 – Obras no Bosque Marechal Cândido Rondon

Figura 100– Obras no Bosque Marechal Cândido Rondon

Figura 101– Obras no Bosque Marechal Cândido Rondon

Figura 102– Obras no Bosque Marechal Cândido Rondon

Figura 103– Obras no Bosque Marechal Cândido Rondon

Figura 104– Obras no Bosque Marechal Cândido Rondon, possivelmente no banheiro

Figura 105– Iluminação do Bosque (quadra norte), 1954

Figura 106 – Parque infantil do Bosque  
Figura 107 – Levantamento do Bosque, (quadra sul) 1962  
Figura 108 – Levantamento do Bosque (quadra norte), 1965  
Figura 109 – Parque infantil do Bosque  
Figura 110 – Lago do Bosque, [195--196-]  
Figura 111 – Lago do Bosque, [195--196-]  
Figura 112 – Viveiro do Bosque, [195-]  
Figura 113 – Bosque ao lado da Catedral, [196-]  
Figura 114 – Monumento da Praça Sete de Setembro, [195-]  
Figura 115 – Vista aérea do centro de Londrina, [195-]  
Figura 116 – Detalhe Praça Sete de Setembro, [195-]  
Figura 117 – Foto aérea do centro de Londrina, [195-]  
Figura 118 – Detalhe da Praça Sete de Setembro, [196-]  
Figura 119 – Levantamento da Praça Sete de Setembro, 1969  
Figura 120 – Vista parcial da Praça Sete de Setembro, [196-]  
Figura 121 – Eixo cívico-administrativo do Plano Diretor de 1968  
Figura 122 – Vista aérea do centro de Londrina, 1968  
Figura 123 – Vista aérea do centro de Londrina, 1968  
Figura 124 – Terminal de ônibus na rua interna do Bosque, [197-]  
Figura 125 – Terminal de ônibus na rua interna do Bosque, [197-]  
Figura 126 – Terminal de ônibus na rua interna do Bosque, [197-]  
Figura 127 – Terminal de ônibus na rua interna do Bosque, [1979]

Figura 128 – Terminal de ônibus na rua interna do Bosque, [197-]  
Figura 129 – Terminal de ônibus na rua interna do Bosque, [197-]  
Figura 130 – Terminal de ônibus na rua interna do Bosque, [197-]  
Figura 131 – Terminal de ônibus na rua interna do Bosque, [197-]  
Figura 132 – Projeto de sanitários no Bosque, 1973  
Figura 133 – Reforma dos sanitários no Bosque, 1978  
Figura 134 – Aerofoto de Londrina, 1974  
Figura 135 e 136 – Comparação das aerofotos de 1949 e 1974  
Figura 137 – Planta da Cidade de Londrina, [197-]  
Figura 138 – Detalhe da Planta da Cidade de Londrina, [197-]  
Figura 139 – Levantamento da Praça Primeiro de Maio, 1973  
Figura 140 – Praça Primeiro de Maio, [197-]  
Figura 141 – Praça Primeiro de Maio, [197-]  
Figura 142 – Praça Primeiro de Maio, [197-]  
Figura 143 – Levantamento da Praça Primeiro de Maio, [1973]  
Figura 144 – Praça Primeiro de Maio, 1975  
Figura 145 – Praça Gabriel Martins, [196—1976]  
Figura 146 – Praça Gabriel Martins, [196—1976]  
Figura 147 – Praça Gabriel Martins, [196—1976]  
Figura 148 – Praça Gabriel Martins, [197-]  
Figura 149 – Praça Gabriel Martins, [197-]  
Figura 150 – Praça Gabriel Martins, [197-]

Figura 151 – Praça Gabriel Martins, [197-]

Figura 152 – Praça Gabriel Martins, [197-]

Figura 153 – Praça Gabriel Martins, novembro de 1976

Figura 154 – Praça Gabriel Martins, dezembro de 1976

Figura 155 – Praça Gabriel Martins, 2011

Figura 156 – Praça Gabriel Martins, 1977

# *Lista de Abreviaturas e Siglas*

BML – Biblioteca Municipal de Londrina

CTNP – Companhia de Terras Norte do Paraná

MHL – Museu Histórico de Londrina

NDPH – Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (UEL)

UEL – Universidade Estadual de Londrina

# SU MÁ RIO

<b>Apresentação</b> _____	<b>7</b>
<b>1 Introdução</b> _____	<b>21</b>
<b>2 O Conjunto Central no Início de Londrina</b> _____	<b>35</b>

## **3 A Consolidação do Conjunto com suas Funções de Espaço Público e de Equipamento Cultural e de Lazer (1941-1968)** \_\_\_\_\_

### **3.1 O Conjunto Central na década de 1940** \_\_\_\_\_

### **3.2. O Conjunto Central na década de 1950 e no início da década de 1960** \_\_\_\_\_

#### **3.2.1 Praça Marechal Floriano Peixoto** \_\_\_\_\_

#### **3.2.2 Praça Willie Davids** \_\_\_\_\_

#### **3.2.3 Praça Gabriel Martins** \_\_\_\_\_

#### **3.2.4 Praça Primeiro de Maio** \_\_\_\_\_

#### **3.2.5 Bosque Marechal Cândido Rondon** \_\_\_\_\_

#### **3.2.6 Praça Sete de Setembro** \_\_\_\_\_



## **4. O Repensar do Conjunto Central no Final da Década de 1960 e Início de 1970** \_\_\_\_\_

### **4.1 Intenções iniciais de novos tratamentos no Centro Histórico (1968-1976)** \_\_\_\_\_

## **5 Considerações Finais** \_\_\_\_\_

## **Referências** \_\_\_\_\_



**Fonte:** Foto Carlos Stenders. Acervo do MHL (2025).

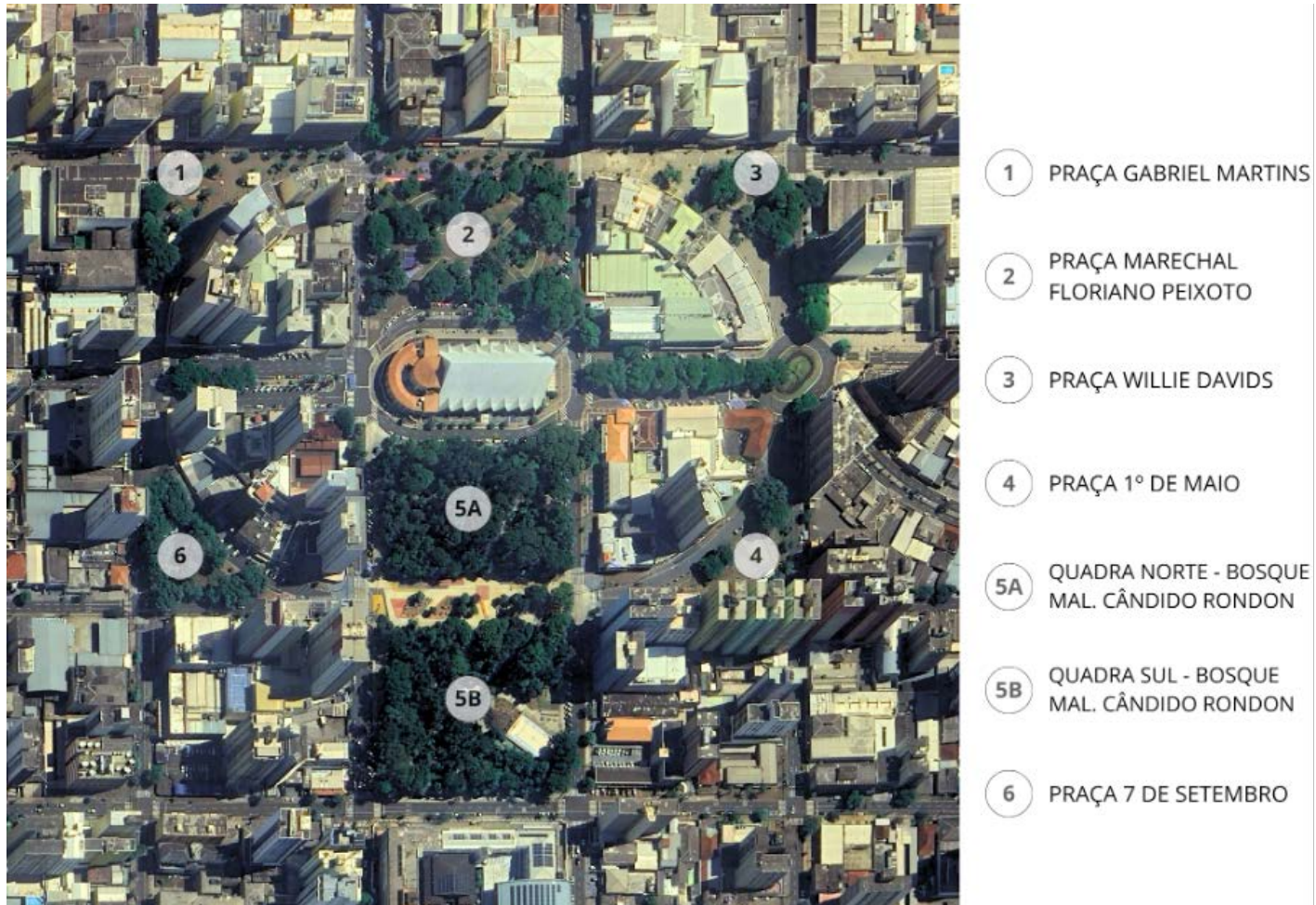
# 1 Introdução

O bem cultural em análise neste estudo técnico é o conjunto urbano formado, em sentido horário, pelos seguintes logradouros: (1) Praça Gabriel Martins, (2) Praça Marechal Floriano Peixoto, (3) Praça Willie Davids, (4) Praça Primeiro de Maio, (5) Bosque Marechal Cândido Rondon e (6) Praça Sete de Setembro. Esses espaços públicos foram previstos no Plano Inicial da cidade, elaborado em 1932. Para fins de clareza e objetividade ao longo do Estudo, esse conjunto será referido como “Conjunto Central”<sup>3</sup> [Fig. 1].

---

<sup>3</sup> “Conjunto Central” é o termo utilizado pela equipe de pesquisa para referir, de forma prática, ao grupo de espaços públicos analisados no Centro Histórico de Londrina. Esta designação abrange as praças Gabriel Martins, Marechal Floriano Peixoto, Willie Davids, Primeiro de Maio, Sete de Setembro e o Bosque Marechal Cândido Rondon. Trata-se de uma convenção metodológica, sem pretensão de representar uma unidade oficial ou conceitual.

**Figura 1** – Vista aérea do Conjunto Central



Fonte: Google Earth (2025), modificado pelos autores.

O Pedido de Tombamento referente ao bem imóvel em questão está fundamentado nos termos da lei municipal n.º 13.902, de 27 de dezembro de 2024 (Londrina, 2024), que dispõe sobre a preservação do patrimônio cultural do município. Este Estudo técnico fornece recomendações técnicas à conservação de bens de interesse de preservação, apoiando o processo de tombamento do bem. Para sintetizar os pontos principais deste Estudo e facilitar seu acesso ao público, serão disponibilizadas fichas de inventários dos bens na camada “Cultura” do Sistema de Informação Geográfica de Londrina (Siglon).

Este estudo técnico baseia-se em informações presentes na Solicitação de Tombamento, além de publicações em livros e artigos científicos, documentos iconográficos, registros em áudio e vídeo e levantamento *in loco* das características atuais do bem.

A solicitação de tombamento foi protocolada em 19 de julho de 2024 por Marcos Parisotto. Além do conjunto mencionado, o requerimento incluiu o Anfiteatro Jonas Dias Martins, também conhecido como Anfiteatro do Zerão. No entanto, devido à sua localização distante e à falta de contribuição para a visão integrada das praças situadas na área central de Londrina, optou-se por concentrar a análise exclusivamente nos logradouros referenciados acima. O exame técnico relacionado ao Anfiteatro do Zerão foi postergado para um momento mais oportuno.

Dessa forma, o Estudo técnico aborda cinco praças e o Bosque, todos situados na região central e na área urbana inicial de Londrina. Apesar de o foco principal serem os valores patrimoniais do conjunto como um todo, torna-se indispensável uma compreensão preliminar acerca de cada um dos elementos individualmente, conforme se expõe a seguir.

A **Praça Gabriel Martins** [Fig. 2] está localizada no cruzamento da avenida Paraná com a rua Professor João Cândido. A respeito da Praça Gabriel Martins, a solicitação destaca que esta integra o conjunto das quatro praças que compõem a elipse central de Londrina, sendo parte do Calçadão desde a década de 1970. O Calçadão é uma rua de pedestre que se estende por algumas quadras da antiga avenida Paraná, no centro da cidade. Além disso, “o nome da praça homenageia o primeiro médico a desenvolver atividades sanitárias em Londrina ao assumir, em 1939, o Posto de Higiene da cidade” (Parisotto, 2024).

**Figura 2 – Praça Gabriel Martins**



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 22 mar. 2025.

A **Praça Marechal Floriano Peixoto** [Fig. 3] é definida pelas avenidas Rio de Janeiro e São Paulo, pela rua Maranhão e pela travessa Padre Eugênio Herter, ao lado da Catedral. Teve sua inauguração oficial em 7 de setembro de 1944. Segundo a solicitação de tombamento, desde o plano inicial de Londrina, foi projetada como jardim; teve outros nomes, como Praça Rui Barbosa, embora seja mais conhecida como Praça da Bandeira. O nome atual faz referência ao segundo presidente do Brasil:

Foi a segunda e principal praça criada em Londrina, constando no Plano inicial da cidade desenvolvido por Alexandre Razgulaeff em 1932, com a descrição de “jardim”. Já foi denominada Praça Rui Barbosa, e também é conhecida como Praça da Bandeira, possuindo no seu centro o Monumento denominado “Altar da Pátria”, para as cerimônias de hasteamento da Bandeira que se realizavam no local. Seu nome homenageia o militar e político brasileiro, primeiro vice-presidente e segundo presidente do Brasil (1891-1894) no período denominado República Velha (Parisotto, 2024).

**Figura 3** – Praça Marechal Floriano Peixoto



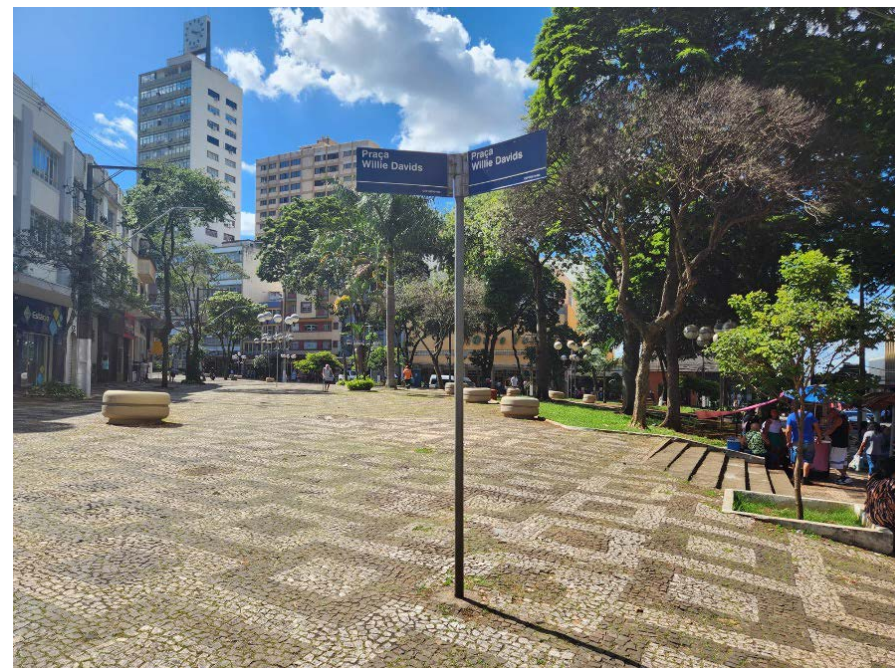
Fonte: Autores (2025). Data da foto: 22 mar. 2025.

A **Praça Willie Davids** [Fig. 4] situa-se no cruzamento das ruas Minas Gerais e Maranhão. Leva o nome de Willie da Fonseca Brabazon Davids, primeiro prefeito eleito de Londrina (1936–1940) e ex-diretor da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), figura de grande importância política nos anos iniciais do município. A praça recebeu o nome de Willie Davids possivelmente após seu falecimento, no ano de 1944.

Assim como a Praça Gabriel Martins, a solicitação destaca sua condição de integrante do conjunto de praças que compõem a elipse central de Londrina, além de sua incorporação ao Calçadão desde a década de 1970. Contudo, acrescenta-se a relevância histórica da Praça por ser reconhecida como a primeira criada na cidade e ter se tornado logo em seu início o “centro financeiro da cidade”:

Integrante do conjunto de quatro praças que compõem a elipse central do traçado original de Londrina. Foi a primeira praça criada na cidade e desde a década de 1970, é parte integrante do Calçadão. Tornou-se já nos primeiros anos da colonização um centro financeiro da cidade pela localização de diversas instituições econômicas no seu entorno. Sua denominação homenageia o engenheiro e político Willie Davids (1893-1944), um dos propulsores da colonização do norte do Paraná através da Companhia de Terras (Parisotto, 2024).

**Figura 4** – Praça Willie Davids



**Fonte:** Autores (2025). Data da foto: 22 mar. 2025.

A **Praça Primeiro de Maio** [Fig. 5] está delimitada pelas ruas Senador Souza Naves, Piauí e Maestro Egídio Camargo do Amaral. O nome homenageia o Dia Internacional do Trabalhador, celebrado no primeiro dia do mês de maio. Além disso, é conhecida por ser o local onde se encontra a Concha Acústica, construída para ser um espaço de manifestação cultural, inaugurada em 1º de maio de 1957:

Foi projetada juntamente com o plano inicial para o traçado da cidade de Londrina, sendo ela uma das praças que constituem o desenho elipsoidal do centro. Além disso, a praça foi o primeiro “terminal” rodoviário da cidade.

No final da década de 1950, foi construída na praça a Concha Acústica, que foi projetada e executada pelo engenheiro civil José Augusto Queiroz, que desde sua inauguração até os dias atuais abrigou manifestações culturais populares e políticas.

O local ainda possui configuração de praça, embora possua pouca área coberta por vegetação. A Praça 1º de maio é de suma importância, pois integra o conjunto de quatro praças que compõem a elipse central do traçado original de Londrina (Parisotto, 2024).

**Figura 5 – Praça Primeiro de Maio**



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 22 mar. 2025.

O **Bosque Marechal Cândido Rondon** [Fig. 6] encontra-se delimitado pelas avenidas Rio de Janeiro e São Paulo, pelas ruas Piauí e Pará e pela travessa Padre Bernardo Greiss. Em contraste com as praças, definidas como “lugar aberto e espaçoso, em geral cercado de edifícios; largo” e “lugar público onde se compram mercadorias postas à venda; feira, mercado” (Michaelis, 2025b), os bosques possuem uma definição distinta: “área vegetal, não muito extensa, onde predominam arbustos e árvores, geralmente resultante da diminuição de florestas; capão, capuão, floresta, selva [...]” e “terreno coberto por esse tipo de vegetação” (Michaelis, 2025a). Essa distinção reforça sua função ambiental e paisagística, consolidando-o como um refúgio natural no tecido urbano.

Sua relevância ecológica foi inicialmente reconhecida pelo Código Ambiental do Município de Londrina (Lei n.º 11.471/2012), que o declarou como Área de Preservação Permanente (APP). Posteriormente, a Lei n.º 12.998/2019 alterou essa classificação, designando-o como Jardim Bosque — mantendo, porém, restrições à construção de vias públicas no local, a fim de preservar sua integridade. A legislação permite a manutenção de equipamentos existentes e a instalação de novos, desde que vinculados a atividades culturais, de lazer e em conformidade com as diretrizes ambientais municipais (Londrina, 2019).

A solicitação exalta o valor ambiental local, como principal área verde e APP, acrescentando principalmente o seu valor coletivo, com a instalação de outros equipamentos de lazer e esporte, monumentos e placas comemorativas:

Importante espaço público configurando a principal área verde do centro da cidade, com área doada pela Companhia de Terras Norte do Paraná. Na década de 1950 o espaço era também composto por viveiros, parque infantil, quadras e vestiários. Em 1971, foi instalado o terminal urbano de transporte coletivo que funcionou até 1978. Possui em seu interior vários monumentos e placas comemorativas. Em 2012 foi transformado em Área de Preservação Permanente, através da Lei Municipal nº 11.471/2012 (Parisotto, 2024).

**Figura 6 – Bosque Marechal Cândido Rondon**



**Fonte:** Autores (2025). Data da foto: 22 mar. 2025.

A **Praça Sete de Setembro** [Fig. 7] é delimitada pelas ruas Professor João Cândido, Piauí e Prefeito Antônio Fernandes Sobrinho. Dentre os principais valores ressaltados na solicitação, está novamente o fato de ser uma das quatro praças integrantes da elipse central do traçado original da cidade e de abrigar um monumento que homenageia o Papa Pio XII junto da estátua da Imaculada Conceição, padroeira de Londrina (Parisotto, 2024).

**Figura 7** – Praça Sete de Setembro



**Fonte:** Autores (2025). Data da foto: 22 mar. 2025.

Após a apresentação de cada praça, a solicitação fundamenta a necessidade do tombamento do conjunto, estabelecendo conexões com dois importantes momentos históricos: o início de Londrina, marcado pela criação do desenho urbano da cidade, e o processo de desenvolvimento cultural, refletido na criação de seus espaços culturais, como a Concha Acústica, localizada na Praça Primeiro de Maio. Por fim, destaca-se como os elementos, que compõem a história de Londrina, integram a memória coletiva dos londrinenses, reforçando, portanto, a importância de sua preservação:

*Justificativa:*

O traçado elipsoidal por si só já é justificado sua preservação, sendo as linhas iniciais de nossa cidade.

A Concha Acústica e Anfiteatro do Zerão edificação são pontos fortes da cultura londrinense não podendo ser esquecidas ou delapidado pelo abandono, os locais estando a alguns anos sem uso efetivo, necessitando de uma reforma e agenda de uso.

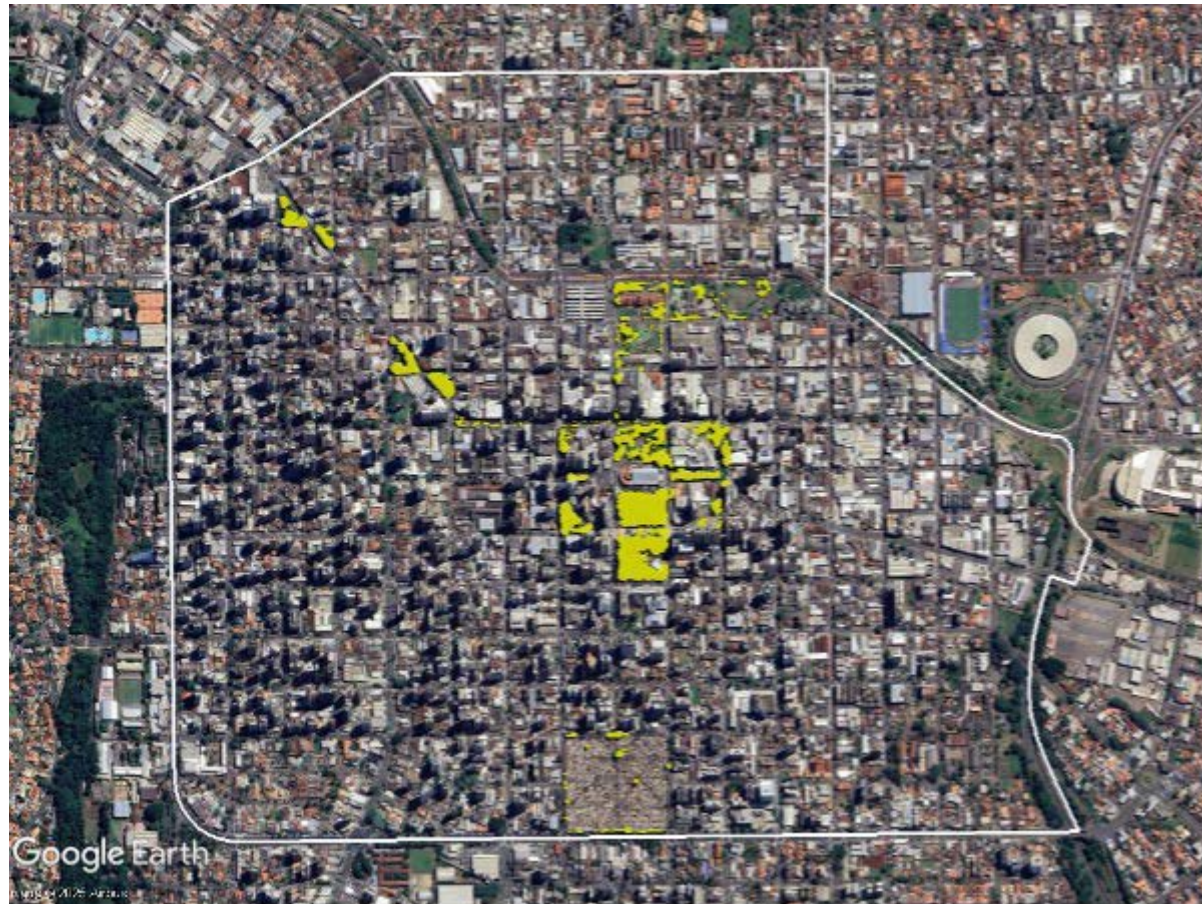
Por ser parte de uma memória afetiva deste contribuinte e de muitos outros de Londrina e região venho solicitar seu tombamento para sua preservação (Parisotto, 2024).

Ademais, é necessário ressaltar que, por estar localizado no coração do Centro Histórico de Londrina, o Conjunto Central margeia a Catedral e está inserido no entorno de importantes edifícios icônicos, como o Cine Teatro Ouro Verde e a Secretaria da Cultura (antiga Casa da Criança), ambos concebidos pelo renomado arquiteto Vilanova Artigas, assim como o antigo Fórum Municipal, todas obras atualmente tombadas.

Sendo assim, sob a perspectiva urbano-arquitetônica, considerando sua localização e sua relação com o plano inicial de Londrina, destaca-se sua relevância no contexto local, tanto histórico quanto atual. Ainda, do ponto de vista paisagístico e botânico, o conjunto se sobressai devido aos maciços vegetativos densos e de grande porte, que apresentam uma rica diversidade de espécies.

Ao analisar o recorte do bairro central, por meio do plano de massas [Fig. 8], observa-se que o conjunto das praças e áreas institucionais de acesso público apresenta o maior adensamento de espécies vegetativas de todo o bairro. Essas características não apenas cumprem um papel ambiental, ao servir de abrigo para a fauna urbana e de microclima da região de entorno, como também reforçam seu valor sociocultural, compondo a paisagem central e a memória coletiva de Londrina.

**Figura 8** – Vista aérea com perímetro do bairro central e plano de massas vegetativo



Fonte: Google Earth (2025), modificado pelos autores.

Considerando a relevância do Conjunto Central, formado pelas quatro praças da Elipse (Praça Gabriel Martins, Praça Willie Davids, Praça Primeiro de Maio e Praça Sete de Setembro), a Praça Marechal Floriano Peixoto e o Bosque Marechal Cândido Rondon para a cidade de Londrina, e destacando o objetivo principal do presente estudo técnico de analisá-lo em sua totalidade, sem a pretensão de aprofundamento nos aspectos

específicos de cada elemento individualmente, optou-se por explorá-lo em cinco momentos principais que norteiam a compreensão dos valores patrimoniais do Conjunto para a história de Londrina, nem sempre se mantendo rigidamente em datas específicas:

1. a criação das praças e do Bosque no período inicial de Londrina;
2. a consolidação do Conjunto com suas funções de espaço público e de equipamento cultural e de lazer;
3. a criação de um novo centro como Imagem, que buscou unificar o Conjunto não apenas funcionalmente, mas visualmente;
4. as disrupturas do Conjunto Central na sua forma e função;
5. as cinco Praças e o Bosque, em iniciativas de valorização como objetos singulares.

A análise das transformações pelas quais o Conjunto Central de Londrina passou, desde os primórdios da cidade até as últimas décadas, possibilita a compreensão dos valores que foram perpetuados ao longo do tempo; enquanto outros, embora perdidos, permanecem parcialmente registrados na memória coletiva. Nesse sentido, os três capítulos deste Estudo, que compõem o Volume 1 do material do Conjunto Central, dedicam-se à análise dos dois primeiros períodos, que vão desde os anos iniciais de Londrina, na década de 1930, até 1976.

Os outros três períodos, que contemplam desde 1977 até os dias atuais, estão contidos no Volume 2 do estudo do Conjunto Central. Ademais, torna-se essencial compreender a configuração atual do Conjunto, sua relação com a legislação de patrimônio de Londrina e as sugestões de diretrizes para sua preservação. Assim, essas questões também foram abordadas nos capítulos finais do Volume 2 do estudo, proporcionando uma visão abrangente e contextualizada.

Embora tenha sido necessário destacar algumas particularidades de cada espaço individualmente, a análise manteve seu foco no valor coletivo do Conjunto como um bem cultural de expressiva relevância patrimonial. Nesse sentido, estudos futuros poderão aprofundar-se em detalhamentos específicos de cada praça, permitindo contribuições significativas para a compreensão mais ampla de sua importância singular.

Adicionalmente, este estudo limitou-se às praças e aos espaços públicos mencionados no pedido de tombamento, excluindo outras praças da área central que também possam apresentar valores patrimoniais relevantes. Um exemplo notável é a Praça Rocha Pombo, já tombada em âmbito estadual, o que evidencia seu reconhecimento como parte do patrimônio cultural.

Espera-se com este Estudo, nos seus Volumes 1 e 2, compreender como o Conjunto Central, em sua totalidade, contribui para a

formação da identidade local e para a preservação do patrimônio cultural, enfatizando sua relação com o entorno e a conexão desses espaços entre si. Com isso, o estudo evidencia a importância desses locais como elementos indissociáveis da memória urbana, reforçando seu papel como resultado da evolução da cidade e como áreas de convívio e pertencimento para a população, elucidando o Conjunto como representante do patrimônio cultural de Londrina.

## 2 O Conjunto Central no Início de Londrina

O Conjunto Central surge do traçado inicial da cidade de Londrina, expresso como ideia na planta de 1932, com o contorno das seis Praças e das duas quadras do Bosque. Nos primeiros anos do município, as Praças começaram a ser utilizadas, parcialmente, com um maior destaque para a Praça Willie Davids, inserida no centro comercial da cidade, e a Praça Marechal Floriano Peixoto, ao lado da Catedral. O Bosque também apareceu com usos temporários na década de 1930, enquanto a Praça Primeiro de Maio passou a ter uso apenas no final da aludida década. Do Conjunto Central, apenas as Praças Gabriel Martins e Sete de Setembro permaneceram sem uso institucional nos anos iniciais, evidenciando o desenvolvimento da cidade nos eixos central e leste do Conjunto Central.

É de amplo conhecimento dos londrinenses que a cidade se iniciou com a chegada da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), no final da década de 1920. A CTNP foi uma empresa colonizadora de capital britânico, estabelecida no Brasil em 1925 como subsidiária da *Parana Plantations Ltd.*, sediada em Londres. Após adquirir mais de 500 mil alqueires de terras do governo do Paraná, localizadas na região norte do estado — especificamente entre os rios Tibagi e Ivaí —, a CTNP iniciou a divisão do extenso território em lotes menores. Esse processo incluiu a demarcação de áreas específicas para a criação de centros urbanos maiores, distanciados aproximadamente cem quilômetros uns dos outros, e centros urbanos menores, estabelecidos a cada quinze quilômetros.

Nesse período, a derrubada da vegetação nativa da Mata Atlântica foi a principal estratégia para viabilizar a criação da nova cidade. No entanto, esse processo não ocorreu de forma desordenada: o planejamento urbano, aliado à organização, foi uma etapa fundamental do empreendimento gerido pela CTNP<sup>4</sup>, como destacou Antonio Castelnou (2002, p. 19): “Sua instalação [de Londrina], de iniciativa britânica,

4 A propaganda da CTNP apresentava a região como um território vazio, ignorando a presença dos povos originários que aqui viviam. No entanto, há um esforço crescente para reconhecer o papel fundamental dessas populações na história local. Esse movimento se reflete em iniciativas como a inclusão de elementos da cultura indígena na exposição permanente no Museu Histórico de Londrina, que busca inserir a história indígena no contexto da cidade. Além disso, essa valorização está atrelada a um novo momento de conscientização ambiental, no qual os povos originários desempenham papel essencial na preservação e no resgate de espaços verdes.

relacionou-se a um amplo planejamento urbano-regional de uma das áreas mais férteis do país”.

Em vez de florestas, os novos moradores desejavam construir casas — inicialmente feitas de palmito, depois substituídas por edificações de madeira e, mais tarde, por construções de alvenaria. Muitos desses espaços, como o Fórum Municipal e a Casa da Família Garcia, por exemplo, tornaram-se símbolos do patrimônio inicial da cidade<sup>5</sup>.

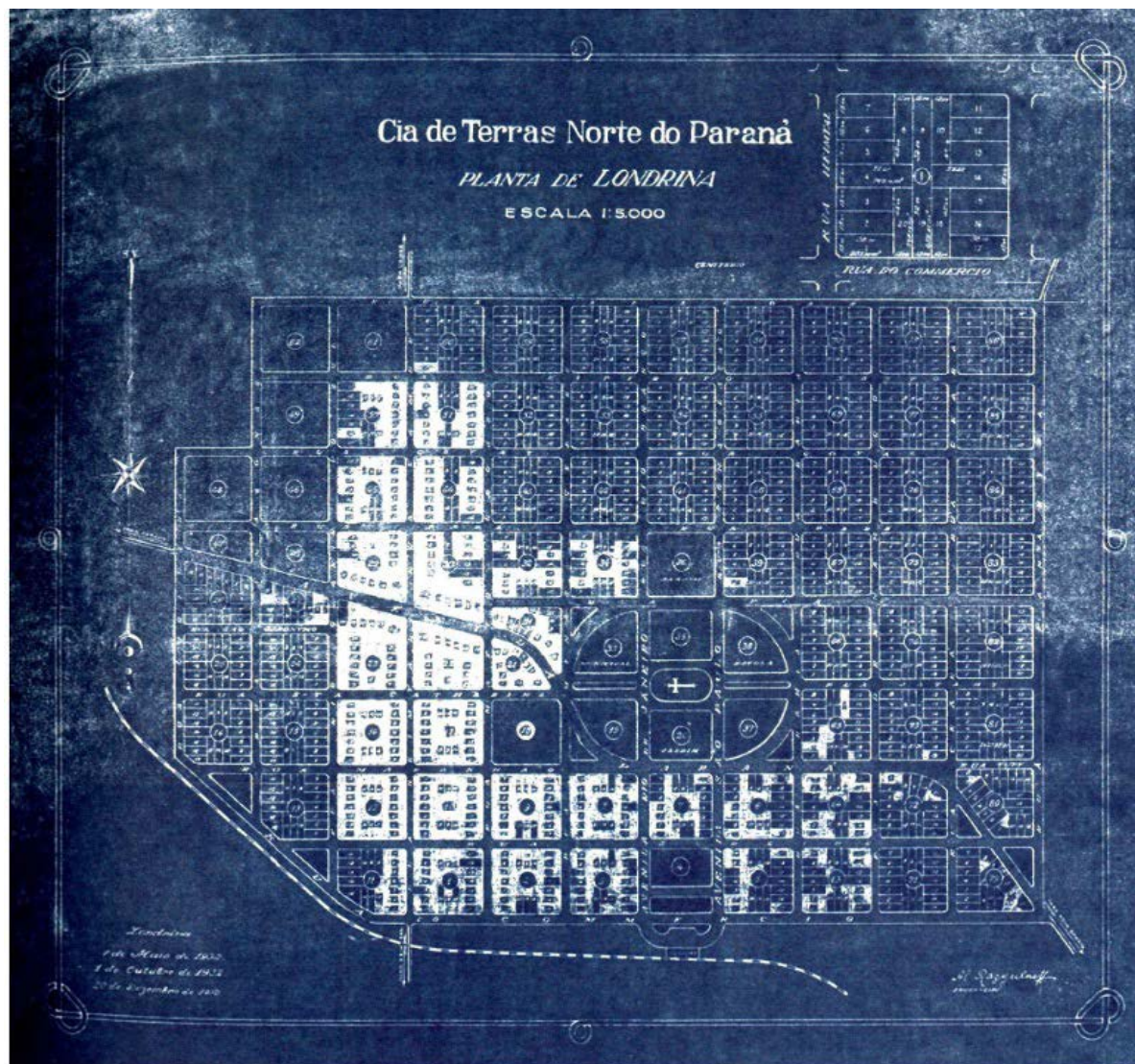
Para além dos edifícios, ao revisitar as décadas iniciais da recém-criada cidade de Londrina, percebe-se, nas cinco Praças e no Bosque aqui analisados, uma evidência dos processos de desenvolvimento urbano que moldaram a formação do centro da cidade. Esse percurso histórico ressalta o valor pioneiro desses espaços de convivência urbana, inseridos logo no começo da ocupação do município.

O primeiro documento em que os espaços de Londrina podem ser observados é o Plano Inicial de Londrina [Fig. 9], elaborado em 1932 pelo geodesta russo Alexandre Razgulaeff, funcionário da CTNP e que pode ser considerado o primeiro registro oficial do projeto da cidade. A planta apresenta a indicação do norte invertida, situação que se repete em outros documentos da época.

---

<sup>5</sup> O primeiro, atualmente tombado a nível municipal, abriga a Biblioteca Municipal de Londrina e localiza-se no centro da cidade; o segundo é um casarão localizado na avenida Higienópolis, tombado a nível estadual, onde atualmente funciona um banco.

Figura 9 – Planta azul, 1932



Fonte: IPPUL (2025).

O projeto é constituído por uma malha ortogonal de quadras retangulares seguindo o eixo norte-sul e um conjunto de quadras que forma um desenho de um retângulo com extremidades semicirculares, descrito usualmente como “elipse”<sup>6</sup>. Esse conjunto se configura como um núcleo central do projeto e marca o ponto mais alto da topografia. Além disso, a planta azul — nome popular do documento, devido à cor do papel utilizado, comum naquele período — apresenta outros elementos relevantes, como o eixo ferroviário e a diagonal pré-existente incorporada ao projeto<sup>7</sup>.

Na planta azul, as quatro praças triangulares (Praça Gabriel Martins, Praça Willie Davids, Praça Primeiro de Maio e Praça Sete de Setembro) são representadas sem numeração ou traçado interno, tendo apenas o perímetro demarcado. As ruas ao redor desses espaços já estão nomeadas, com exceção das vias que confrontam os quatro quadrantes (quadras com formato de  $\frac{1}{4}$  de círculo). O arquiteto e urbanista Humberto Yamaki (2003, p. 11) aponta que o formato triangular dessas quadras é resultado da adequação do desenho da elipse com o traçado ortogonal.

---

6 A definição de elipse para geometria é “lugar geométrico dos pontos de um plano em que a soma das distâncias de cada um dos seus pontos a dois pontos fixos é constante” (Michaelis, 2025c). Desse ponto de vista, o formato desse conjunto de quadras não pode ser descrito exatamente como elipse. No entanto, na bibliografia sobre essa Planta, convencionou-se utilizar o termo para descrever o espaço referente a esse formato.

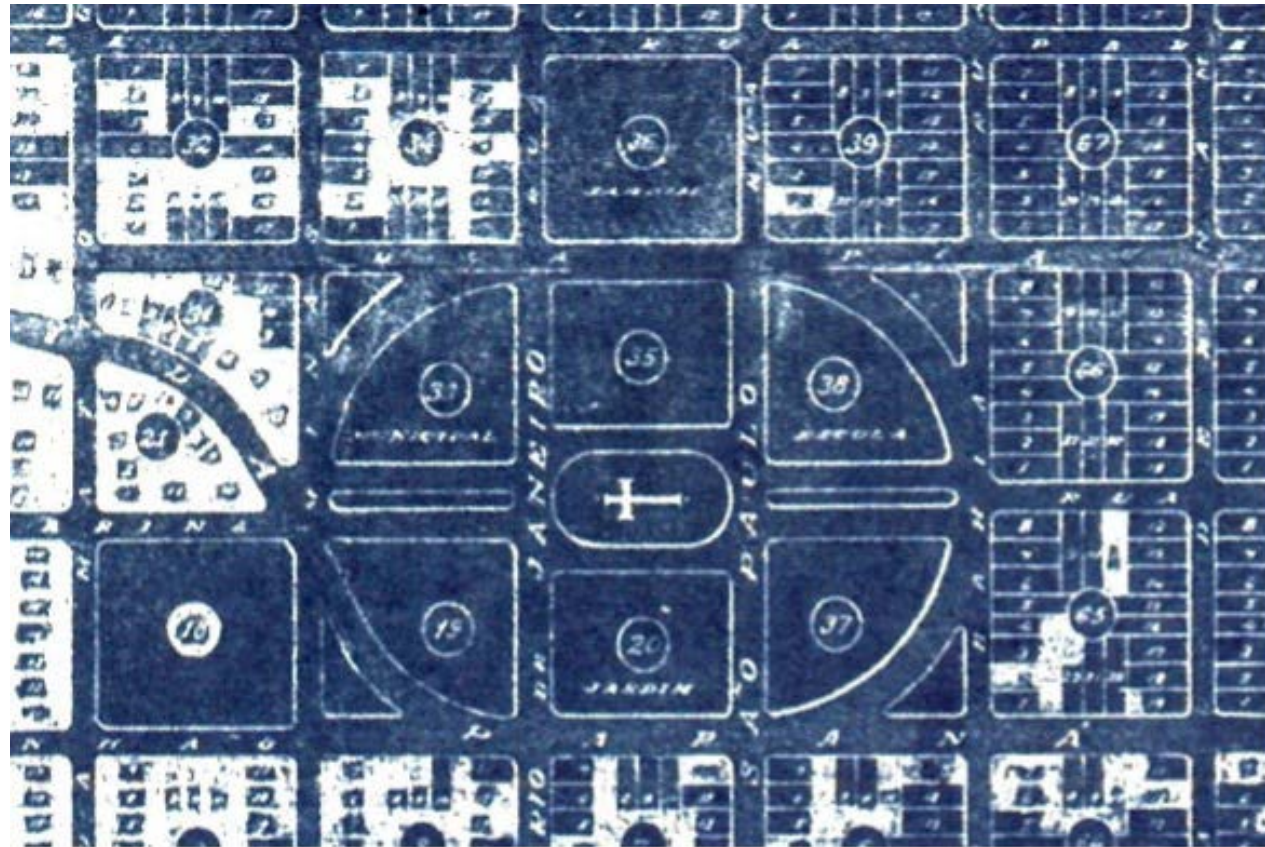
7 Tais elementos foram amplamente analisados e discutidos por Yamaki (2003; 2017).

A quadra correspondente à Praça Marechal Floriano Peixoto, identificada pelo número 20, é designada como “Jardim” e, assim como as demais, não possui traçado interno indicado, apenas o perímetro demarcado. As duas quadras correspondentes ao Bosque Marechal Cândido Rondon estão numeradas com 35 (quadra que confronta a Catedral) e 36 (que também apresenta a indicação de “Jardim”). Da mesma forma que os outros espaços livres<sup>8</sup> do plano, essas áreas têm seus perímetros demarcados, mas não possuem indicação de traçado interno [Fig. 10].

---

8 A quadra 18 também aparece vazia, sem subdivisão em lotes. No entanto, ela foi rapidamente ocupada por construções e, já nos anos seguintes, foi subdividida, como é possível observar nos documentos apresentados adiante. Atualmente, essa quadra é ocupada majoritariamente pelo Royal Plaza Shopping.

Figura 10 – Conjunto Central na planta azul, 1932



Fonte: IPPUL (2025).

É possível observar que as quadras ao redor da elipse já estão divididas em lotes, sendo que alguns dos lotes aparecem pintados, indicando que já estavam reservados ou vendidos à época (Yamaki, 2017, p. 65). Há uma ocupação concentrada em áreas que, até os dias atuais, mantêm vocação comercial, como a avenida Duque de Caxias (no trecho denominado rua Heimtal e rua Cambé, à época), a avenida Paraná (atual Calçadão

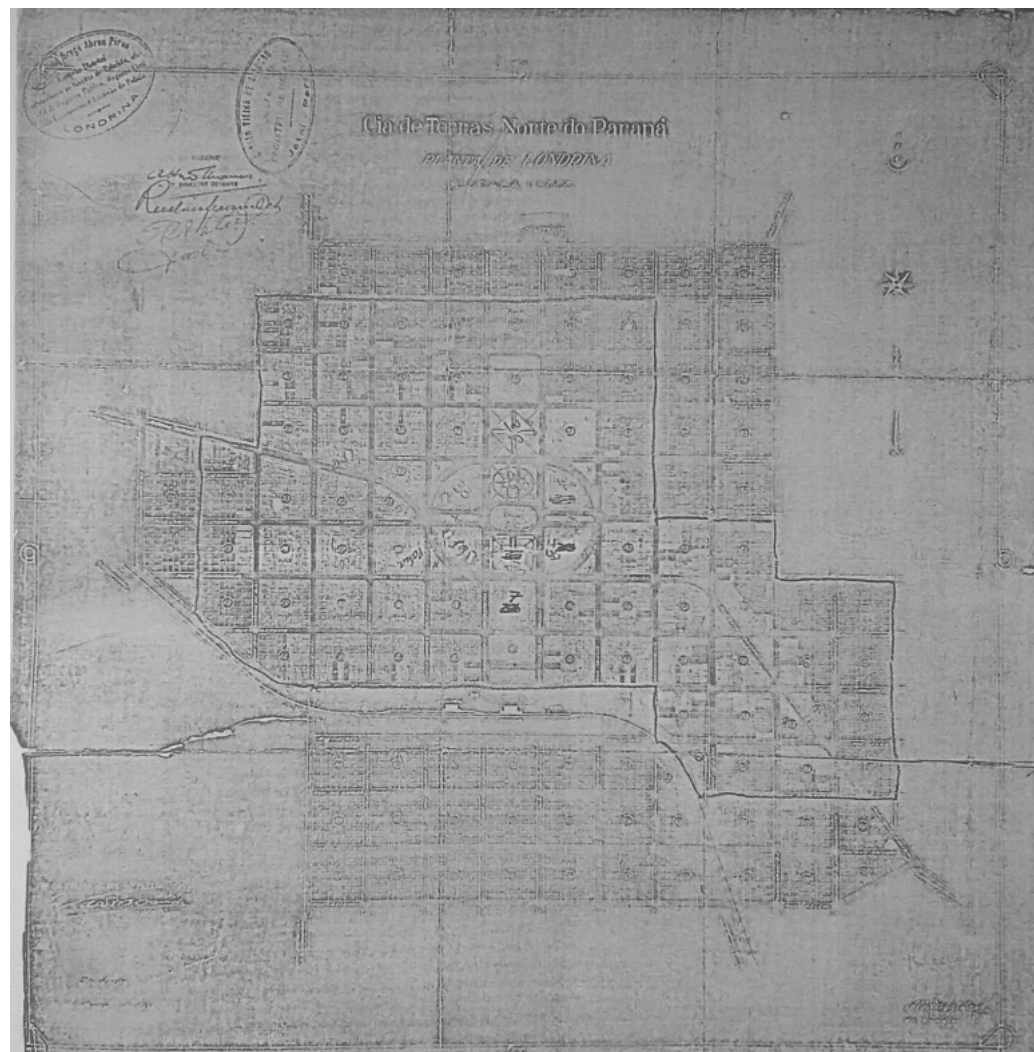
e avenida Celso Garcia Cid), além da região próxima à estação ferroviária. A expansão da ocupação ocorreu predominantemente no sentido nordeste, evidenciando o desenvolvimento urbano da região a partir desses eixos comerciais e da conexão com a ferrovia.

As quadras em formato de  $\frac{1}{4}$  de círculo não apresentam subdivisões em lotes, assim como as quadras triangulares. A Praça Sete de Setembro (à frente da quadra 38) destaca-se como a que está mais distante dessa ocupação inicial, com apenas um lote próximo aparecendo pintado no mapa, enquanto a Praça Primeiro de Maio (à frente da quadra 31) é a que possui mais lotes pintados no entorno.

Na quadra central da elipse, uma cruz demarca o local destinado à implantação da igreja matriz. No cruzamento entre a avenida Paraná e a rua Santa Catharina, não há indícios da rotatória que existe atualmente. Por outro lado, as duas alamedas que cortam o centro da elipse no sentido leste-oeste são representadas com os canteiros centrais indicados, que permanecem até hoje. Ademais, segundo Yamaki, “Pode-se afirmar, portanto, que no Plano Inicial de Londrina não havia indicação de Praças, não existiam Praças” (Yamaki, 2006, p. 15). Contudo, ainda que o nome “praça” não esteja presente no planejamento inicial, há espaços livres para convivência, que, muito rapidamente, foram se transformando nas primeiras praças do município de Londrina.

Em 10 de dezembro de 1934, a cidade foi oficialmente instituída. Segundo Castelnou, a cidade passou de cem lotes vendidos em 1930 para oitocentos em 1934 (Castelnou, 2002, p. 32). Nesse momento, um segundo documento foi elaborado: a Planta da Cidade de Londrina de 1934 [Fig. 11], também assinada por Razgulaeff, em companhia de Arthur Thomas. Ela traz a expansão ao norte da malha inicial prevista no plano de 1932, elaborada pela CTNP e, da mesma forma que o documento anterior, traz a representação do norte invertida.

Figura 11 – Planta da Cidade de Londrina, 1934



Fonte: Yamaki (2003, p. 19).

Essa planta é o documento mais antigo a apresentar o traçado da Praça Marechal Floriano e das duas quadras do Bosque Marechal Cândido Rondon. Na primeira, observa-se um traçado composto por linhas ortogonais e diagonais que cruzam seu perímetro, formando os caminhos internos. Em seu centro, destaca-se uma forma circular que reforça a centralidade do desenho [Fig. 12].

**Figura 12** – Conjunto Central na Planta da Cidade de Londrina, 1934



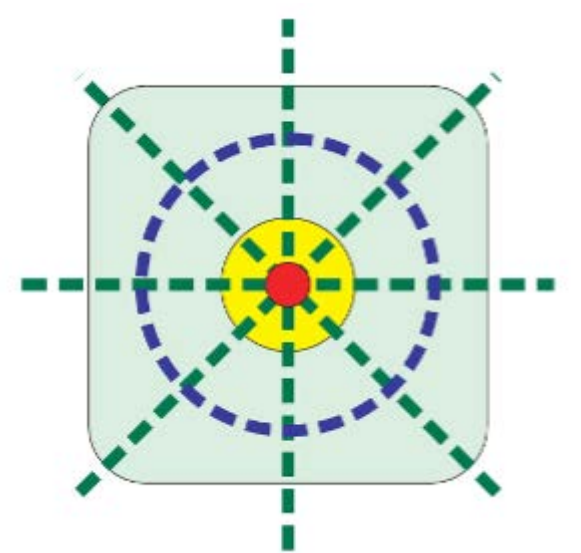
**Fonte:** Yamaki (2003, p. 19).

Em uma reportagem de 1997, a informação é de que o traçado se refere ao desenho da bandeira da Inglaterra (Menina [...], 1997), remetendo à ideia de que a escolha fora uma homenagem ao país de origem da CTNP. Castelnou também relembra que a Praça ficou conhecida como Praça da Bandeira não apenas pelo mastro ali instalado em 1944, mas pelo traçado que lembra a bandeira inglesa (Castelnou, 2002, p. 47).

Esse foi um mito recorrente em Londrina e vigora ainda hoje, aliado ao fato de que também nessa praça houve várias cerimônias de hasteamento da bandeira nacional (cujo contexto será explicitado mais adiante). No entanto, o formato de asterisco, que combina as formas de cruz e xis, foi um tipo de configuração recorrente na história do urbanismo e do paisagismo. Segundo Yamaki ressalta, a solução permitia “o acesso e a passagem de maneira homogênea, o traçado era funcional e conveniente, e possivelmente não uma ‘bandeira inglesa’, como sugerem alguns autores” (Yamaki, 2003, p. 22).

Ademais, o traçado da Praça Marechal Floriano Peixoto remete às praças ecléticas de inspiração clássica (francesa) [Fig. 13 e 14], que predominaram no Brasil até a primeira metade do século XX. Conforme Macedo e Robba (2002), essas praças fazem uso da geometria e da simetria, com vegetação arbustiva plantada como bordadura dos canteiros e caminhos. Estes, organizados em formato de cruz, conduzem a um espaço central de convivência, marcado por um ponto focal — geralmente um elemento verticalizado, como um monumento, fonte, chafariz ou coreto. No caso da Praça Marechal, esse ponto focal é o mastro para bandeira. Ainda segundo os autores, esse tipo de praça possui um passeio perimetral, que integra os diferentes elementos da praça.

**Figura 13** – Esquema da tríade clássica básica, com caminhos em cruz (verde), estar central (amarelo) com ponto focal (vermelho) e passeio perimetral (azul)



Fonte: Macedo; Robba (2002).

**Figura 14** – Exemplo de praça eclética (praça no Setor Militar de Brasília)



Fonte: Macedo; Robba (2002).

Dessa forma, como defendeu o arquiteto e urbanista Humberto Yamaki, em reportagem para a *Folha de Londrina* (Schwartz, 2003): a escolha do traçado está mais relacionada a soluções paisagísticas tradicionais do que propriamente atrelada a uma homenagem à bandeira inglesa.

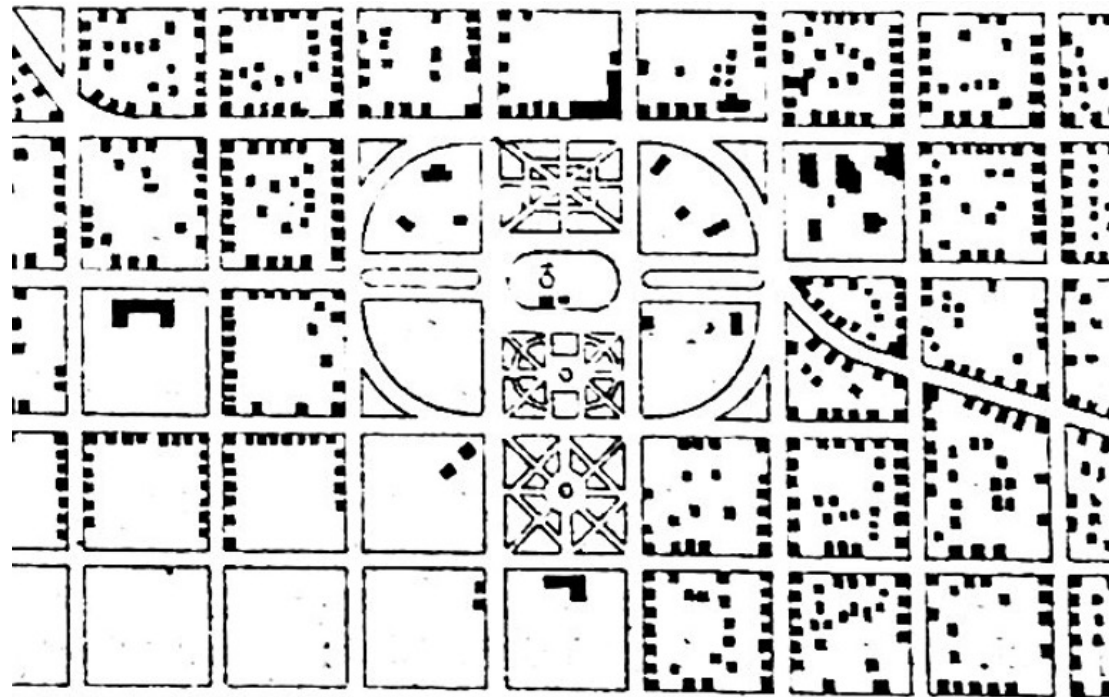
Quanto às duas quadras que compõem o Bosque Marechal Cândido Rondon, observa-se, na Planta de 1934, que ambas são cortadas pela rua Piauí. Nelas tem-se um desenho de traçado definido: a quadra ao norte, que faz limite com a Catedral, repete a solução em formato de asterisco para organizar os caminhos internos, mas incorpora também uma elipse, além de um elemento circular que demarca o centro; seu perímetro é retangular e possui as mesmas dimensões da Praça Marechal Floriano Peixoto. Já a quadra localizada ao sul tem formato mais próximo de um quadrado, seguindo o padrão das demais quadras da malha ortogonal; seu traçado interno também adota o desenho em asterisco, mas inclui um losango e, assim como as outras, sua centralidade é marcada por um elemento circular.

Dessa forma, as três quadras que têm seus traçados internos representados na Planta de 1934 seguem, basicamente, a mesma solução em asterisco, com a centralidade demarcada por um elemento circular, diferenciando-se apenas pelos detalhes geométricos incorporados à composição. Por outro lado, as quatro praças triangulares

não possuem traçado interno definido e apresentam uma anotação ilegível na imagem disponível. As quadras ao redor são numeradas, embora a maioria dessas numerações também esteja ilegível.

O mapa intitulado “Londrina, Detalhe do Mappa Parcial, estado do Paraná” datado de 1939 [Fig. 15] apresenta uma representação esquemática das construções, trabalhando a relação figura-fundo. Essa representação permite observar o predomínio das construções alinhadas aos limites dos lotes, seguindo o alinhamento predial. Não há indicação dos nomes das ruas, numeração das quadras ou subdivisão dos lotes.

**Figura 15** – Representação do conjunto de praças no “Londrina, Detalhe do Mappa Parcial”, 1939



Fonte: Yamaki (2003, p. 25).

O traçado da Praça Marechal Floriano Peixoto e das duas quadras do Bosque Marechal Rondon, que já haviam sido representados no mapa de 1934, aparece aqui com maior clareza. As quatro Praças em formato triangular não possuem desenho de caminhos internos. Três dos quatro quadrantes do núcleo central apresentam algumas edificações, com exceção da quadra voltada para a Praça Sete de Setembro, que se mostra menos ocupada. Dentre as Praças, a que possui o maior número de edificações voltadas para ela é a Gabriel Martins, evidenciando uma ocupação mais consolidada em seu entorno. Essa distribuição das construções reflete padrões distintos de ocupação e desenvolvimento ao redor desses espaços públicos.

Outros documentos iniciais sobre as praças centrais são reportagens e fotografias. No primeiro caso, o jornal *Paraná Norte* — primeiro jornal fundado na cidade e que circulou entre 1934 e 1953 — traz algumas referências às questões vivenciadas no município; já as fotografias são parte de um importante acervo do Museu Histórico de Londrina (MHL), que conta com álbuns de fotografias dos primeiros fotógrafos da cidade, sejam eles contratados da CTNP, para registrar a cidade, ou apenas amantes da fotografia.

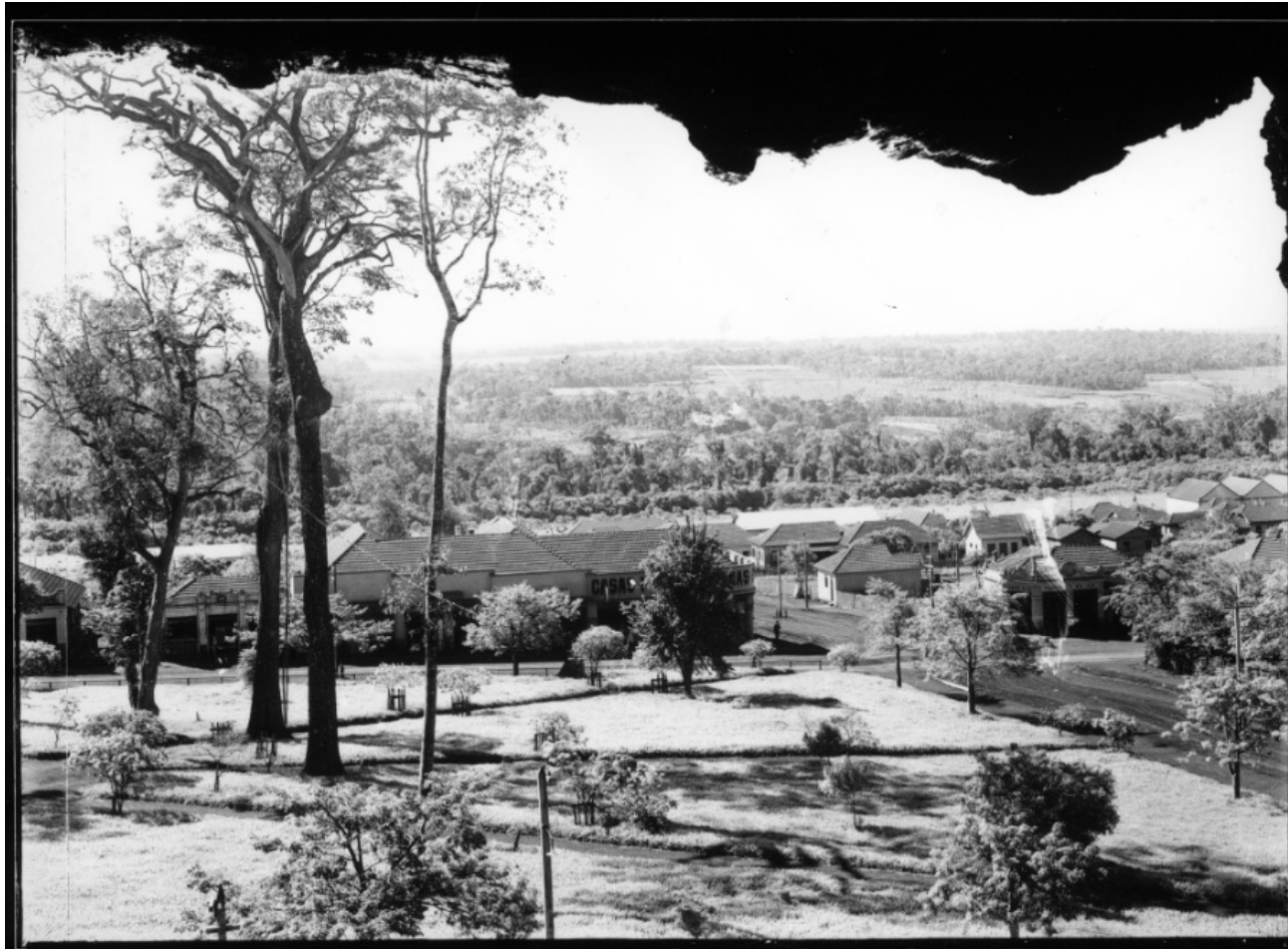
O primeiro deles é a atual Praça Marechal Floriano Peixoto. Em uma reportagem do *Paraná Norte*, de 21 de novembro de 1937 (O Dia [...], 1937, p. 1), informa-se que o Dia da Bandeira (19 de novembro) foi celebrado com o hasteamento da bandeira na “praça do jardim”, com a presença de uma banda musical e alunos do Grupo Escolar cantando o *Hino à Bandeira*. A tal praça do jardim — possível referência à indicação da planta azul — trata-se da Praça Marechal Floriano Peixoto.

Contudo, segundo Yamaki (2006, p. 15), ela era chamada apenas de Praça da Matriz. Somente no Ato 13, datado de 31 de dezembro de 1937 e divulgado no *Paraná Norte* de 9 de janeiro de 1938 (ACTO 13, 1938, p. 3), o prefeito Willie Davids instituiu oficialmente a praça localizada entre a igreja matriz e a avenida Paraná, nomeando-a como Ruy Barbosa — em ato anterior (de número 12), foi nomeada a Praça

Rocha Pombo, tornando-as, portanto, as duas primeiras praças da cidade de Londrina (Yamaki, 2006, p. 15).

Duas imagens, possivelmente da década de 1930, mostram o traçado da Praça Marechal Floriano Peixoto, evidenciando um formato similar ao dos mapas de 1934 e 1939. Além disso, há uma alternância no porte da vegetação, com algumas de grande porte e outras menores que acompanham o traçado interno [Fig. 16 e 17]. Nas fotografias, não aparecem mobiliários iniciais, como bancos e luminárias.

**Figura 16** – Praça Marechal Floriano Peixoto, [1938]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

**Figura 17** – Praça Marechal Floriano Peixoto, [193-]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

Pouco tempo depois, em uma foto de Carlos Stender, já se identificam os primeiros elementos existentes na Praça, como um coreto [Fig. 18]. Em relação à avenida Paraná, a Praça ainda não tinha seus contornos bem definidos, apenas uma grande diferença de nível. O tipo de pavimentação em ambas (na via e na Praça) era terra batida. As escadas eram feitas com contenção de terra em estruturas de madeira. Não é possível

identificar o tipo de desenho dos caminhos internos, mas é notório que era possível cruzar a praça em vários sentidos e chegar ao centro, onde havia o coreto de madeira. A tipologia de construção do coreto não se diferenciava da paisagem de entorno, composta por estruturas em aparente construção em madeira, com varandas na fachada.

**Figura 18** – Praça Marechal Floriano Peixoto, [1938]



**Fonte:** Foto Carlos Stenders. Acervo do MHL (2025).

A Praça apresentava uma arborização de espécies de porte adulto com diferentes tipologias de copa, espalhadas aleatoriamente. É possível que essas tipologias sejam resquícios de espécies da Mata Atlântica, dado seu porte e disposição. Algumas árvores de pequeno porte parecem acompanhar o traçado da Praça, mas devido à disposição da foto, é possível ver apenas poucas unidades.

Em outra fotografia [Fig. 19] nota-se a tipologia de mobiliário urbano usado na época, com dois pés desenhados e o assento inteiriço em concreto ou outro material que permitisse uma unidade sólida e resistente. No encosto do banco, há algo inscrito, possivelmente uma propaganda dos comércios e serviços da cidade ou nome das famílias doadoras das peças, prática comum na época. Segundo Yamaki (2006, p. 15), houve uma “discussão sobre a autorização para instalação, sem custo ao Município, de bancos de granito com incrustação de madrepérolas nos jardins da cidade [...], fato que aparentemente não foi viabilizado”.

**Figura 19** – Praça Marechal Floriano Peixoto, [1938]



**Fonte:** Foto de Carlos Stenders. Acervo do MHL (2025).

O segundo espaço que pode ser melhor detalhado é a Praça Willie Davids. Imagens feitas pelo fotógrafo José Juliani mostram a primeira e a segunda rodoviária de Londrina, localizadas à frente do escritório da CTNP, portanto, na atual Praça Willie Davids. Segundo Cesário e Magalhães (2016), é possível que a primeira [Fig. 20] tenha sido construída logo no início da cidade, entre 1931 e 1932, e tenha funcionado até 1934, quando foi substituída pela segunda construção com o letreiro “Heim & Garcia” (atual Viação Garcia Ltda.) [Fig. 21].

**Figura 20** – Vista da cidade (à direita, a primeira rodoviária de Londrina), 1934



**Fonte:** Foto de José Juliani. Acervo do MHL (2025).

As informações contida em Castelnou contestam parcialmente tais informações, afirmando que a primeira rodoviária teria sido implantada próximo à esquina da rua Maranhão (avenida Paraná) com a rua Minas Gerais, “[...] onde atualmente se situa o Banco Mercantil de São Paulo, em frente à Praça Willie Davids” (Castelnou, 2002, p. 55), enquanto apenas a segunda rodoviária teria sido construída na

Praça. De fato, as imagens da primeira rodoviária parecem mostrar que esta se situava ao lado de outros edifícios. À sua frente, há uma área vazia, que pode se tratar da futura Praça Willie Davids, sem qualquer estrutura inicial.

Nas imagens da segunda rodoviária [Fig. 21 e 22], o que se procurou captar foi o seu funcionamento, com passageiros em pé e veículos parados. Não é possível identificar o perímetro representado nas plantas iniciais (de 1932 e 1934), com exceção da segunda foto, em que se observa uma pequena curva ao lado esquerdo. No entanto, as imagens mostram a distância maior da rodoviária para outros edifícios do entorno, evidenciando a implantação da Praça.

**Figura 21** – Segunda rodoviária de Londrina, 1937



**Fonte:** Foto de José Juliani. Acervo do MHL (2025).

**Figura 22** – Segunda rodoviária de Londrina, 1938



**Fonte:** Foto de José Juliani. Acervo do MHL (2025).

Outra foto mostra parcialmente a Praça Marechal Floriano Peixoto com as mesmas características de traçado e vegetação e, aos fundos, a Praça Willie Davids já com a segunda rodoviária implantada [Fig. 23], cuja imagem está assinada por Hans Kopp. É provável que a foto seja de data entre 1936 e 1937, quando Kopp chegou à região de Londrina, ocupando um sítio na atual cidade de Rolândia. A imagem mostra aos fundos a antiga estação na esquina da rua Minas Gerais com a rua Maranhão, e a segunda rodoviária voltada para a rua Maranhão (avenida Paraná). A foto também mostra que a Praça Willie Davids, embora com uso, não apresentava acabamento no contorno de seu formato, traçados internos ou mobiliários.

**Figura 23** – Praças Marechal Floriano Peixoto e Willie Davids, [1936–1937]



Fonte: Foto de Hans Kopp. Acervo do IPPUL (2025).

Segundo a Ficha de Inventário (Siglon, P25), a Praça Willie Davids teria sido a primeira da cidade, contudo, não foi possível identificar exatamente quando fora instituída como tal — como exposto anteriormente as primeiras praças oficialmente nomeadas no município foram a Praça Rocha Pombo e a Praça Marechal Floriano Peixoto (na ocasião nomeada como Ruy Barbosa).

Em outra foto do fotógrafo Hans Kopp, observa-se o local da futura Praça Primeiro de Maio [Fig. 24].

**Figura 24** – Praça Primeiro de Maio, [1936–1937]



**Fonte:** Foto de Hans Kopp. Acervo do MHL (2025).

Na imagem, destaca-se a importante ocupação à frente do espaço onde seria a Praça futuramente. O terreno é identificado pelo formato triangular, pela diferença de texturas e cores entre sua vegetação rasteira, possivelmente do tipo gramínea, e pela pavimentação externa em terra batida. Apesar de seu perímetro estar demarcado, o espaço não apresenta traçado interno.

Segundo a Ficha de Inventário (Siglon, P23), a Praça Primeiro de Maio foi a primeira rodoviária da cidade, no entanto, Leandro Henrique Magalhães aponta que o espaço foi destinado à terceira rodoviária da cidade (Cesário; Magalhães, 2016, p. 15-16), também confirmado por Castelnou (2002) — cenário mais plausível, já que as duas primeiras se localizavam na Praça Willie Davids, conforme descrito acima.

Duas fotos do acervo do MHL, ainda que sem data, parecem ser desse período inicial de transformação da Praça Primeiro de Maio, quando recebeu a rodoviária [Fig. 25 e 26].

**Figura 25** – Praça Primeiro de Maio, [193-]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

**Figura 26** – Praça Primeiro de Maio, [193-]



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

Na primeira imagem, é possível observar a ocupação do espaço com uma estrutura simples coberta, que abrigava passageiros; enquanto na segunda, mais distanciada, observa-se a curva da rua, que remete ao traçado triangular do perímetro da Praça. Magalhães reforça ainda que: “Segundo opiniões da época, em termos de edificação, a terceira rodoviária pareceu um retrocesso em relação à segunda, pois o prédio voltou a ser uma construção de madeira, de tamanho pequeno” (Magalhães, 2016, p. 16).

Ademais, pelas imagens, não é possível identificar o ano exato de mudança do funcionamento das rodoviárias, sendo que Castelnou (2002) fala da mudança para a terceira rodoviária na década de 1940, e as outras duas na década de 1930. Contudo, elas revelam que os espaços triangulares foram utilizados como um importante ponto de chegada na cidade. Ainda que não tenham se tornado praças, como entendemos hoje, eram espaços urbanos de uso coletivo bastante importantes para o município recém-criado.

Quanto ao Bosque Marechal Cândido Rondon, sabe-se que inicialmente o espaço foi cedido à prefeitura pela CTNP. Em imagens da primeira Catedral de Londrina (1936–1938), no espaço ao lado, pode ser identificado um importante adensamento de mata, possivelmente ainda nativa, que identificava a quadra norte do Bosque [Fig. 27].

**Figura 27** – Catedral de Londrina, [1936–1938]



**Fonte:** Acervo de Heraldo Farias. Imagens [...] (2021).

Em imagens do fotógrafo José Juliani, observa-se a quadra sul, em registros de um churrasco, de 4 de fevereiro de 1936 [Fig. 28], e um piquenique envolvendo alunos e religiosas do Colégio Mãe de Deus, instalado em 1936 em frente ao espaço do Bosque [Fig. 29]. Há ainda uma terceira foto, que focalizou o prédio do Colégio Mãe de Deus, no final da década de 1930, mas que, em primeiro plano, registra as árvores do Bosque [Fig. 30].

**Figura 28** – Churrasco no Bosque, 1936



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

**Figura 29** – Piquenique no Bosque, [193-]



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

**Figura 30** – Vista do Colégio Mãe de Deus, 193-



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

Dessa forma, nesse período inicial de formação do Conjunto Central, observa-se principalmente uma relação de conjunto de áreas destinadas a espaços abertos no centro da cidade, sem configuração de usos específicos ou tratamentos formais, com exceção do uso de “jardim” ao lado da Catedral, na Praça Marechal Floriano Peixoto. Criados a partir do desenho marcante da “elipse” central, com a malha ortogonal e o eixo leste–oeste da avenida Paraná, as Praças e o

Bosque apresentavam os contornos bem definidos e os traçados iniciais internos esboçados principalmente no eixo central do Conjunto. Além disso, nota-se o uso das Praças em formato triangular para implantação de equipamentos importantes ao funcionamento da cidade, como a rodoviária na Praça Willie Davids e Praça Primeiro de Maio.

### 3 A Consolidação do Conjunto com suas Funções de Espaço Público e de Equipamento Cultural e de Lazer (1941-1968)

Nas décadas de 1940 e 1950, houve a consolidação do Conjunto Central, direcionando usos específicos para cada praça e uma ordenação formal inicial com equipamentos urbanos (bancos, luminárias e vegetação). A primeira praça a apresentar tratamentos específicos na configuração de uso é a Praça Marechal Floriano Peixoto, seguida pela Praça Willie Davids, Bosque, Praça Gabriel Martins, Praça Primeiro de Maio e, por fim, Praça Sete de Setembro.

Algumas intervenções foram mais marcantes, criando uma intenção inicial de identidade visual principalmente nas praças ao norte do Conjunto Central (Gabriel Martins, Marechal Floriano Peixoto e Willie Davids), enquanto outras intervenções foram feitas de forma pontual e não deram continuidade visual com o uso total dos mesmos equipamentos urbanos, mostrando uma intenção parcial de tratamento do Conjunto Central como um grupo.

## 3.1 O Conjunto Central na década de 1940

No início dos anos 1940, uma nova planta da cidade foi elaborada pela CTNP [Fig. 31]. Ela apresenta a permanência do Conjunto Central nos contornos de quadras específicas e o mesmo traçado interno observado no documento de 1934 para a Praça Marechal Floriano Peixoto e para as duas quadras do Bosque Marechal Cândido Rondon, porém, com maior clareza e detalhamento, especialmente no que diz respeito aos caminhos e canteiros. As quatro praças triangulares, no entanto, ainda não possuíam traçados internos representados, sendo indicadas por meio de hachuras idênticas às utilizadas para os canteiros das praças mencionadas anteriormente. O mesmo padrão de hachura é aplicado ao canteiro central das alamedas.

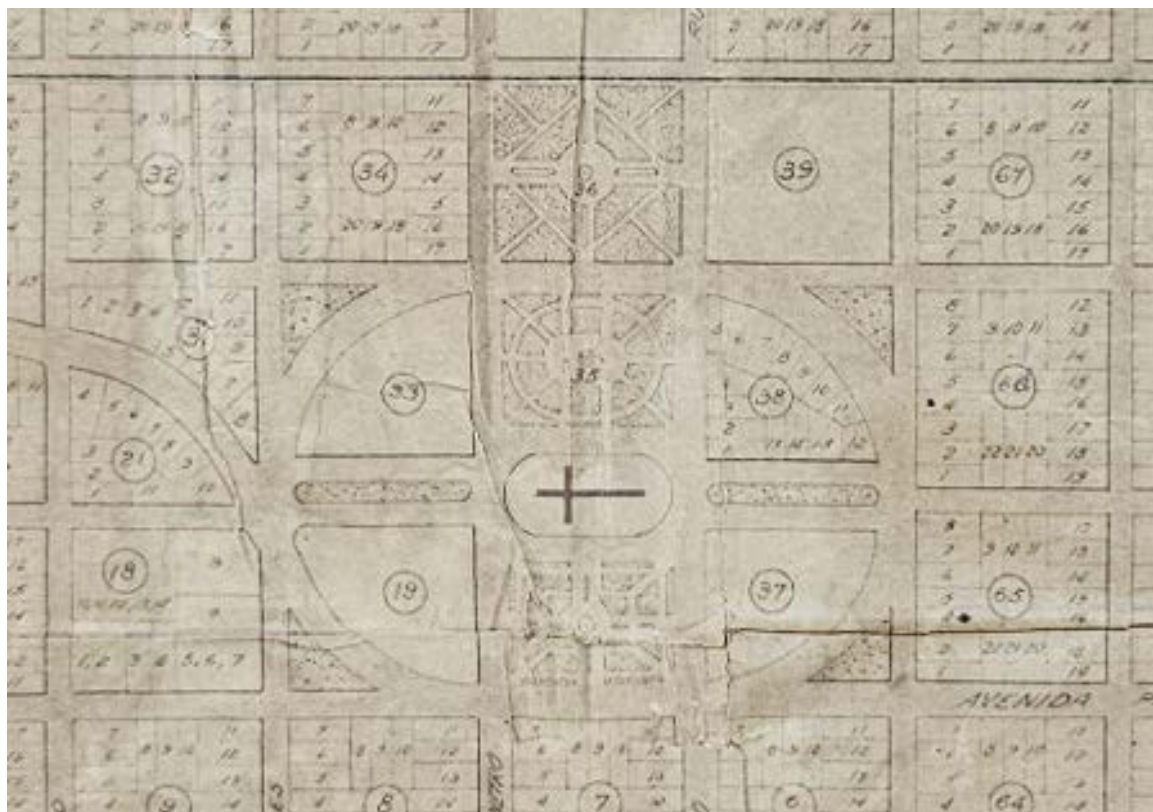
**Figura 31** – Planta da Cidade de Londrina, 1941



Fonte: Acervo do NDPH (2025).

Uma alteração significativa em relação à planta de 1934 foi a subdivisão em lotes da quadra 38 e 18, localizada em frente à Praça Sete de Setembro e em frente à Praça Willie Davids, respectivamente [Fig. 32]. Enquanto isso, os demais quadrantes que compõem a elipse mantiveram-se sem subdivisão, preservando sua configuração original. Essa mudança na quadra 38 sugere uma adaptação do desenho urbano às demandas de ocupação e uso do solo naquele período.

**Figura 32** – Detalhe da Planta da Cidade de Londrina, 1941



Fonte: Acervo do NDPH (2025).

Essa mudança na ocupação de Londrina também pode ser percebida com o início de um maior tratamento dos espaços de convivência no centro da cidade. Isso está diretamente ligado com os acontecimentos nacionais e internacionais: entre o final da década de 1930 e o início da década de 1940, é preciso lembrar que o contexto mundial era de bastante incerteza, com a Segunda Guerra Mundial (1939–1945); também o contexto nacional passava por importantes instabilidades com o Golpe do Estado Novo (1937–1945).

Esses conflitos refletiram um crescimento menos acentuado na região de Londrina, como afirmou Castelnou (2002, p. 45). Por outro lado, como destaca Juliana Suzuki, a abertura de novas fronteiras agrícolas, derivada da proibição do plantio de café, exceto no Paraná e em estados com menos de 50 milhões de cafezais, fez com que o Paraná assumisse o lugar de São Paulo como principal exportador. Segundo a autora, a instabilidade dos preços do café até afetou a venda de lotes em Londrina, mas essa situação foi revertida com a valorização do produto em 1941 e, posteriormente, em 1946 (Suzuki, 2011, p. 29).

Edson Holtz Leme também destaca que:

Com o final da Segunda Guerra Mundial e a normalização do comércio mundial, o preço do café não parou de subir. Esse fato provocou uma rápida e progressiva recuperação da economia cafeeira. A expansão dos cafezais, na região, impulsionou a

economia. Londrina rapidamente se transformaria, na década de 1950, na chamada capital mundial do café. A riqueza gerada pelo ouro verde contagiou as elites locais. A cidade virou um grande canteiro de obras (Leme, 2013, p. 79).

Também é preciso lembrar que os conflitos mundiais e a consequente crise impulsionaram o crescimento de certos empreendimentos em Londrina, como as Indústrias Mortari, que se estabeleceram na região em 1936 e expandiram suas atividades com o aumento da exportação de madeira. Inicialmente voltada para o mercado interno de Londrina, a empresa passou a fornecer madeira para frotas europeias diretamente envolvidas na guerra<sup>9</sup>.

Nessas circunstâncias, a recém-criada Londrina refletiu algumas das principais questões econômicas e sociais vivenciadas entre o final da década de 1930 e o início da de 1940. Esse contexto influenciou a organização urbana e o planejamento da cidade, que apesar de uma pequena pausa, parece ter se acelerado a partir de meados da década de 1940.

Em 1943, uma matéria do jornal *Paraná Norte* (O ajardinamento [...], 1943, p. 3) aborda sobre o ajardinamento da Praça Marechal Floriano Peixoto. Nesse momento, a Praça já não é mais designada por Rui Barbosa, como foi nomeada em 1937, e não foi possível

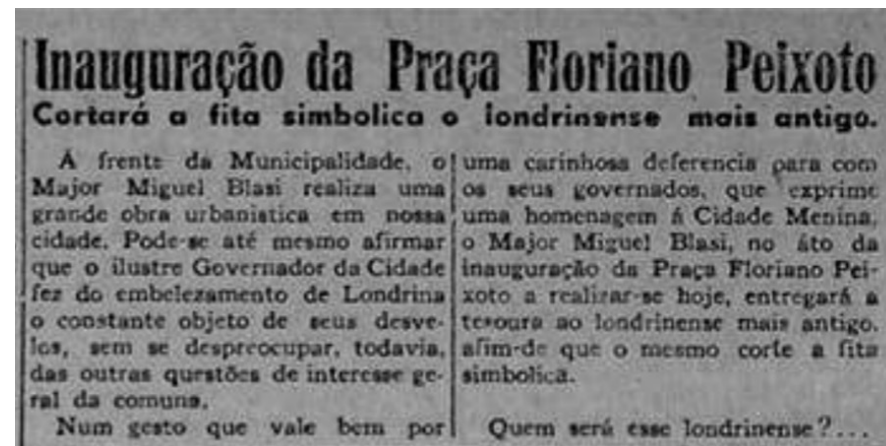
---

<sup>9</sup> Para conhecer mais sobre a história das Indústrias Mortari, há um estudo técnico, pertencente a esta coleção, que teve como objetivo a análise de uma chaminé remanescente da empresa. Ver Caires *et al.*, 2025.

identificar quando exatamente o nome foi alterado. Na reportagem, a mudança de nome não é mencionada, uma vez que o assunto são as importantes obras que estavam em execução, entre elas, a terraplanagem, a compra de plantas ornamentais e a construção de um monumento nomeado como “Altar da Pátria”.

Sobre essa obra, o *Jornal de Londrina*, em 12 de novembro de 2008, conta que o artista Lauro Tramontini, que esculpiu o Altar da Pátria, retirou pedras de uma fazenda no atual bairro Bandeirantes, com alavancas rudimentares, pois não havia guindastes. As pedras trazidas para o centro eram “pedras-bolas amarelas” e foi um desafio para Tramontini esculpir os ângulos retos. A reportagem também informa que a escultura, então pintada de creme e pichada, originalmente era cinza e possuía uma placa de bronze, que fora perdida (Altar [...], 2008). Ainda, a Ficha de Inventário (Siglon, M03) informa que o monumento foi nomeado como “Mastro”; nele constava uma placa de bronze com os dizeres: “Ao civismo do povo de Londrina, homenagem da Prefeitura Municipal. Sete de Setembro de 1943”. A Ficha informa ainda que a placa foi roubada em 16 de setembro de 2007. O jornal *Paraná Norte* fez uma menção à inauguração, em 7 de setembro de 1943, incitando a curiosidade sobre quem cortaria a fita simbólica (Inauguração [...], 1943) [Fig. 33].

Figura 33 – Reportagem do jornal Paraná Norte, 7 de setembro de 1943



Fonte: Acervo do MHL (2025).

A escolhida foi Nagela Hauly, a primeira menina registrada na comarca de Londrina, como lembra uma reportagem da *Folha de Londrina* em 1997 (Menina [...], 1997) [Fig. 34]. Além disso, foram também publicadas fotografias do acervo familiar de Hauly, mostrando a criança, então com dez anos, ao lado de militares e outras autoridades.

**Figura 34** – Reportagem da *Folha de Londrina*, 12 de dezembro de 1997



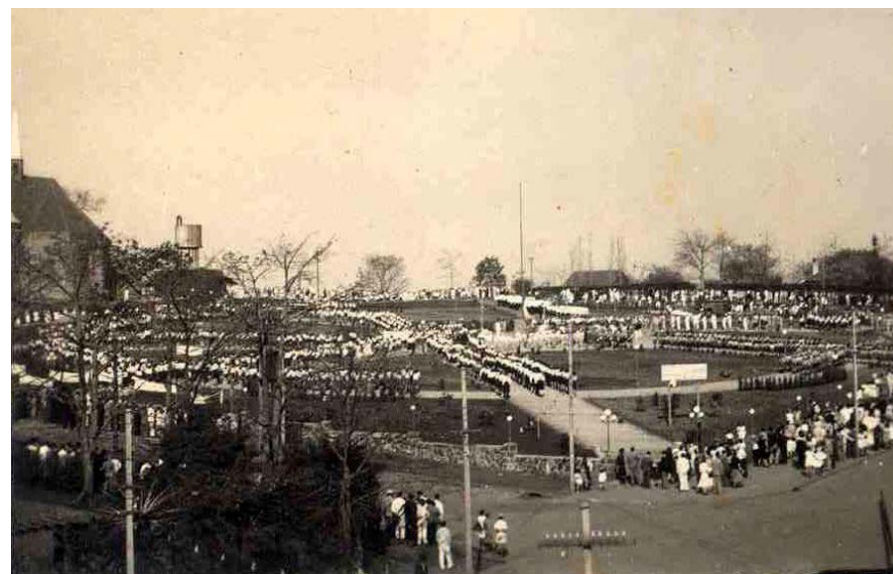
**Fonte:** Acervo da BML (2025).

Não foi possível encontrar outras imagens dessa inauguração, e nas fotos do acervo de Haully o destaque é para a ocasião, portanto, pouco se pode observar sobre o perímetro, o traçado ou mesmo o mobiliário permanente e a vegetação da Praça renovada. Ademais, segundo o acervo dos municípios brasileiros (Praça [...], 2025), a Praça Marechal Floriano Peixoto foi inaugurada em 7 de setembro de 1934. É possível que a data tenha sido atribuída a partir da oficialização

da cidade, pois a praça já consta como “Jardim” na planta do planejamento inicial, como já indicado anteriormente. Contudo, em 7 de setembro de 1943 houve uma nova cerimônia, como constatado no jornal *Paraná Norte* e no relato posterior publicado na *Folha de Londrina*.

Há ainda uma fotografia de C. J. Bonifácio no acervo do MHL, datada de dois anos após a inauguração, em um desfile de 7 de setembro de 1945 [Fig. 35]:

**Figura 35** – Desfile na Praça Marechal Floriano Peixoto, 1945



**Fonte:** Foto de C. J. Bonifácio. Acervo do MHL (2025).

A fotografia mostra um grande grupo ocupando os caminhos da Praça. Pode-se ver um contorno bem delimitado entre vias e calçadas, assim como o traçado interno da Praça que aparenta estar pavimentado, dada a diferença marcante entre a área permeável e seus caminhos internos. Ao centro observa-se o Altar da Pátria. Quanto à vegetação, parece haver pequenas espécies plantadas ainda em formato jovem; árvores de portes adultos estão presentes em áreas que circundam o espaço. Nessa imagem não é possível enxergar mobiliário, mas podem-se ver os muros de arrimo que acompanham o terreno em concreto ciclópico, com luminárias de haste escura e globo luminoso branco em formato de esfera única, formando um conjunto com escadas no perímetro em lados cujo nível interno é maior que a rua.

Internamente, há luminárias em formato de castiçal, com três esferas, e também um modelo com apenas uma esfera. No perímetro há postes de energia elétrica pública; no entanto, não é possível verificar fiação elétrica aparente. Vale mencionar no canto superior esquerdo uma grande e elevada caixa d'água, porém não se pode atestar se está dentro do perímetro da Praça. Entretanto, é marcante na paisagem do entorno, junto da construção ao seu lado, que é possivelmente da Catedral.

Outras fotos da década de 1940 mostram o entorno da Praça já pavimentado — é consensual que a avenida Paraná, defronte à Praça, tenha sido pavimentada no início da década de 1940 [Fig. 36 a 39]. Também se observam a vegetação em topiária, as luminárias de uma e três esferas, os caminhos bem definidos, com escadarias e muro de arrimo no contorno, e o “banco bola”, formado por duas esferas que apoiam um plano horizontal.

**Figura 36** – Praça Marechal Floriano Peixoto, [1940]



Fonte: Londrina [...] (2025).

**Figura 37** – Praça Marechal Floriano Peixoto, [1943]



Fonte: Londrina [...] (2025).

**Figura 38** – Entorno da Praça Marechal Floriano Peixoto, [1946]



Fonte: Londrina [...] (2025).

**Figura 39** – Entorno da Praça Marechal Floriano Peixoto, [194-]



**Fonte:** Londrina [...] (2025).

Nas fotos da Praça Marechal Floriano Peixoto se destaca a permanência, em especial, do traçado que se manteve presente desde as plantas iniciais, das luminárias de um globo e três globos, do muro de arrimo, das escadas nas extremidades das travessas e do mastro central. No entanto, percebe-se uma renovação na vegetação, que passa a ser marcada por uma vegetação topiária, e já não aparecem mais as árvores iniciais de grande porte. Destes elementos, alguns podem ser observados até os dias atuais, evidenciando seu valor

histórico pioneiro, como parte das escadarias, o mastro e o muro de arrimo, sendo que o traçado e os postes de iluminação, embora parecidos com o dos dias contemporâneos, passaram por algumas alterações, conforme se abordará nos próximos capítulos.

Ainda na década de 1940, além do cuidado com a Praça Marechal Floriano Peixoto, observa-se o tratamento de uma nova Praça do município: a Willie Davids. Instalada em um dos espaços triangulares do planejamento inicial, o terreno cedeu local à primeira e à segunda rodoviária, sendo que duas construções diferentes puderam ser observadas em fotografias anteriores à década de 1940, evidenciando o seu uso inicial utilitário e, consoante citado anteriormente, a sua função como “centro financeiro”.

Não foi possível confirmar exatamente quando o espaço deixou de ser rodoviária. Segundo o IBGE, a Praça data de 1948, ano em que a revista *A Pioneira* fez uma reportagem que ocupou duas páginas para relembrar a biografia de Willie Davids, falecido em 1944. Conforme já exposto, Willie Davids foi o primeiro prefeito eleito de Londrina. O título da matéria aponta a Praça Willie Davids como “O coração de Londrina” (Praça [...], 1948) [Fig. 40].

Figura 40 – Reportagem da revista *A Pioneira*, maio de 1948



Aqui está o Casarão de Londrina em 1934. Ao fundo, vê-se a zona que se tornou hoje a cidade. Onde no céu não aparecem as árvores, há o que se chama de "Edifício Londrina", de propriedade da Companhia de Terras Norte do Paraná.

## Praça Willie Davids: O coração de Londrina

Praça Willie Davids... Formada pela confluência das ruas Maranhão, Minas Gerais e Avenida Paraná — o artéria principal da cidade que o corte de porta a porta — poderia esta praça ampla e bonita, sempre cheia de movimento, ser chamada o coração de Londrina. Com efeito, é ali que se sente o pulso forte da cidade em crescimento. É ao seu redor que se situam as modernas esplanadas das grandes empresas que, em países quasi precitizados, procuram instalar-se no capital da norte paranaense, como, por muitos já é chamada esta cidade que, embora com menos de vinte anos de existência, ergue-se no grande mercado que conhecemos.

As casas de madeira, pequenas e acolhedoras, nascidas com a cidade, cedem lugar aos novos e modernos edifícios de concreto, com vários andares. Praça Willie Davids, Coração de Londrina! Ali se encontram corretoras de terra, compradores de cereais, café, lavradores, agentes de grandes companhias e, enquanto ouvem a liquidar escuro, cujo sabor temem a Brasil todos os mercados que ao Brasil todos os negócios do mundo, realizam seus negócios. É os agentes das grandes companhias de importação e exportação de todos os Estados vizinhos sobre onde se realizam os verdadeiros jogos de "oferta e procura". É ali, na praça

sem calçada, de linhas simples, quasi severas, Willie Davids? Mas, estando perguntando os leitores, quer, afinal de contas, foi esse o título do modo Willie Davids, cujo nome foi dado o principal setor da cidade? Claro que nos referimos aos leões que não saíram de Londrina, porque em Londrina o nome de Willie Davids e sua família conta a própria nome da cidade.

E com saudade que os habitantes de Londrina se referem de vez das pioneiras da cidade, Willie Davids.

É a seguir um esboço biográfico do administrador da cidade, que foi o primeiro Prefeito Constitucional de Londrina, cargo que exerceu durante cinco anos.

"O Dr. Willie de Francisco Brabazon Davids nasceu em Campinas, Estado de São Paulo, aos 29 dias do mês de novembro de 1883. É filho de Dr. Ricardo Gore Brabazon Davids, engenheiro inglês, que veio ao Brasil contratado pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro para de instalar as suas telégrafos, e de Da. Angelina de Francisco Davids, brasileira.

Casou-se em 1907, com Da. Carlota de Melo Peixoto Davids, cujas duas filhas Dr. Willie de Melo Peixoto Davids, casado com Da. Zaira Silvina Correia Davids, e Da.

Detalhe de Praça Willie Davids. Aca Solução do Engenheiro formado pelos ruas 315, Catarina e Maria Ozark.

"Nelle Davids Americano, casado com a Dr. Alberta Americana.

"O Dr. Willie Davids formou-se em Engenharia na Inglaterra, em 1902, tendo feito o seu curso no conhecido Instituto de ensino — "Seafid Park Engineering College", Perito da do Instituto de Engenharia Eletricistas da Inglaterra (A. M. J. E. E.) e era membro do Conselho de Engenharia (C. R. E. A.) de São Paulo e Curitiba.

"Ao voltar ao Brasil foi contratado pela S. Paulo Tramway Light and Power, onde trabalhou até 1924, passando então a prestar os seus



"serviços à City of Santos Improvement Co, quando, em consequência dos seus conhecimentos, foi chamado a executar os serviços de instalação da iluminação pública na praia e os ainda mais importantes, entre a sua especialização e novidade, e oportunidade, a instalação do funcionamento das bandas elétricas, em toda inauguradas naquela cidade.

"Em 1911 adquiriu uma propriedade agrícola na 'Fazenda União, hoje sítio de Presidente Murtinho, na Fazenda União, onde veio a plantar café, uva, e gado e ainda também possuía uma alameda, com desvio ferroviário.

"Foi um dos pioneiros londrinos a iniciar a cultura do café na Sertãozinho paranaense.

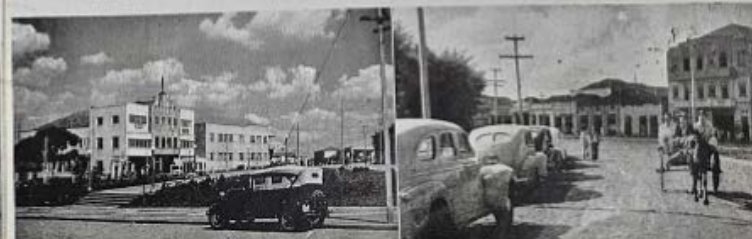
"Desde esse ano sempre reside no Paraná, tendo falecido na referida fazenda, aos 10 de junho de 1944.

"Foi um homem característico de caráter espírito empreendedor, desinteressado e honesto, e com fundamento na sua competência e elevado espírito público, pôde conceber e executar empreendimentos vários, alguns de larga envergadura e repercussão.

"Já em 1915, tentando resolver as dificuldades de transporte da zona, concebeu a idéia de prolongar a Estrada de Ferro Sorocabana, então Brazil Railway, mediante o prolongamento da estrada até Jacareíto, com um ramal para Camboré, então Alameda. Os estudos foram feitos pelo Dr. Afonso de Camargo e o projeto foi aprovado pelo Dr. Afonso de Camargo e o projeto foi executado pelo Dr. Willie Davids. Essa construção deveria ser controlada pelos fundadores, havendo a Dr. Willie chegou a iniciar a incorporação de uma companhia com esse objetivo. Na ocasião o empreendimento não prosseguiu; o que, no entanto, ocorreu em 1920, quando o Dr. Willie, então Delegado Estadual, decisivamente contribuiu para a inauguração da estrada de ferro (Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná) que, antes de pertencer à Paraná Plantations, foi de propriedade dos fundadores, durante alguns anos.

"A partir de 1918 o Dr. Willie Davids foi, por 3 legislaturas, deputado estadual pelo Norte do Paraná. Por muitos anos foi, sucessivo, Prefeito Municipal de Jacareíto, onde teve oportunidade de cooperar decisivamente para o progresso daquela cidade.

Quis dizer e não esperar. A foto de esquerda ilustra o prédio da Associação Comercial e o de Prefeitura. O de direita retrata o prédio que hoje é a Avenida Paraná. Na primeira, o grupo aparece acanhado e na segunda sem esse restrição.



Um detalhe do Casarão de Londrina. Fotografia tirada recentemente.

"Em 1927 foi parte da comissão que estudou as terras a serem adquiridas pela Cia. de Terras Norte do Paraná.

"Em 1932 foi convidado para Diretor-Técnico da Cia. de Terras Norte do Paraná, onde trabalhou até que, por motivo de saúde, teve que deixar o trabalho em 1942.

"O progresso de Londrina e dos municípios que, em seguida, foram desenvolvidos, é a melhor prova do quanto foi eficiente o trabalho desenvolvido pelo Dr. Willie Davids, e atendidas as suas previsões.

"Não deixou o Dr. Willie Davids fortuna, mas, pelo seu espírito humanitário, pelo modo sempre prestivo com que atendia aos que o procuravam, soube conquistar e manter a amizade de muitos. Essa é a maior riqueza que ele poderia deixar e deixar, e da qual os seus muito se orgulham e desfrutam.

Não cabe nesta reportagem sobre a Praça Willie Davids um estudo biográfico profundo sobre o insigne cidadão que lhe deu o nome. O esboço biográfico que apresentamos — apenas um esboço — não pode contar a vida de um homem como Willie Davids. Propriedademente, pois, deixamos a sua magnífica atuação como Prefeito de Londrina, para reportagem que oportunamente publicaremos.

Na reportagem, uma das fotos (na margem inferior) mostra a Praça já com jardins e calçamento, o que confirma que sua construção foi anterior. Outras fotos do acervo do MHL mostram detalhes da Praça Willie Davids ao longo dos anos 1940 [Fig. 41 a 43]. Vale ressaltar características similares à da Praça Marechal Floriano Peixoto, como as luminárias de uma esfera, o “banco bola” e a vegetação topiária, mostrando a intenção inicial da criação de tratamento unitário nas praças da cidade. No entanto, a Praça Willie Davids teve um acabamento do piso em *petit pavé* diferente do encontrado na Praça Marechal Floriano Peixoto.

**Figura 41** – Praça Willie Davids sem arborização, [entre 1939 e 1944]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

**Figura 42** – Praça Willie Davids sentido Calçadão para as Lojas Pernambucanas, [194-]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

**Figura 43** – Praça Willie Davids sentido rua Minas Gerais, [194-]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

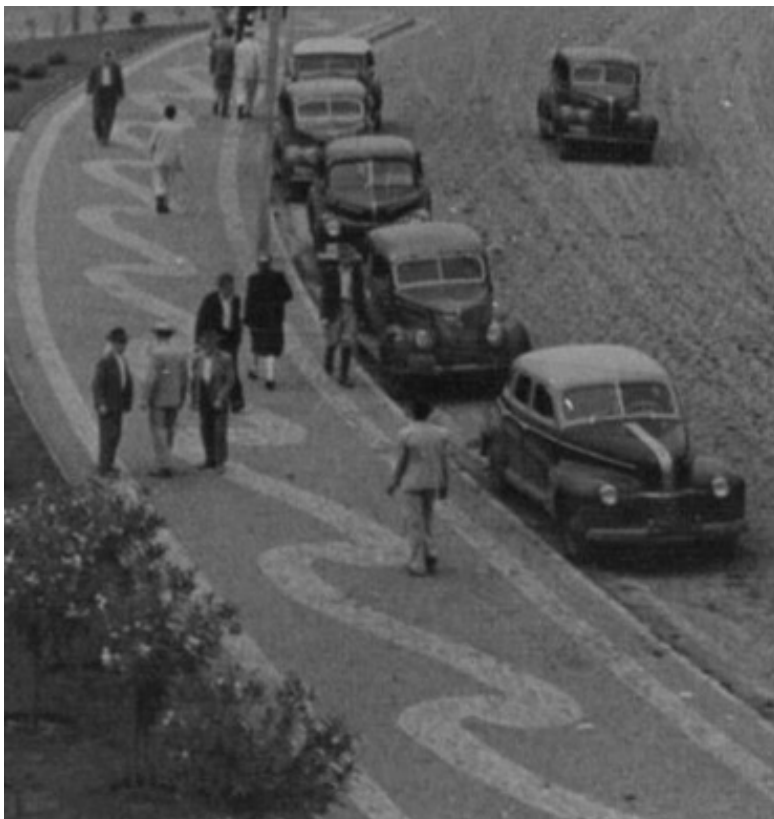
Nessas imagens, a Praça apresenta um contorno de perímetro bem delimitado em relação às vias. O calçamento interno foi feito com pedra portuguesa, meio-fio elevado do piso e as vias em paralelepípedo assentado no solo. Há uma divisão clara entre área permeável (gramada) e não permeável (pavimentada), compondo o traçado interno da Praça, que aparenta um formato de sol nascente, tridente ou pata de ganso. Na Praça, os desenhos internos que fazem alusão a uma tipologia arbórea seguida de uma inflorescência ou fruto possivelmente fazem referência à araucária e ao pinhão, enquanto os desenhos do contorno são em formato de ondas [Fig. 44 e 45].

**Figura 44** – Detalhe dos desenhos internos em piso da Praça Willie Davids, [194-]



**Fonte:** Foto de C. Bergonse. Acervo do MHL (2025).

**Figura 45** – Detalhe dos desenhos em piso do perímetro, [194-]



Fonte: Foto de C. Bergonse. Acervo do MHL (2025).

A percepção das diferentes texturas, que delimitam a Praça e compõem seus desenhos, é possível pela observação da fotografia a seguir [Fig. 46]. Trata-se de trabalhadores posando para a foto durante o serviço de execução do piso. Por meio dessa foto, pode-se afirmar

que o piso é composto de assentamento manual de pedras para formar os desenhos em ondas no perímetro da Praça. Esse tipo de material também é conhecido como pedra portuguesa, pois é parte de uma técnica de herança histórica lusitana no Brasil.

**Figura 46** – Execução dos desenhos em piso com pedra portuguesa, [1945]



Fonte: Foto de C. Bergonse. Acervo do MHL (2025).

Na imagem, a vegetação aparenta ser jovem, com algum tempo de plantio, e há diversidade entre arbóreos e arbustivas, não sendo

possível identificar com precisão as espécies. No entanto, é possível perceber uma tipologia arbustiva que permite a sua manipulação mediante técnicas de jardinagem, por meio de podas que formam desenhos como esferas e linhas retas, além da formação de desenhos de canteiros. Nas imagens, essas formações arbustivas desenharam um “L” nas áreas de acessos por escadas nas duas laterais retas da Praça.

Junto ao paisagismo, é possível ver o mobiliário composto por “bancos bola”, ainda presentes em algumas praças, até hoje, e postes de luz de haste escura com esferas brancas únicas, assim como posteamento de energia elétrica no entorno, sem fiação aparente.

A Praça estava inserida em um contexto de paisagem de entorno já consolidado, em pleno funcionamento e uso, sendo ela um esvaziamento visual, com arborização de pequeno porte, que permitia enxergar os eixos visuais ao longo das vias, sem esforço. Apesar de Castelnou (2002, p. 47) afirmar que a colocação do paralelepípedo na vias do entorno da Praça se deu apenas no final da década de 1940, na imagem anterior, datada de 1945 [Fig. 46], já se pode observar o piso no entorno da Praça.

Segundo Yamaki (2006, p. 15), em 1944 as Praças Willie Davids e Gabriel Martins foram assim instituídas. Contudo, não foram encontrados documentos visuais da Praça Gabriel Martins nas décadas de 1930 e 1940. Uma reportagem do *Paraná Norte*, de 30 de abril

de 1944, informa que após a missa rezada na Catedral em memória do médico Gabriel Martins, houve a ideia de erguer “um busto em bronze do dr. Gabriel Martins, que será localizado no *triângulo* situado em frente à casa em que o caridoso médico viveu e trabalhou pelas classes pobres da nossa cidade” (Gomes, 1944, grifo nosso).

O triângulo referenciado no texto trata-se do local onde atualmente está a Praça Gabriel Martins. A forma como é referenciada indica que, nesse momento, o espaço ainda não tinha sido nomeado, e possivelmente não tinha um uso estabelecido. Quanto ao busto de bronze, uma reportagem da *Folha de Londrina*, de outubro de 2020, retoma essa questão quando a professora Jolinda de Moraes Alves, autora do livro sobre assistência aos pobres em Londrina, lembra que “Foi feito um busto de bronze. Quando me mudei para Londrina residia em frente à Praça Sete de Setembro, perto dali, e sempre que passava pela praça [Gabriel Martins] via o busto. Quando implantaram o Calçadão, na década de 1970, o busto foi removido e não sei onde foi parar” (Ogawa, 2020).

No meio da elipse, algumas fotos da década de 1940 permitem a visualização do Bosque Marechal Cândido Rondon, onde o espaço já pavimentado era usado para passagem [Fig. 47 e 48]. Destaca-se também o uso do Bosque pelos fotógrafos “lambe-lambe” [Fig. 49].

**Figura 47** – Bosque Marechal Cândido Rondon, [194-]



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

**Figura 48** – Bosque Marechal Cândido Rondon, [194-]



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

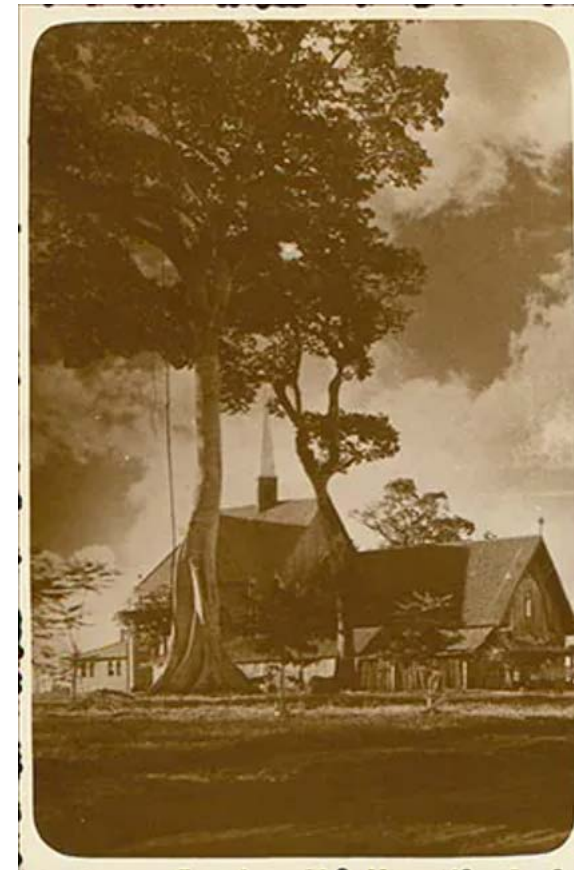
**Figura 49** – Bosque Marechal Cândido Rondon usado para fotografar, [194-]



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

Outra fotografia [Fig. 50] deu destaque para uma grande figueira-branca, remanescente da mata nativa, que foi preservada no Bosque, situada ao lado da igreja matriz (Yamaki, 2006). No registro, ainda, é possível observar ao fundo a construção da segunda igreja em alvenaria, que estava em andamento no início da década de 1940, atrás da primeira igreja de madeira, e outras árvores de menor porte.

**Figura 50** – Figueira do Bosque, [194-]



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

Em outras fotografias, pode-se visualizar a segunda igreja já finalizada. Em uma das imagens, uma pequena parte do Bosque pode ser observada, com destaque para a construção do muro de arrimo

lateral [Fig. 51]. Além disso, observa-se o muro já finalizado e a presença de luminárias de uma esfera, e o posteamto de energia elétrica no entorno [Fig. 52 e 53].

**Figura 51** – Construção do muro de arrimo do Bosque Marechal Cândido Rondon, [1938–194-]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

**Figura 52** – Bosque Marechal Cândido Rondon (com a Catedral ao fundo), [194-]



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

**Figura 53** – Bosque Marechal Cândido Rondon (com a Catedral ao fundo), [194-]



**Fonte:** Catedral [...] (2025).

A última Praça analisada é a Praça Sete de Setembro. Sobre ela, há pouca documentação nos anos iniciais do município. Duas fotografias do acervo do MHL são da Praça Sete de Setembro [Fig. 54 e 55], ainda que sem data, parecem ser do final da década de 1940 ou início dos anos 1950, quando o calçamento das vias ao redor já tinha sido concluído.

**Figura 54** – Praça Sete de Setembro, [194--195-]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

**Figura 55** – Praça Sete de Setembro, [194--195-]



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

Na primeira imagem, é possível ver que a Praça apresentava contornos bem definidos em relação às vias que a circundavam, tendo uma diferença de materialidade; no entanto, não é possível identificar o tipo de material aplicado ou se há desenhos em piso, como no caso da Praça Willie Davids. Notam-se também desenhos internos de canteiro com mobiliário. Por fim, não há tratamento paisagístico com plantio de espécies arbóreas ou arbustivas, apenas é possível atestar que os canteiros eram gramados e permeáveis.

Ademais, no final dos anos 1940, realizou-se um levantamento aerofotogramétrico — o primeiro efetuado em Londrina. Nas aerofotos do perímetro da cidade, constata-se que os investimentos da década de 1940 trouxeram características específicas para o Conjunto Central [Fig. 56].

**Figura 56 – Aerofoto de Londrina, 1949**



Fonte: IPPUL (2025).

Na imagem, confirma-se que a Praça Marechal Floriano Peixoto e o Bosque Marechal Cândido Rondon permanecem com um formato aproximadamente retangular, acompanhando as dimensões dos quarteirões da malha reticulada, enquanto as Praças Primeiro de Maio, Willie Davids, Gabriel Martins e Sete de Setembro apresentam um formato próximo ao triangular, assim como já tinha sido observado nas plantas de planejamento.

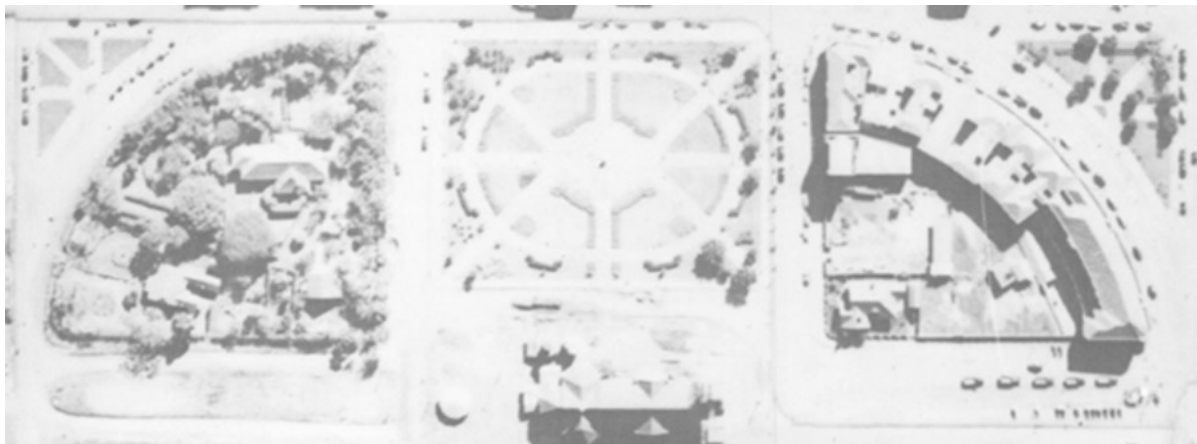
Nessa imagem, também se observa a inexistência de prédios com mais de um pavimento no entorno das Praças e do Bosque Marechal Cândido Rondon. Há um número significativo de edificações de baixa altura, com alguns terrenos vazios. Além disso, é possível notar, no centro da elipse, a presença da segunda igreja matriz de Londrina, edificada em alvenaria em 1938 e finalizada em 1943.

Sobre o traçado, nota-se uma pequena alteração no desenho inicial da Praça Marechal Floriano Peixoto, que apresenta uma configuração peculiar em comparação com outras praças. A vegetação arbustiva acompanha, em alguns pontos, os desenhos dos canteiros, sendo possível perceber o caráter reforçador do eixo norte-sul de trajeto para atravessamento da Praça nessa composição. Além disso, a Praça já apresenta vegetações arbóreas com copas em desenvolvimento em suas laterais.

Ainda, é possível constatar que o Bosque Marechal Cândido Rondon, por sua vez, apresenta um traçado mais orgânico. No entanto, a copa das árvores adensadas dificulta uma análise mais aprofundada de sua configuração. As Praças Primeiro de Maio e Sete de Setembro ainda não apresentam um traçado claramente definido. Seu espaço era contínuo, sem a presença evidente de caminhos demarcados.

Já as Praças Willie Davids e Gabriel Martins apresentavam o mesmo traçado, porém espelhado [Fig. 57]. Segundo Yamaki, elas adotam a solução de desenho conhecida como *patte d'oie* (Yamaki, 2006, p. 21), ou, em tradução livre, “pata de ganso”, caracterizada por três diagonais que partem de um ponto central, uma solução frequentemente utilizada em jardins clássicos. Esse formato característico de “pata de ganso” remete também às praças ecléticas da linha clássica, que inspiraram os jardins franceses dos séculos XVI e XVII.

**Figura 57** – Praças Willie Davids e Gabriel Martins, 1949



Fonte: IPPUL (2025).

Quanto à vegetação, de modo geral, observa-se pouca ou nenhuma vegetação nas Praças Primeiro de Maio, Gabriel Martins e Sete de Setembro. Já nas Praças Willie Davids e Marechal Floriano Peixoto, nota-se a presença de algumas copas de árvores desenvolvidas e vegetação de pequeno porte, provavelmente arbustos. Destaque para a Praça Marechal Floriano Peixoto, onde a disposição da vegetação de pequeno porte segue um padrão simétrico e geométrico alinhado ao traçado dos caminhos internos da Praça, realçando o trajeto de atravessamento no eixo norte-sul.

Ainda, através da aerofotografia, é possível afirmar que a Praça Willie Davids foi a primeira, entre as quatro praças em formato triangular, a ter tratamento paisagístico e plantio de espécies arbóreas para sombreamento, junto da Praça Marechal Floriano Peixoto; desse modo, dentre todas as praças centrais, é a massa vegetativa mais expressiva localizada nas duas quadras do Bosque Marechal Cândido Rondon.

Já a respeito de mobiliários e edificações, observa-se que na Praça Marechal Floriano Peixoto, no centro do círculo, há um elemento destacado: o monumento Altar da Pátria. Na Praça Primeiro de Maio, uma edificação com telhado de quatro águas e alguns elementos na borda (que parecem ser um ônibus) atestam o uso como terceira rodoviária, consoante destacado anteriormente [Fig. 58].

**Figura 58** – Praça Primeiro de Maio, 1949



Fonte: IPPUL (2025).

Na Praça Sete de Setembro, nota-se a presença de diversos elementos distribuídos ao longo do espaço [Fig. 59]. Alguns são menores e assemelham-se a uma horta, enquanto outros são maiores e projetam sombras mais amplas e geométricas, sugerindo uma altura significativa. No entanto, não é possível identificar com precisão os objetos presentes no local.

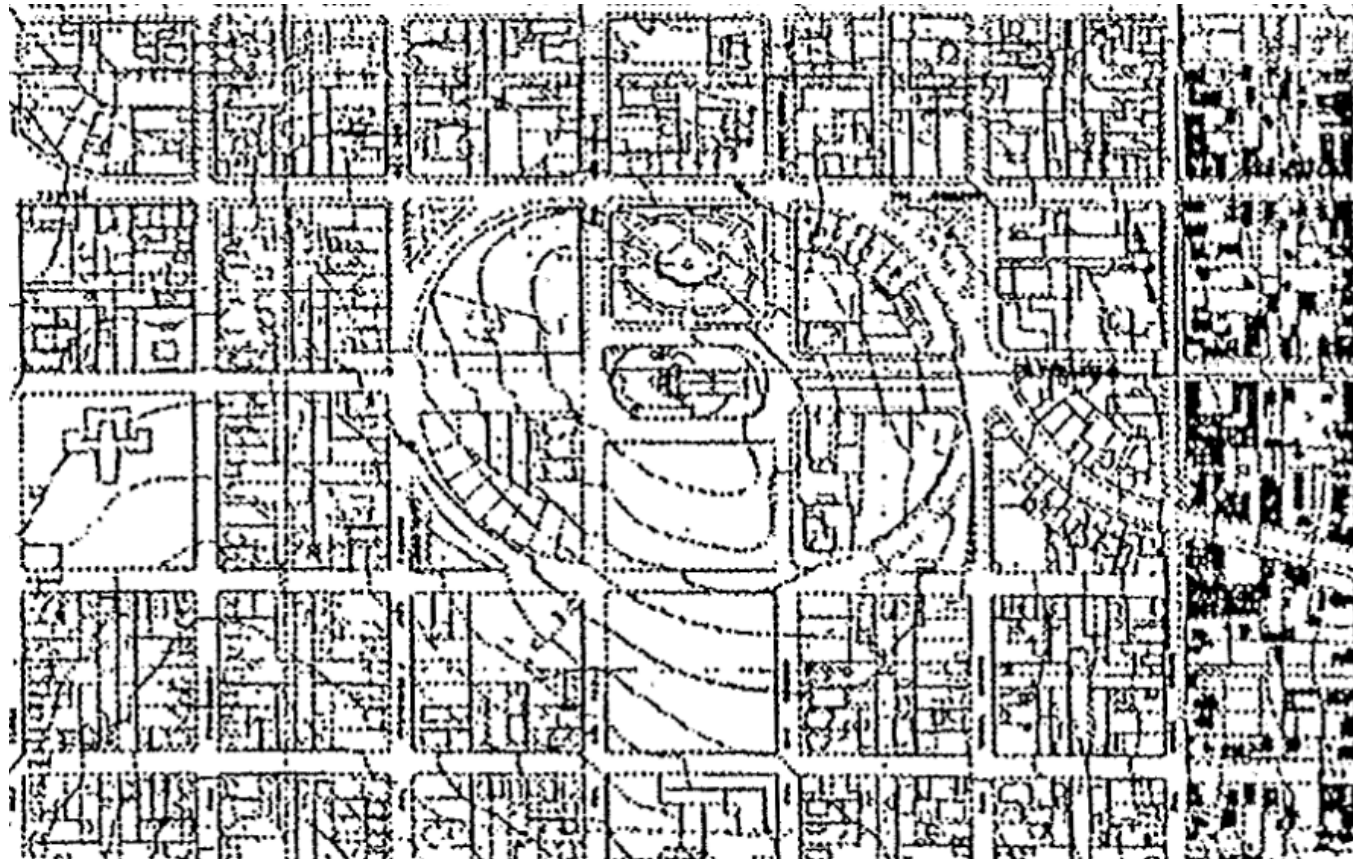
**Figura 59** – Praça Sete de Setembro, 1949



Fonte: IPPUL (2025).

Pouco tempo depois, em janeiro de 1950, foi realizada uma reconstituição com base nesse levantamento aerofotogramétrico. O documento foi atualizado em maio de 1951, resultando um novo mapa [Fig. 60], repetindo as informações da aerofoto analisada acima.

Figura 60 – Planta de reconstituição, 1949–1951



Fonte: IPPUL (2025).

As duas quadras que compõem o Bosque aparecem vazias, sem traçado interno, constando apenas as curvas de nível. A Praça Marechal Floriano Peixoto, embora mantenha o traçado em asterisco, apresenta mudanças em relação ao mapa de 1934, com a inserção de um desenho em formato de cápsula, semelhante ao da quadra onde está localizada a igreja matriz. Esse traçado já havia sido observado na quadra norte

do Bosque, na planta de 1934. Por se tratar de um mapa produzido a partir de uma aerofoto, é possível afirmar que esse foi o desenho efetivamente executado. Da mesma forma, pode-se concluir que, até esse momento, o Bosque não possuía um projeto de paisagismo definido, contando apenas com a vegetação natural.

As duas praças triangulares voltadas para o sul (Praça Primeiro de Maio e Praça Sete de Setembro) também são representadas vazias, sem traçado interno. Por outro lado, as duas praças voltadas para o norte (Praça Willie Davids e Praça Gabriel Martins) apresentam traçados internos, embora pouco legíveis. A Praça Gabriel Martins destaca-se por ter uma área consideravelmente menor em comparação à Praça Willie Davids e às demais praças triangulares. Essa diferença sugere adequações do projeto quando da execução desses espaços públicos.

A partir desses documentos, pode-se ponderar que, nos anos iniciais de construção da cidade de Londrina, houve atenção significativa às Praças Marechal Floriano Peixoto e Willie Davids. As duas já eram utilizadas na década de 1930, sendo a Praça Marechal Floriano Peixoto uma área coletiva aberta, com caminhos e árvores, funcionando realmente como um grande jardim — proposto desde o desenho inicial de 1932 —, e a outra considerada centro comercial, perto dos principais estabelecimentos mercantis do município e atendendo a atividades funcionais como a implantação da segunda rodoviária.

Essas duas Praças também tiveram atenção principal na década de 1940, com a Praça Marechal Floriano Peixoto reformada e inaugurada em 1943, com projeto de paisagismo, reforço do traçado inicial, criação de escadarias, muro de arrimo e luminárias de uma e três esferas, vegetação topiária e “banco bola”, figurando com um espaço de convivência. Já a Praça Willie Davids deixou de ser rodoviária e foi reformada para também se tornar um local de convivência, com características semelhantes na vegetação topiária, luminárias de uma esfera e “banco bola”, mas se diferenciando na implantação de piso em *petit pavé* com desenhos, além de tornar um espaço de homenagem regional, com sua nomeação.

Observa-se também uma atenção à Praça Gabriel Martins, mas com poucos documentos, principalmente imagéticos, que possam reconstruir as intervenções específicas desse espaço. Apenas a aerofoto de 1949 mostra a criação de um traçado semelhante ao da Praça Willie Davids, o que pode indicar a intenção inicial da criação de um conjunto de Praças ao norte, que se consolidou nos anos seguintes. O Bosque também apresentou alguns tratamentos, utilizando muros de arrimo e luminárias semelhantes aos das outras Praças iniciais, reforçando o eixo norte-sul das Praças centrais, embora internamente mantenha traçados mais orgânicos.

Em menor medida, a Praça Primeiro de Maio recebeu atenção a partir de seu uso na década de 1940, como terceira rodoviária da cidade. Também é importante destacar que os documentos não evidenciam um investimento planejado para a Praça Sete de Setembro, que até 1949 apresentava-se como espaço livre, sem intervenções do poder público.

## 3.2. O Conjunto Central na década de 1950 e no início da década de 1960

Segundo Castelnou (2002, p. 20), entre o final da década de 1940 e o início dos anos 1950, a paisagem urbana de Londrina passou por uma transformação significativa. Esse processo começou após o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, e foi impulsionado principalmente pela alta dos preços do café, a principal cultura agrícola da região, que se expandiu no final dos anos de 1940. Bortolotti (2007, p. 101) também destaca esse contexto, ressaltando que:

A riqueza do café em Londrina chamava a atenção do Brasil e do mundo. Dizia-se que até ouro corria pelas sarjetas. Com essas notícias correndo mundo afora, Londrina logo tornou-se referência como centro de negócios de compra e venda de terras e café. A procura de negócios e trabalho era tanta, que as pensões estavam sempre lotadas. Trabalhadores chegavam de todos os lugares, fosse de trem, ônibus ou caminhão. Inúmeros caminhões de pau de arara

vinham do nordeste trazendo trabalhadores para as fazendas de café. [...] Londrina era a porta de entrada da frente agrícola que se formava nesta região. Oferecia condições de grande prestadora de serviços, com boa infra-estrutura hoteleira.

A melhoria da economia e o crescente interesse por Londrina resultaram em uma maior preocupação com os espaços públicos, e é nesse contexto que os usos das Praças Gabriel Martins, Primeiro de Maio, do Bosque e da Praça Sete de Setembro foram consolidados, mantendo parcialmente os mesmos equipamentos urbanos das Praças Willie Davids e Marechal Floriano Peixoto.

Suzuki observa que “no campo urbanístico, os anos 1950 foram marcados pela tentativa de retomada do controle do espaço citadino por parte da administração pública” (Suzuki, 2003, p. 57). Isso se reflete, por exemplo, na lei n.º 133 (Londrina, 1951), que estabeleceu as primeiras regulamentações sobre arruamento, loteamento e zoneamento urbano em Londrina. Eliza Zanon (2021, p. 4446), afirma que havia leis anteriores que normatizavam o espaço urbano, e, embora a lei n.º 133/1951 não fosse um Plano Diretor no sentido moderno, ela pode ser considerada um marco no ordenamento territorial de Londrina, por estabelecer novas diretrizes, servindo também como base para futuros planejamentos urbanos mais abrangentes. Ainda, segundo Yamaki (2006, p. 15), é somente com a lei n.º 216 (Londrina, 1953) que o município “reconhece oficialmente as denominações e

limites dos logradouros públicos, avenidas, ruas, travessas e as 14 Praças”, entre elas, as quatro praças triangulares da elipse.

É relevante perceber que a legislação visava organizar o crescimento urbano do município, considerando diversas questões urbanas. De acordo com José Miguel Arias Neto (2008, p. 105), nesse período, as elites recém-formadas, beneficiárias do desenvolvimento da cafeicultura, demonstravam ser importante “ordenar e disciplinar a cidade e a vida social para garantir a continuidade indefinida — no tempo e no espaço — do progresso”. Assim, o contexto de organização e crescimento é visível em diversos setores.

Os levantamentos urbanos realizados na década de 1950 apresentam a manutenção dos contornos de quase todos os componentes do Conjunto Central, com alterações apenas na Praça Gabriel Martins. A Planta da Cidade de Londrina, de número 13, desenhada em 1957, conforme destacado por Yamaki (2003, p. 30), constitui o primeiro documento cartográfico no qual foi registrada a nomenclatura das praças da cidade, incluindo as praças de formato triangular, ainda que sem a representação gráfica de seus traçados internos.

Um fragmento desse mapa [Fig. 61], que consta no acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH) da UEL, permite observar a expansão urbana da cidade, bem como a manutenção do

perímetro do conjunto de praças centrais, que parece corresponder ao delineado no plano de 1932.

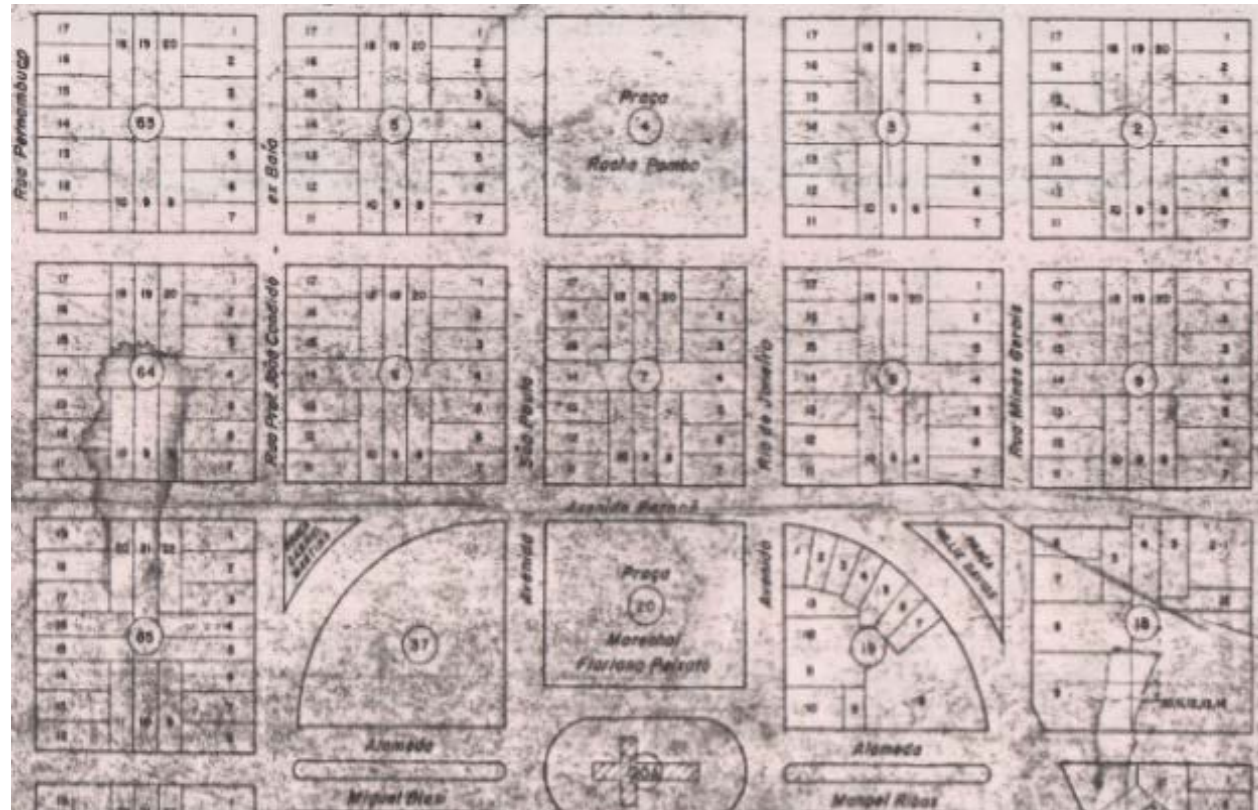
**Figura 61** – Planta n.º 13, 1957



**Fonte:** Acervo do NDPH (2025).

No detalhe [Fig. 62] percebe-se uma exceção na Praça Gabriel Martins, que apresentava dimensões reduzidas em comparação às outras três praças do núcleo central. Além disso, o documento inclui um quadro de áreas que detalhava a relação de doações de terrenos efetuadas pela prefeitura municipal e pelo governo do estado. Essas doações foram destinadas a logradouros públicos, igrejas, escolas e outras instituições de caráter público.

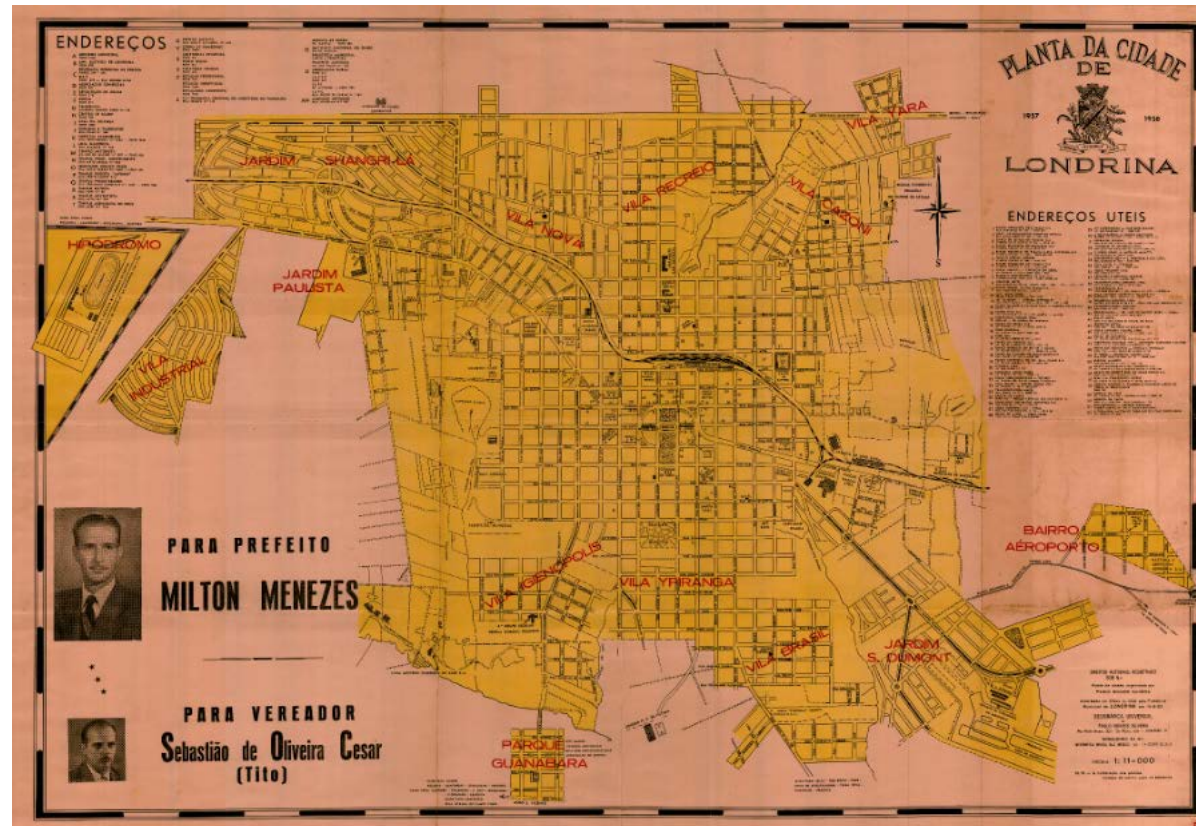
Figura 62 – Planta n.º 13, 1957



Fonte: Acervo do NDPH (2025).

Outro documento elaborado por Paulo Novaes Silveira para a prefeitura municipal, denominado “Planta de Londrina 1957–1958” [Fig. 63], apresenta informações detalhadas sobre a organização urbana da cidade no período, incluindo a localização de 29 endereços de instituições públicas e 53 “endereços úteis”, que abrangem os principais pontos comerciais e de serviços da época. Além disso, o mapa registra a nomenclatura de bairros, escolas, igrejas, vias de acesso a outras cidades e equipamentos públicos, oferecendo um panorama da estrutura urbana de Londrina no final da década de 1950.

Figura 63 – Planta de Londrina, 1957–1958

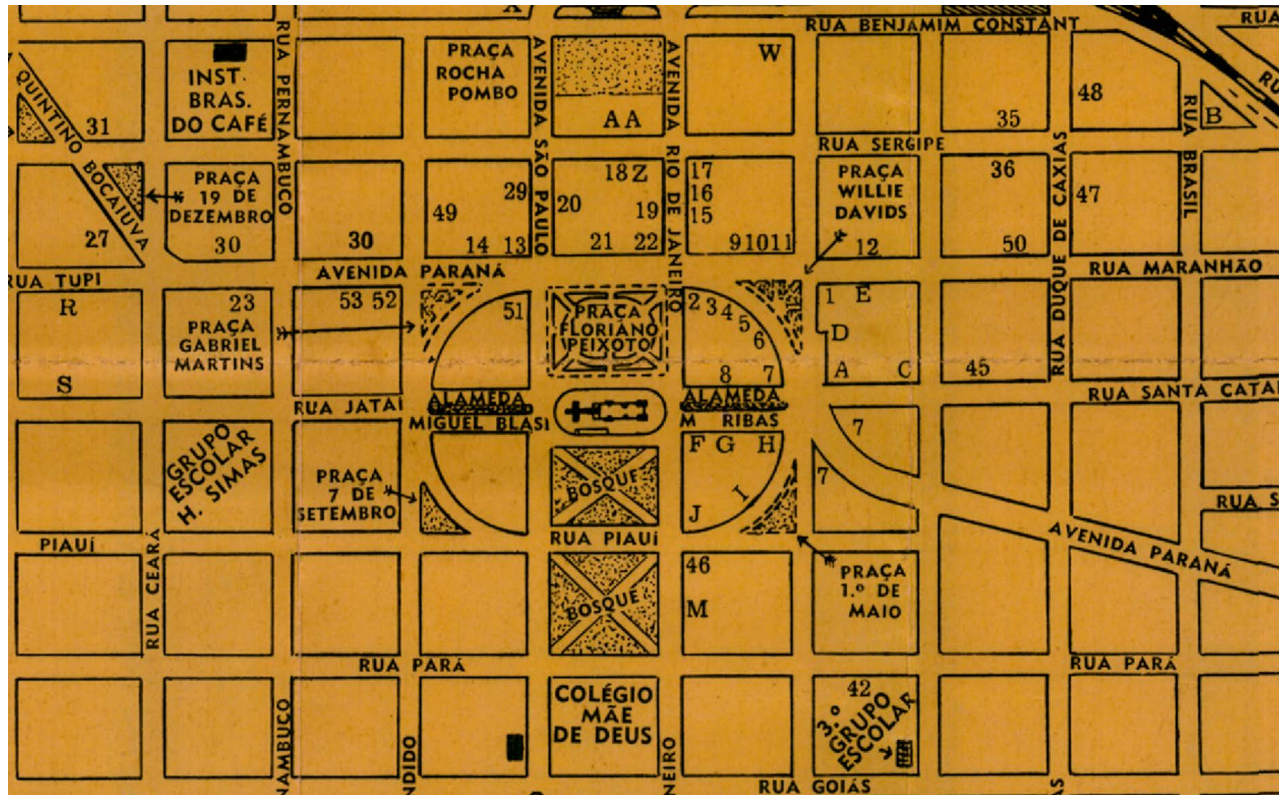


Fonte: Acervo do NDPH (2025).

No que se refere à representação gráfica dos espaços públicos, observa-se que os nomes desses locais estão indicados. Com relação ao conjunto estudado [Fig. 64], o Bosque tem suas duas quadras representadas com um traçado em formato de xis, distinto das representações encontradas em documentos e imagens analisados anteriormente. A Praça Floriano Peixoto exibe um traçado semelhante ao de registros prévios, com um asterisco sobreposto a uma elipse interna, além de uma linha tracejada em seu perímetro. Contudo, a ausência de legenda no documento

impossibilita a interpretação do significado dessa linha tracejada. Padrão semelhante foi observado nas Praças Primeiro de Maio, Willie Davids e Gabriel Martins, que também apresentam linhas tracejadas em seus contornos.

Figura 64 – Planta de Londrina, 1957–1958



Fonte: Acervo do NDPH (2025).

Vale destacar que as praças Primeiro de Maio e Sete de Setembro não possuem traçados internos, sendo representadas apenas por hachuras que indicam sua função como espaços públicos. Já a Praça Willie Davids apresenta um traçado em formato de tridente (observado em documentos

anteriores), enquanto a Praça Gabriel Martins, embora contenha um traçado interno, este não está claramente legível. Outro aspecto relevante é a dimensão reduzida desta última Praça em comparação às demais.

Da mesma forma, nos quadrantes adjacentes às Praças Willie Davids e Primeiro de Maio, constam diversos locais listados como endereços relevantes para a cidade, o que evidencia a ocupação dessas áreas por usos institucionais e comerciais de importância para o contexto urbano da época, já na década de 1950.

Os mapas, com exceção do tratamento da Praça Gabriel Martins, preservaram as características iniciais do desenho do Conjunto Central de 1932. Durante a década de 1950 e início da década de 1960, diversas imagens e documentos encontrados no Cadastro Municipal mostram, por um lado, a preservação das características principais das Praças Marechal Floriano Peixoto e Willie Davids, com o acréscimo apenas de um monumento nesta última; por outro lado, apresentam alterações significativas no tratamento das Praças Gabriel Martins, Primeiro de Maio, do Bosque e da Praça Sete de Setembro. Para facilitar o entendimento do tratamento dos elementos do Conjunto Central, serão apresentados, inicialmente, os documentos que mostram o tratamento das duas Praças consolidadas na década de 1940: Praça Marechal Floriano Peixoto e Praça Willie Davids; posteriormente, o

tratamento das Praças Gabriel Martins, Primeiro de Maio, do Bosque e da Praça Sete de Setembro.

### 3.2.1 Praça Marechal Floriano Peixoto

Algumas fotos da Praça Marechal Floriano Peixoto, da década de 1950 [Fig. 65 e 66], apresentam-na consolidada no cotidiano dos londrinenses como um importante espaço público da cidade. O traçado interno da praça, o muro de arrimo, as escadarias, luminárias, bancos e vegetação permanecem similares com as características evidenciadas na década de 1940, mostrando a permanência dos seus elementos principais. Apenas com o passar da década se evidencia o aumento de vegetação arbustiva.

**Figura 65** – Praça Marechal Floriano Peixoto, 1950



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

**Figura 66** – Praça Marechal Floriano Peixoto, 1951



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

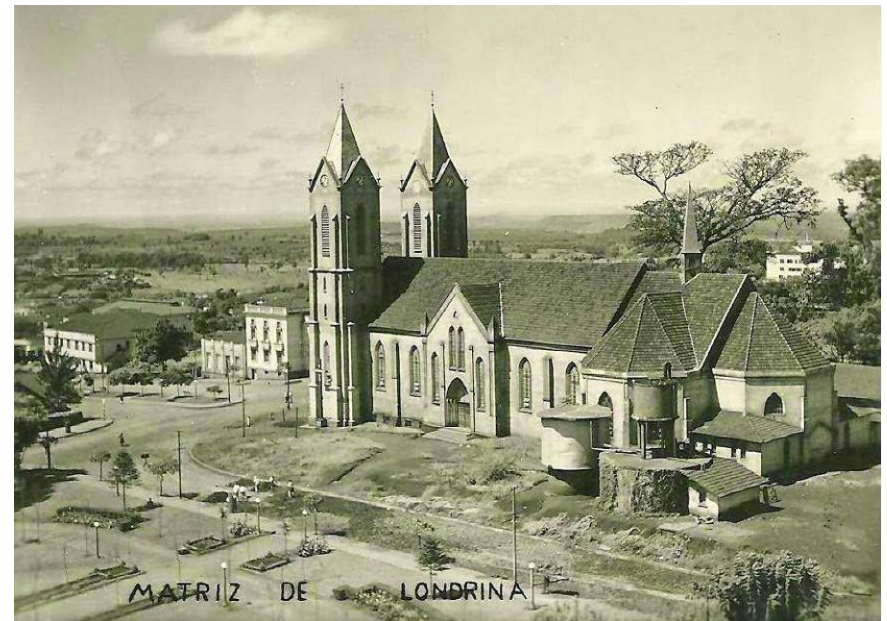
Quanto ao seu entorno, há uma singela diferença de materialidade entre as vias e o calçamento interno. O desenho interno do traçado apresenta caminhos em asterisco (cruz com xis), acessos em nível como por escadas e todos os caminhos levando a uma elipse alongada no eixo paralelo à quadra da igreja, de mesmo formato, com um círculo sobreposto em seu centro trazendo dois abaulamentos em sua lateral, aumentando esse espaço central onde está implantado o monumento de haste de bandeira.

É notória a presença de vegetação arbórea jovem, com bom desenvolvimento no perímetro visível da imagem fazendo a arborização urbana e poucas espécies em uma das pontas de acesso, sendo o paisagismo da Praça predominado por espécies arbustivas que permitem topiária e plantio que forme desenhos diversos. Quanto a esses desenhos, a vegetação é disposta e organizada circundando todo o acesso do eixo norte-sul da Praça, com alguns outros pontuais arbustos soltos e desenhos nos caminhos laterais arredondados da elipse maior do eixo leste-oeste.

Já a respeito da infraestrutura, há a presença de mobiliários urbanos do tipo “banco bola” dispostos por todos os caminhos e espaços centrais, assim como a permanência, desde a década passada, das luminárias tipo haste escura com esfera clara única no interior da Praça e a haste com três esferas brancas no perímetro.

Em fotos feitas da Catedral, também consegue-se observar alguns detalhes da Praça Marechal Floriano Peixoto, como a rua de ligação com a igreja [Fig. 67] e o muro de arrimo do outro lado, além dos “bancos bola” e alguns bancos em madeira dentro do canteiro, com vegetação marcada por topiária e algumas árvores pontuais [Fig. 68].

**Figura 67** – Catedral de Londrina (detalhe da ligação com a Praça), 1953



Fonte: Londrina [...] (2025).

**Figura 68** – Vista da Praça com a Catedral de Londrina ao fundo, 1953



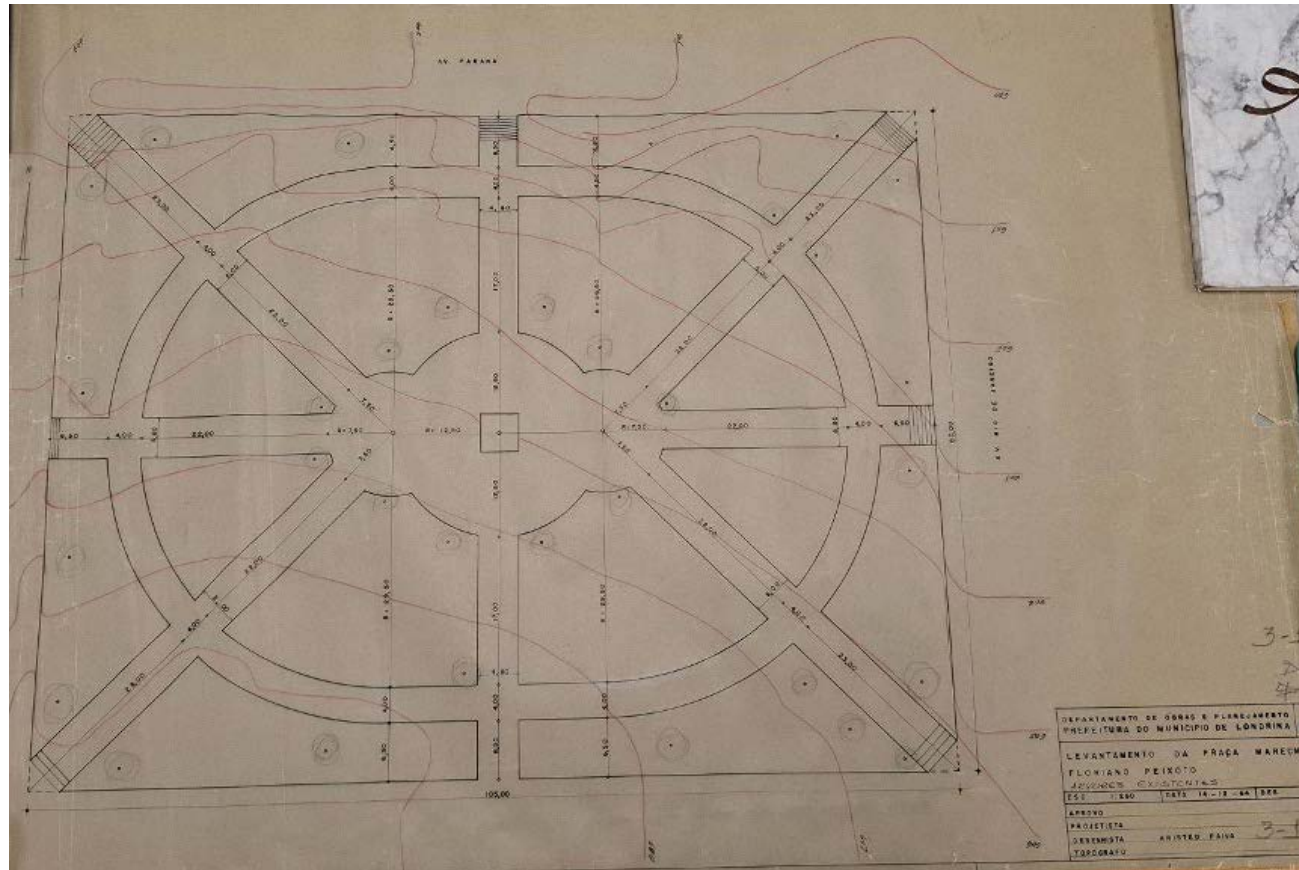
Fonte: Londrina [...] (2025).

Outra imagem apresenta em primeiro plano o muro de arrimo e a elevada diferença de altura entre a Praça e a avenida Paraná. Embora as vegetações em topiária ainda sejam marcantes no contexto da Praça, algumas vegetações mais altas começaram a gerar sombreamento, principalmente nos cantos. Alguns bancos de madeira foram acrescentados dentro dos canteiros e a conexão com a Catedral se manteve física e visualmente. Assim, percebe-se que

não houve grandes alterações na Praça Marechal Floriano Peixoto na década de 1950, e outros documentos encontrados da década de 1960 evidenciam a manutenção funcional, coletiva e visual do Conjunto com os principais equipamentos urbanos.

Um levantamento foi feito em 14 de dezembro de 1964, pelo desenhista Aristeu Paiva. Tal documento é o mais antigo desse tipo, encontrado no Cadastro Imobiliário a respeito dessa Praça. Ele apresenta o traçado da Praça que manteve a sobreposição de um asterisco a uma elipse interna, como os mapas anteriores. No entanto, é possível observar com clareza os desenhos da área central da Praça, com a marcação de três pontos centrais, criando uma subtração no centro de dois círculos menores e um maior central [Fig. 69].

Figura 69 – Levantamento da Praça Marechal Floriano Peixoto, 1964

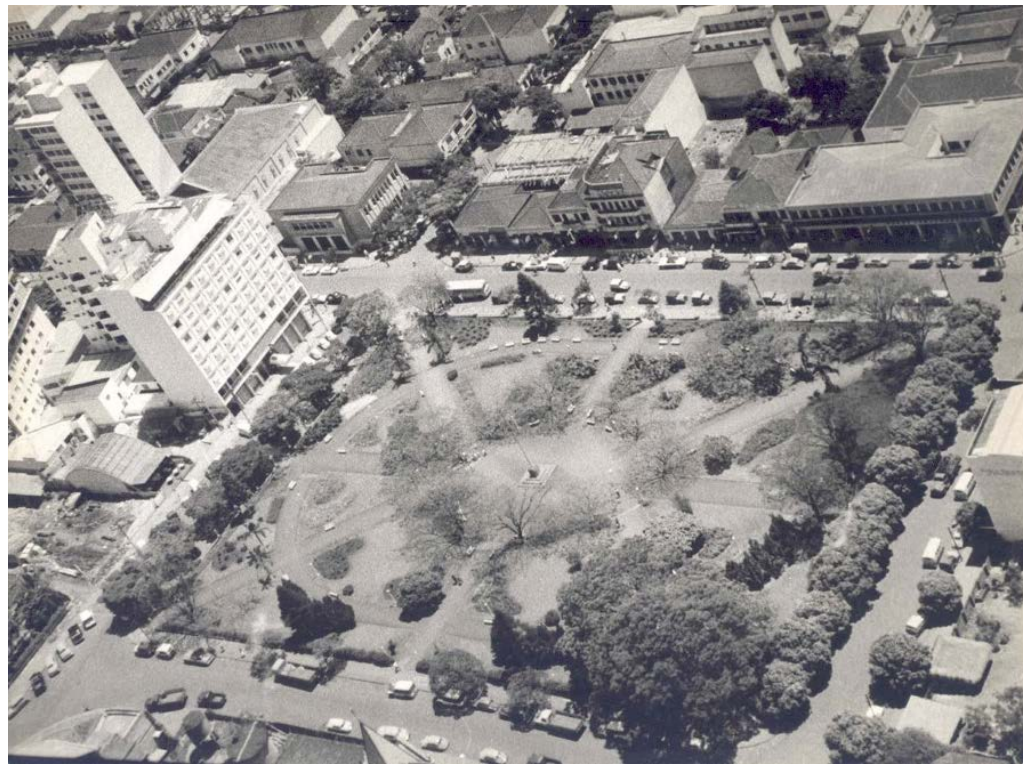


Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Bem no centro da Praça, um quadrado marca a área do mastro. O levantamento condiz com as fotografias apresentadas anteriormente, feitas na década de 1950, mostrando que o desenho do traçado foi implementado desde a inauguração, na década de 1940. Contudo, nesse documento se acrescenta a posição das árvores, que não era possível ver com exatidão nas imagens anteriores. A localização da vegetação no levantamento estava principalmente próxima aos cantos dos canteiros, demarcando com força a área central e os acessos.

Isso também pode ser percebido em fotos tiradas na década de 1960 [Fig. 70]. A fotografia da década de 1960 do acervo do MHL traz a evolução da Praça. Nota-se que o entorno era quase todo ocupado e com intenso fluxo de automóveis. Quanto à Praça, evidencia-se uma arborização urbana robusta em suas laterais, com alto adensamento, enquanto seu interior era formado por diferentes tipologias arbóreas, podendo-se notar a presença de palmeiras e pinheiros. O paisagismo foi alterado tanto em espécies quanto no desenho de seus maciços.

**Figura 70** – Praça Marechal Floriano Peixoto, [196-]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

Ademais, quanto à tipologia do mobiliário urbano, parece ter sido preservada, com algumas mudanças pontuais: os “bancos bola” e o aparecimento de duas floreiras elevadas voltadas para a avenida Paraná [Fig. 71 e 72]. Quanto às luminárias, elas permanecem, mas com alteração da cor, passando a ter hastes brancas e não mais escuras.

**Figura 71** – Mobiliário da Praça Marechal Floriano Peixoto



**Fonte:** Foto de C. J. Bonifácio. Acervo do MHL (2025).

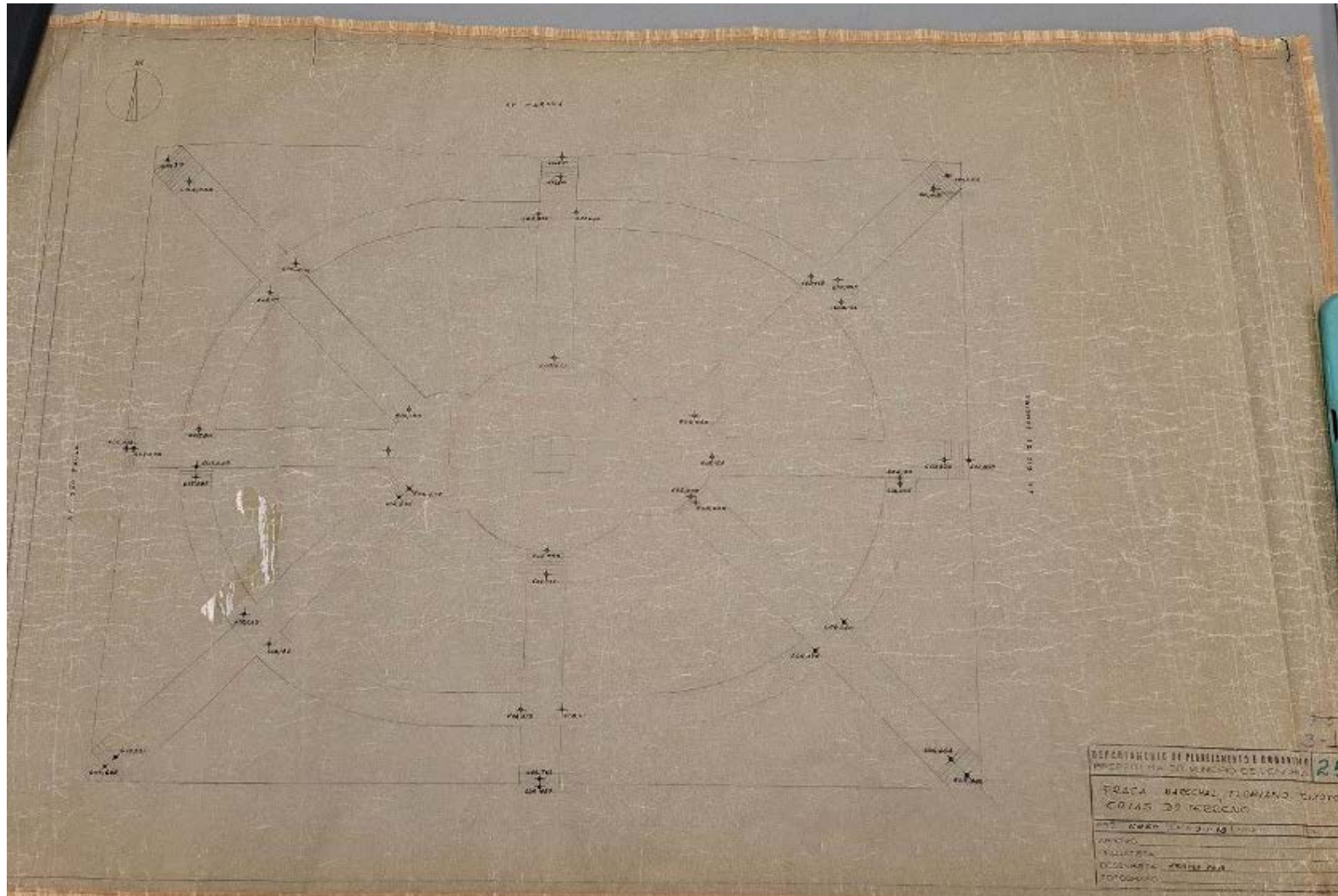
**Figura 72** – Vista parcial da Praça Marechal Floriano Peixoto, [196-]



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

Alguns anos depois, em 10 de janeiro de 1968, Aristeu Paiva foi novamente responsável por um segundo levantamento da Praça Marechal Floriano Peixoto. Dessa vez, visando mostrar as cotas do terreno [Fig. 73].

Figura 73 – Levantamento das cotas da Praça Marechal Floriano Peixoto, 1968

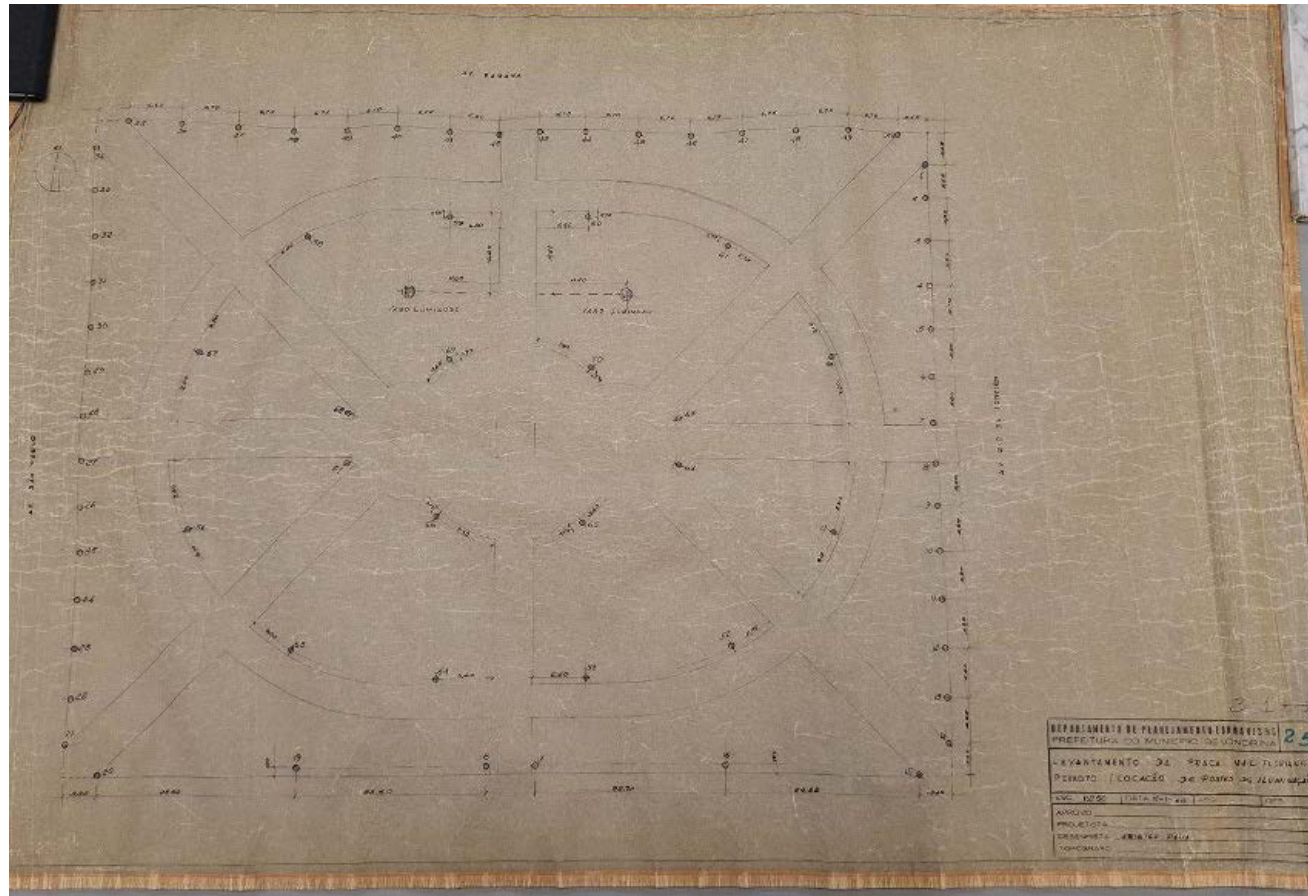


Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

O levantamento apresentou a manutenção do traçado inicial, com aproximadamente um metro de desnível entre a Praça para a avenida Paraná, avenida Rio de Janeiro e avenida São Paulo, diminuindo para aproximadamente meio metro em direção à Catedral. Com esses desníveis, todos os acessos à Praça se davam por escadas, enquanto um segundo grupo de degraus ficava entre a área central e a parte superior, próxima à Catedral, permitindo a quebra do desnível.

Na mesma data, um segundo desenho mostra a locação de postes de iluminação [Fig. 74], distribuídos de forma ritmada pelas avenidas Rio de Janeiro, Paraná e São Paulo, com distância aproximada de 5,80 metros nas avenidas de sentido norte-sul e 6,70 metros na avenida Paraná, mudando o distanciamento apenas nos inícios dos caminhos da Praça. Na face voltada à Catedral, os postes apresentam um distanciamento maior: em torno de 23 metros. Outras duas fileiras de postes inseridos dentro dos canteiros centrais acompanham os caminhos da elipse e a área central, no eixo central dos canteiros menores e simétricos, dois de cada lado, nos canteiros maiores. A localização dos postes parece condizente com as fotografias inseridas anteriormente.

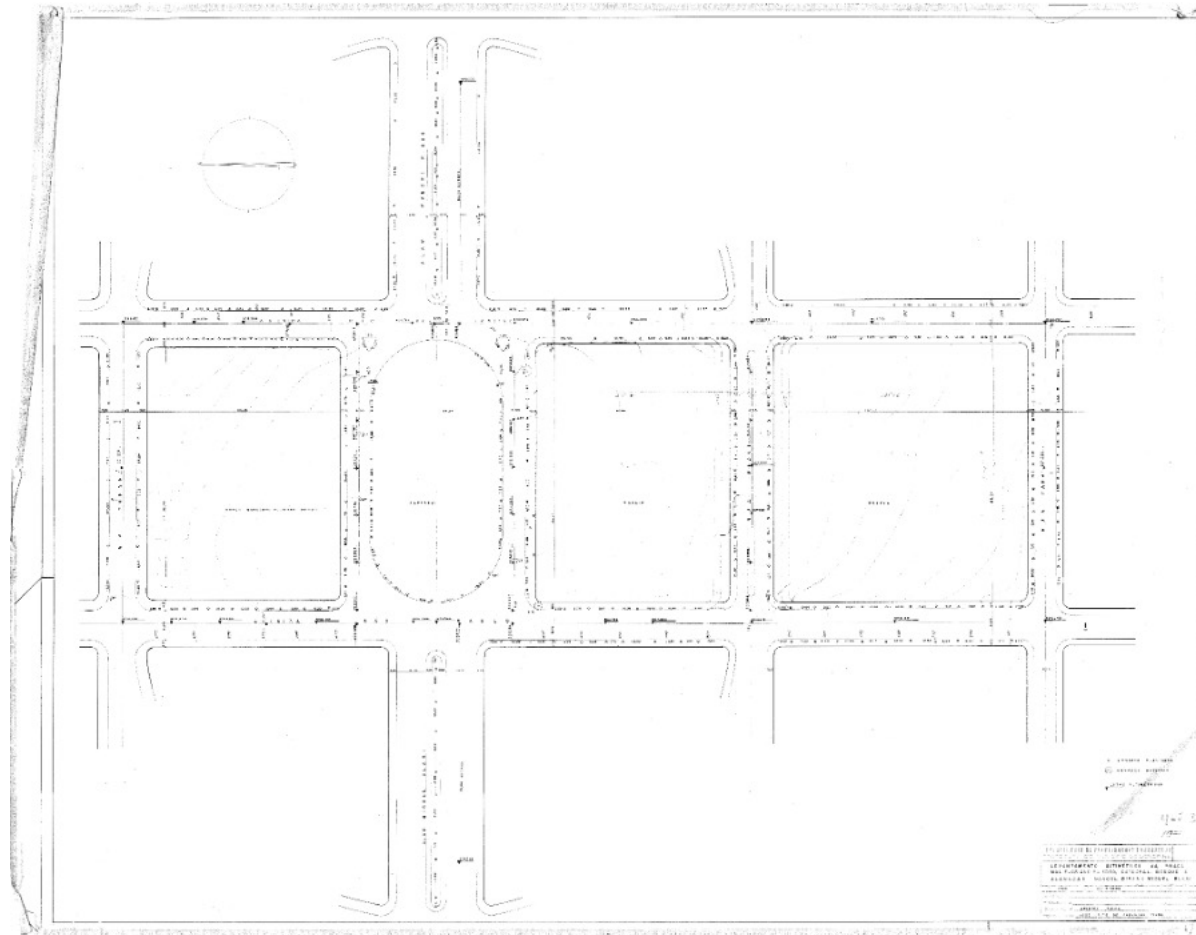
Figura 74 – Postes da Praça Marechal Floriano Peixoto, 1968



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Em abril de 1968, foi realizado um levantamento da Praça Marechal Floriano Peixoto, da Catedral, do Bosque e das alamedas Manoel Ribas e Miguel Blasi pelo Departamento de Planejamento e Urbanismo [Fig. 75]. O documento contém informações como a localização de árvores naturais, árvores plantadas, cotas altimétricas e outras medidas.

**Figura 75 – Levantamento, 1968**



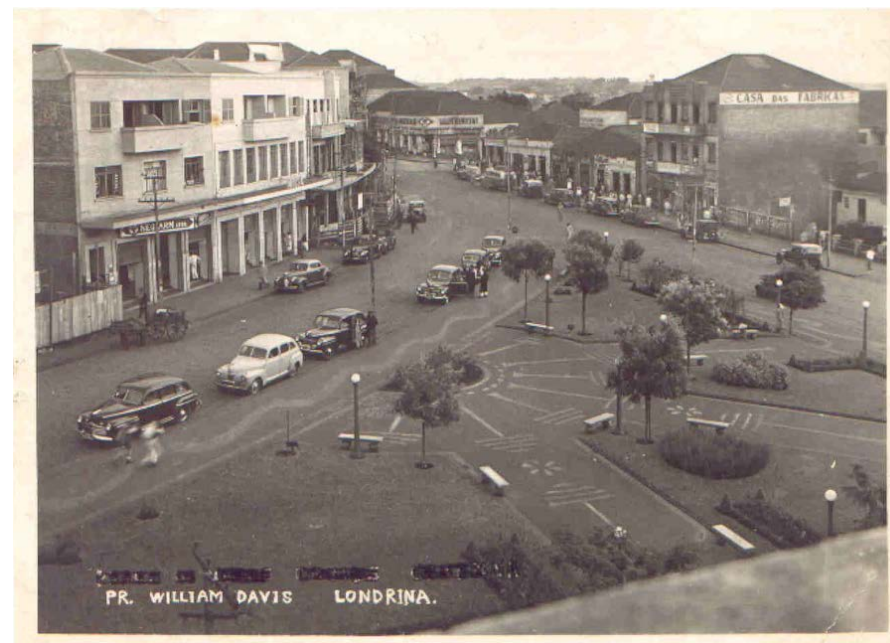
**Fonte:** Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

A rua Piauí foi representada cortando o Bosque. As árvores naturais estão concentradas principalmente nas quadras do Bosque, enquanto as árvores plantadas estão distribuídas ao longo das calçadas. No entanto, o documento não apresenta a representação do traçado interno ou da vegetação específica da Praça e do Bosque, limitando-se a indicar elementos pontuais. Essa ausência de detalhamento sugere uma abordagem mais focada nos aspectos topográficos e de infraestrutura do que no desenho paisagístico desses espaços.

### 3.2.2 Praça Willie Davids

O mesmo se repete na Praça Willie Davids: nas fotografias da década de 1950, não se observam grandes mudanças em relação ao período anterior [Fig. 76]. Na vegetação, evidencia-se o desenvolvimento arbóreo ao longo da década e algumas diferenças no paisagismo de canteiros, com adição de pontuais arbustivas.

**Figura 76** – Praça Willie Davids, 1950



Fonte: Acervo do MHL (2025).

É preciso destacar que, segundo uma reportagem do jornal *Folha de Londrina*, de 24 de maio de 1952 (Homenageada [...], 1952), foi instalada a escultura do busto do ex-prefeito Willie Davids, com cerimônia e discurso contendo breve histórico da trajetória de vida de Willie Davids; depois, houve ainda uma celebração no Rotary Club, que incluiu autoridades e a família. Na ocasião, não foram feitas imagens do monumento original, contudo, também não foram identificados

documentos que informem qualquer tipo de modificações feitas ao longo do tempo. Segundo a Ficha de Inventário (Siglon, M06), o busto feito em bronze tem um pedestal em granito e permanece na Praça até os dias atuais.

Outras fotos desse período também não mostram o busto, mas é possível ver a vegetação mais desenvolvida e a Praça usada por alguns dos pedestres [Fig. 77].

**Figura 77** – Praça Willie Davids, [195-]



Fonte: Londrina [...] (2025).

Em outra imagem, da década de 1950 [Fig.78 e 79], é possível perceber a vegetação proeminente da Praça, mas com a manutenção ainda em alguns pontos da vegetação em topiária. As luminárias e o “banco bola” se mantêm, assim como o piso em *petit pavé*. No canto inferior direito, dentro de um dos canteiros, é possível observar o monumento com o busto que foi inserido nesse período.

**Figura 78** – Praça Willie Davids, [195-]



Fonte: Londrina [...] (2025).

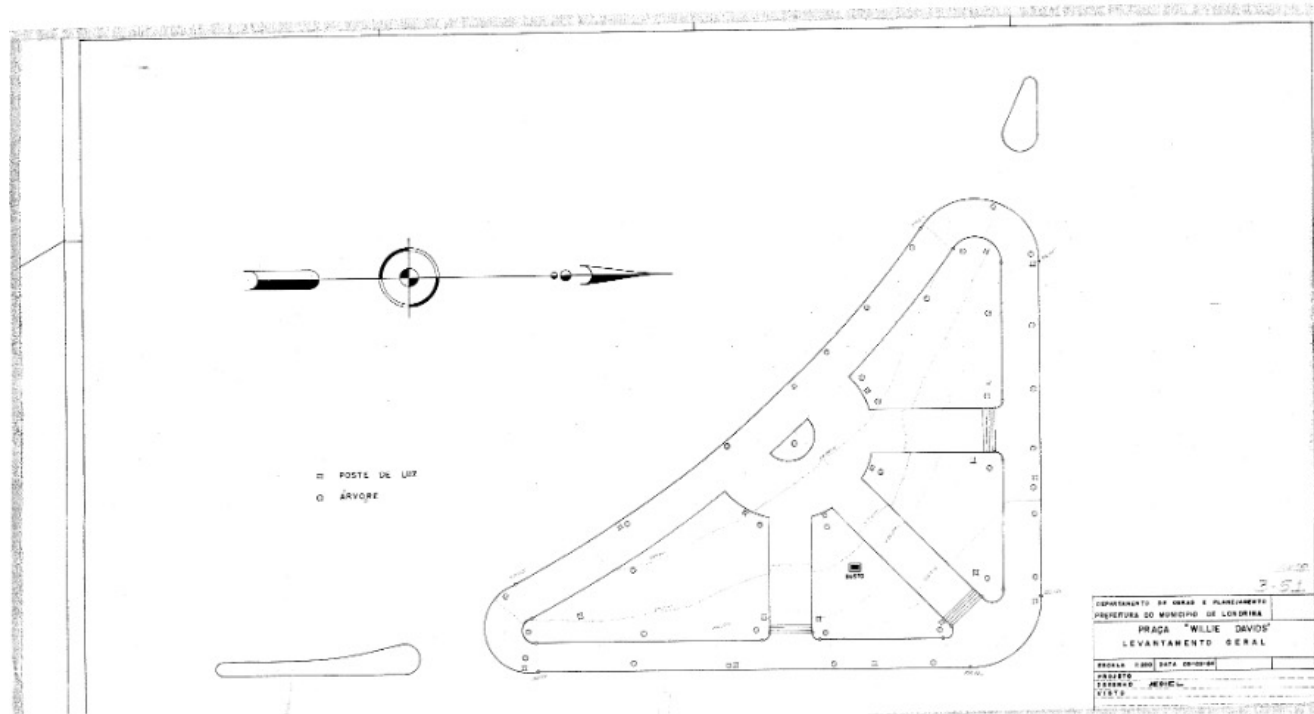
**Figura 79** – Detalhe do monumento na Praça Willie Davids, [195-]



**Fonte:** Londrina [...] (2025).

Outro levantamento, feito em 1964, pelo Departamento de Obras e Planejamento da Prefeitura Municipal de Londrina, refere-se à Praça [Fig. 80]. Datado de 3 de março daquele ano, o projeto apresenta o mesmo traçado interno apresentado nas imagens anteriores, em formato de “pata de ganso”, caracterizado por três caminhos internos, cada um deles dotado de uma escada.

**Figura 80** – Levantamento da Praça Willie Davids, 1964



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

A planta inclui representações das curvas de nível com intervalos de meio metro, postes de iluminação, árvores e o busto existente no local. Na época, as três vias que delimitavam a Praça ainda eram utilizadas por automóveis, o que reforçava a legibilidade de seu formato triangular. O desenho também mostrava a presença de canteiros localizados no final de cada quina, conectando os “catetos” à “hipotenusa” do triângulo.

A fotografia da vista parcial da Praça Willie Davids evidencia a evolução e consolidação da paisagem em seu entorno, sendo visíveis alguns prédios construídos e em andamento, edifícios comerciais e duas obras icônicas da região: fragmentos da fachada do Cine Teatro Ouro Verde e parte da placa do Autolon S. A. [Fig. 81].

**Figura 81** – Vista parcial da Praça Willie Davids, [196-]



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

A arborização se apresenta consolidada e altamente desenvolvida, promovendo intenso sombreamento na Praça, seguida de jovens espécies, com tutores de crescimento, implantadas no perímetro visível do calçamento. Do mobiliário urbano existente, é possível ver apenas as luminárias do tipo haste e esfera, com modificação da pintura da haste para a cor branca, que se mantém. Atualizam-se, nessa década, as placas de trânsito e posteamento com luz elétrica e fiação evidente no perímetro visível. Sendo assim, na

década de 1960, a Praça manteve o mobiliário urbano da década de 1940, assim como a Praça Marechal Floriano Peixoto, com alterações pontuais na cor das luminárias e inserção do monumento na década de 1950.

### 3.2.3 Praça Gabriel Martins

Em uma fotografia da Praça Gabriel Martins da década de 1950, possivelmente a imagem mais antiga que a destaca, pode-se pela primeira vez observar os desenhos feitos com piso e detalhes do traçado interno, além de outros elementos como vegetação, bancos e luminárias [Fig. 82].

**Figura 82** – Praça Gabriel Martins, [195-]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

A foto, do acervo do MHL, vista de um ângulo superior, mostra contornos bem definidos entre as vias e o calçamento da Praça, sendo possível notar uma diferença de tipologia de materiais usados para

cada uma. Também se destaca o desenho central em formato de sol nascente, tridente ou “pata de ganso”. A pavimentação do calçamento trazia desenhos em piso em todo seu perímetro e caminhos internos, sendo, respectivamente, em formato de “corrente” e estrelas, o que pode indicar uma pavimentação com pedras portuguesas, seguindo a padronagem observada em sua “irmã espelhada”: a Praça Willie Davids.

Sobre o busto de bronze em memória do médico Gabriel Martins, citado em reportagem do dia 30 de abril de 1944, no *Paraná Norte*, não é possível notar, nessa foto, se o semicírculo trazia um elemento central de monumento como ele, pois havia uma grande árvore implantada, destacando-se apenas a copa desta. Quanto à vegetação, a Praça Gabriel Martins apresentava espécies arbóreas que mesclavam porte adulto e jovem tanto em seu perímetro, implantadas em semicírculos (mesmo padrão da Praça Primeiro de Maio), acompanhadas do posteamento para energia elétrica, quanto internamente em todos os canteiros.

Os bancos implantados pela Praça não seguem a mesma tipologia da Praça Willie Davids e Praça Marechal Floriano Peixoto da década de 1940, no padrão “banco bola”, sendo possível notar uma característica simples, com pés retos e alongados e encosto retangular, similares aos bancos novos inseridos na Praça Marechal Floriano Peixoto, em madeira. Já as luminárias são do mesmo padrão

adotado nas praças anteriormente mencionadas, do tipo haste escura e esfera branca única. Similarmente à Praça Willie Davids, o traçado interno em tridente, que já aparecia em 1949, foi mantido e o piso feito em *petit pavé*, mas com desenhos diferentes. Já a vegetação aparece com árvores solitárias, sem vegetação topiária.

Embora não tenha sido encontrado levantamento no Cadastro Municipal da Praça Gabriel Martins no início da década de 1960, foi possível localizar fotografias do final desse período. Uma imagem revela em primeiro plano a avenida Paraná [Fig. 83] e a vegetação densa da Praça com árvores de grande porte. Em uma segunda imagem, vista de cima de um prédio do entorno, observa-se que as árvores encobrem boa parte da Praça, tornando-a bastante sombreada [Fig. 84]; o traçado, mesmo que visível de forma parcial, parece ter sido preservado, assim como o mobiliário urbano, já que se podem ver as luminárias de uma esfera pintadas de branco e pessoas sentadas em um banco.

**Figura 83** – Avenida Paraná (ao fundo, a Praça Gabriel Martins), 1966



**Fonte:** A Praça [...] (2011).

**Figura 84** – Praça Gabriel Martins, 1967



Fonte: Acervo do MHL (2025).

Em outra fotografia da década de 1960, observa-se uma banca e o semáforo, inseridos na esquina da rua Professor João Cândido e avenida Paraná [Fig. 85], além da luminária de uma esfera pintada de cor clara e um pouco de vegetação topiária acompanhando o desenho do canteiro. Devido ao sombreamento da Praça, apenas em parte da imagem aérea anterior é possível ver o piso em *petit pavé* que preserva o desenho sinuoso na calçada lateral.

**Figura 85** – Praça Gabriel Martins, [1966–1967]



Fonte: Londrina [...] (2025).

Dessa forma, fica evidente a intenção inicial de criar um conjunto visual no uso do mesmo mobiliário urbano nas três Praças ao norte (Praça Gabriel Martins, Praça Marechal Floriano Peixoto e Praça Willie Davids), mediante utilização de vários equipamentos urbanos similares, como a luminária, o “banco bola” e o banco de madeira retangular, e nas praças triangulares, o traçado tridente e piso em *petit pavé*.

#### 3.2.4 Praça Primeiro de Maio

Diferente das Praças anteriores, que tiveram o seu uso inicial ainda na década de 1940 como espaço aberto de convívio, a Praça Primeiro de Maio teve uma importante mudança em seu uso no início dos anos de 1950, evidenciando a readequação do contexto urbano da cidade. Duas imagens do começo da década de 1950 apresentam o espaço ainda usado como rodoviária, uso que teria iniciado nas décadas anteriores, como destacado anteriormente [Fig. 86]. A primeira imagem apresenta o edifício rodoviário voltado para a rua Piauí, enquanto a segunda foto registra várias pessoas aguardando embaixo da cobertura, e ainda pequenos “carrinhos” que comercializavam alimentos nas proximidades [Fig. 87].

**Figura 86** – Detalhe da Praça Primeiro de Maio, [195-]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

**Figura 87** – Praça Primeiro de Maio, [195-]



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

Outras imagens iniciais da década de 1950 apresentam a Praça vazia, apenas coberta por gramínea em sua maior extensão e alguns arbustos próximos às ruas Piauí e Minas Gerais (atual rua Senador Souza Naves) [Fig. 88]. Vale ressaltar que a rodoviária, que anteriormente ocupava a Praça, foi desativada em 1952. Com a construção da quarta rodoviária, na rua Sergipe, e a transferência de suas funções, a Praça ficou em estado de abandono (Londrina, 2007 *apud* Oliveira, 2016). Segundo Yamaki: “Relata-se que, entre 1952 e 1957, quando foi inaugurada a Concha Acústica, o local ficou abandonado no mato” (Yamaki, 2006, p. 44). A publicação do aniversário de 50 anos da Concha, de 2007, corrobora a informação a respeito do abandono, mas acrescenta que “Ali só continuava funcionando mesmo o ponto de charretes” (Concha [...], 2007, p. 7).

**Figura 88** – Vista aérea do centro de Londrina, [195-]



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

No início da década de 1950, o então prefeito Antônio Fernandes Sobrinho (1955–1959) decidiu revitalizar o espaço. Inicialmente, pretendia construir um coreto. Segundo Yamaki, “[...] construção de um coreto, equipamento muito em voga nas cidades, era imaginada

pelo Prefeito” (Yamaki, 2006, p. 114), e a escolha da construção se mostrou mais viável na Praça Primeiro de Maio, por seu estado de semiabandono e pelo perfil do terreno, do que nas Praças Willie Davids e Gabriel Martins. No entanto, considerando a proximidade com o Paço Municipal, região onde já aconteciam campanhas e comícios eleitorais, para reforçar a vocação da “Praça do Povo”, optou-se pela construção da Concha Acústica.

Além disso, algumas campanhas e comícios eleitorais já eram realizados nas imediações do Paço Municipal, definindo a sua vocação. Procurando reforçar a atratividade da “Praça do Povo”, decidiu-se então pela construção de uma Concha Acústica, como “substituto aos coretos tradicionais” (Queiroz, 2004 *apud* Yamaki, 2006, p. 114).

O projeto da Concha Acústica como um anfiteatro ao ar livre foi inspirado em uma estrutura similar existente em Vitória (ES), projetada pelo arquiteto Francisco Bolonha (Yamaki, 2006; Concha [...], 2007; Oliveira, 2016; Cesário e Magalhães; 2016). Segundo José Augusto de Queiroz (2004 *apud* Yamaki, 2006, p. 114) a imagem da foto teria sido vista na publicação de número 29 da revista *Arquitetura e Engenharia*, de 1954 [Fig. 89].

**Figura 89** – Cartão postal da Concha Acústica do Parque Moscoso, em Vitória (ES)



Fonte: Yamaki (2006, p. 115).

Em Londrina, o projeto foi desenvolvido por Henrique Mindlin (Oliveira, 2016), e a execução da obra ficou a cargo do engenheiro civil José Augusto de Queiroz, que, em conjunto com o prefeito, realizou adaptações no projeto original, incluindo ajustes na altura e inclinação, além da incorporação de escadaria na lateral da Concha: “Demos uma modificada na dimensão, aumentamos a projeção e mudamos a inclinação da Concha, altura do palco, escada palito e

outros detalhes”, afirma Queiroz (2004 *apud* Yamaki, 2006, p. 114). Algumas fotografias registraram a revitalização da Praça e a construção da Concha Acústica [Fig. 90 a 93].

**Figura 90** – Revitalização da Praça Primeiro de Maio [1952–1957]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

**Figura 91** – Revitalização da Praça Primeiro de Maio e construção da Concha Acústica, 1957



**Fonte:** Foto de Oswaldo Leite. Acervo do MHL (2025).

**Figura 92** – Revitalização da Praça Primeiro de Maio e construção da Concha Acústica, 1957



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

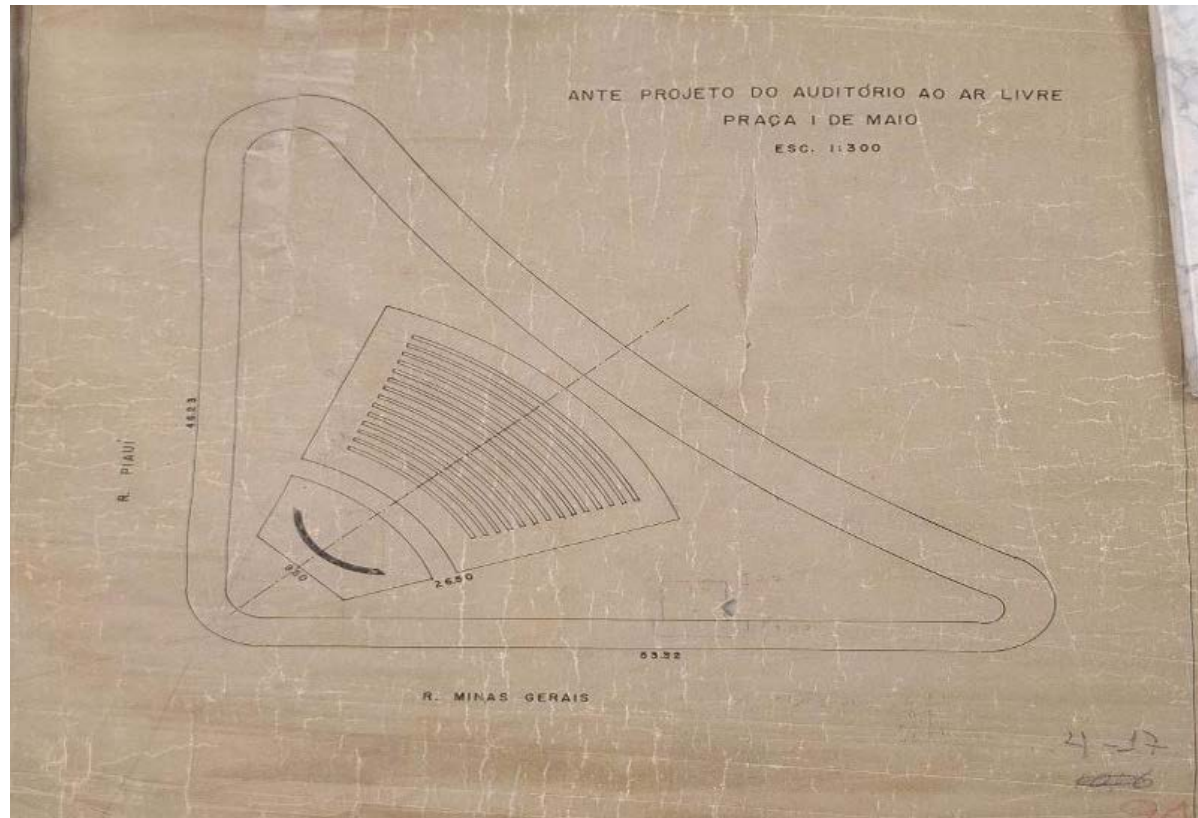
**Figura 93** – Revitalização da Praça Primeiro de Maio e construção da Concha Acústica, 1957



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

Há ainda, no Cadastro Imobiliário, um anteprojeto do auditório ao ar livre na Praça Primeiro de Maio [Fig. 94]. Embora o documento esteja sem data, é possível que seja anterior a 1961, pois nele as ruas são nomeadas como Piauí e Minas Gerais — sendo que a última teve seu nome modificado para avenida Senador Souza Naves a partir da Planta da Cidade de Londrina, redesenhada em 1961. Assim, é muito provável que se trate do projeto inicial da Concha. Ele apresenta apenas uma única planta de situação, mas diferente do que foi executado. Há no projeto catorze bancos corridos com acesso ao palco apenas por corredores laterais, similar ao projeto de Vitória (ES).

**Figura 94** – Anteprojeto da Concha Acústica, [195-]



**Fonte:** Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Em outras fotografias de 1957, observa-se o momento da finalização e preparação dos canteiros da Praça [Fig. 95]. Nessa imagem é possível observar com clareza as mudanças citadas anteriormente entre a Concha londrinense e o anfiteatro capixaba, principalmente pela elevação do palco, com a criação de escada lateral suspensa, as dimensões mais alta e inclinada, além da quebra do banco contínuo, criando um caminho central.

**Figura 95** – Praça Primeiro de Maio, 1957



**Fonte:** Foto Oswaldo Leite. Acervo do MHL (2025).

A inauguração ocorreu no dia 1º de maio de 1957 (Cesário; Magalhães, 2016), o que garantiu ao espaço seu nome oficial: Praça Primeiro de Maio. Ainda, nessa data, a reportagem da *Folha de Londrina* menciona a inauguração de “importantes obras públicas”, sendo uma delas a Concha Acústica, instalada na Praça Primeiro de Maio. Segundo o jornal, a Concha foi considerada uma homenagem ao trabalhador de Londrina, contando com palco e extensa programação artística, incluindo a presença da Orquestra Filarmônica de Londrina

e outras apresentações, que visaram à comemoração da entrega das obras (Importantes [...], 1957). Uma foto do acervo do MHL mostra a movimentação de pessoas e charretes naquele dia [Fig. 96].

**Figura 96** – Inauguração da Praça Primeiro de Maio e da Concha Acústica, 1957

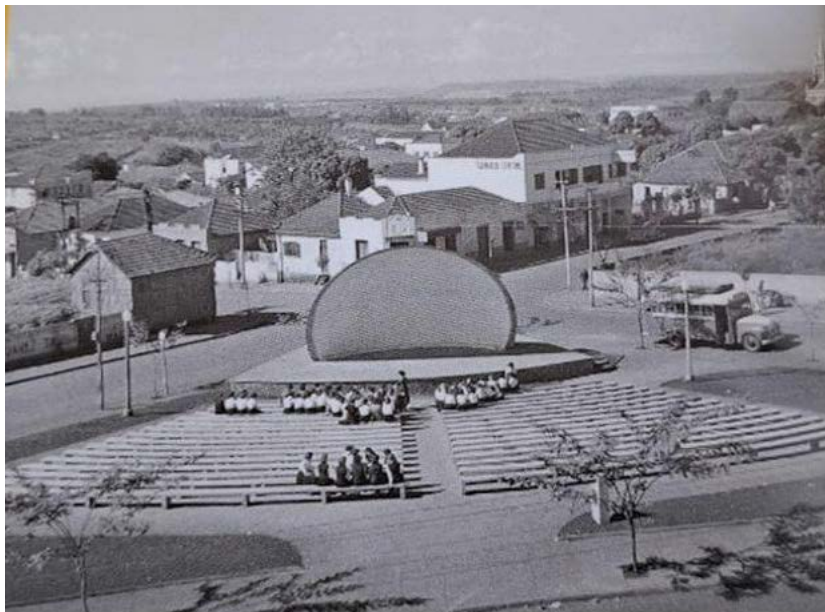


**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

Outras imagens que retratam a inauguração e os anos iniciais de funcionamento da Concha, apresentam dois canteiros gramados em formato de “L” que acompanham as quinas da praça triangular até chegarem próximos ao eixo central de acesso à concha. Além

disso, mostram luminárias com um ponto de luz (similar ao que seria instalado no Bosque, na mesma década de 1950). A imagem da Concha sendo utilizada pelas alunas do Colégio Mãe de Deus, provavelmente no final da década de 1950 (visto que ainda não exista o edifício do Centro Comercial, construído entre 1960 e 1963) retrata com clareza as características iniciais da Concha e a diferença no formato dos canteiros, com apenas um acesso para a rua Piauí, próximo à escada da Concha, e nenhum para a rua Souza Naves [Fig. 97].

**Figura 97** – Praça Primeiro de Maio e Concha Acústica, [195-]



Fonte: Concha (2007, p. 8).

Quanto ao seu entorno, é possível notar uma evidente diferença entre o perímetro da Praça e o calçamento, meio-fio e vias. Há também uma particularidade no tipo de pavimentação entre a calçada com placas de concreto, que segue o mesmo padrão da quadra ao lado, assim como entre as vias, destacando-se a atual rua Maestro Egídio Camargo do Amaral em paralelepípedo, material até hoje presente no local.

Quanto aos caminhos internos, diferente do projeto do Cadastro, foi possível observar apenas uma abertura central e uma lateral, no lado arredondado da Praça que dá acesso à área de arquibancadas da Concha Acústica, as quais fazem a função de únicos mobiliários de permanência para dias sem evento.

No aspecto de tratamento paisagístico, a Praça apresentava espécies arbóreas jovens em canteiros de meia-lua, com robustos tutores por todo o perímetro. Esse tipo de plantio em calçadas, próximo ao meio-fio, caracteriza plantio comumente voltado para a arborização urbana. Tal aspecto, combinado à falta de presença de espécies nos canteiros internos, reforça um caráter de praça sem sombreamento para longas permanências. Quanto ao seu entorno, é possível notar um esvaziamento ao seu redor com terrenos livres, sendo o objeto arquitetônico um marco na paisagem urbana.

Pouco tempo depois, o espaço também foi usado para homenagear o senador Abilon Souza Naves, “líder trabalhista que

teve importante atuação política no Estado” (Concha, 2007, p. 11) . Segundo a Ficha de Inventário (Siglon, M05), o monumento consistente em busto de bronze sobre um pedestal em granito bruto, em uma plataforma de concreto, foi instalado em 31 de janeiro de 1960 — tendo o homenageado falecido no ano anterior. O busto teria sido implantado olhando para o local onde ficava a prefeitura de Londrina (Mendonça, 2007, p. 11). No entanto, segundo a Ficha de Inventário (Siglon, M05), ele foi movido para o local atual quando da sua revitalização, contudo, a placa que havia abaixo do busto foi roubada entre 2019 e 2023.

Vale ressaltar o uso intenso da Concha Acústica já nos seus primeiros anos de funcionamento, principalmente para fins políticos, dada a sua implantação próximo à prefeitura e ao centro político da cidade, como palco de comícios do presidente Juscelino Kubitschek e João Goulart, por exemplo. Além disso, destacam-se outros usos relacionados a apresentações, inclusive circenses e musicais, bem como a quermesses e encontros dos jovens (Concha, 2007, p. 11).

Dessa forma, a implantação da Concha na Praça Primeiro de Maio evidencia o cuidado no tratamento urbano realizado na década, compondo, com outros edifícios importantes municipais, o centro de Londrina. O uso político e cultural do local passou a ser um importante marco para a cidade. Diferentemente das Praças anteriores, não

são inseridos outros bancos e vegetações internas, apenas algumas árvores pontuais, a estrutura de arquibancada, o palco da Concha em concreto e as luminárias com um ponto de luz, e um traçado interno novo com dois canteiros laterais. No entanto, poucos anos depois, a inserção do monumento demonstra um tratamento similar às Praças Willie Davids e Gabriel Martins, de homenagem e memória.

### 3.2.5 Bosque Marechal Cândido Rondon

Outra intervenção um pouco maior ocorrida na década de 1950 se deu no Bosque Marechal Cândido Rondon. Uma reportagem da *Folha de Londrina* afirma que, naquela época, na gestão do prefeito Milton Menezes, foram instalados viveiros de animais, parque infantil, uma quadra poliesportiva, vestiários e sanitários públicos (Um bosque [...], 2015), informação reforçada na Ficha de Inventário (Siglon, P28). Também há fotografias que, mesmo sem data, identificam obras no interior do Bosque [Fig. 98 a 101].

**Figura 98** – Obras no Bosque Marechal Cândido Rondon



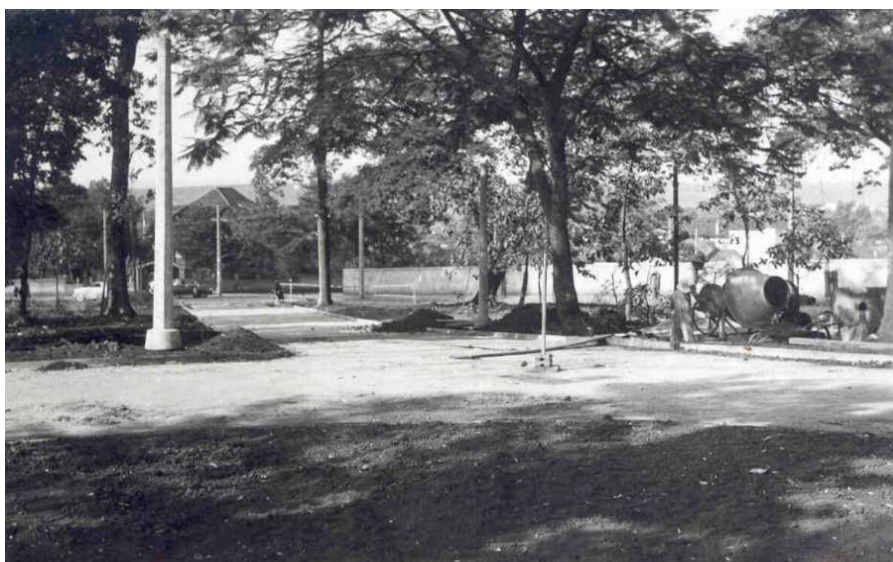
**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

**Figura 99** – Obras no Bosque Marechal Cândido Rondon



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

**Figura 100** – Obras no Bosque Marechal Cândido Rondon



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

**Figura 101** – Obras no Bosque Marechal Cândido Rondon



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

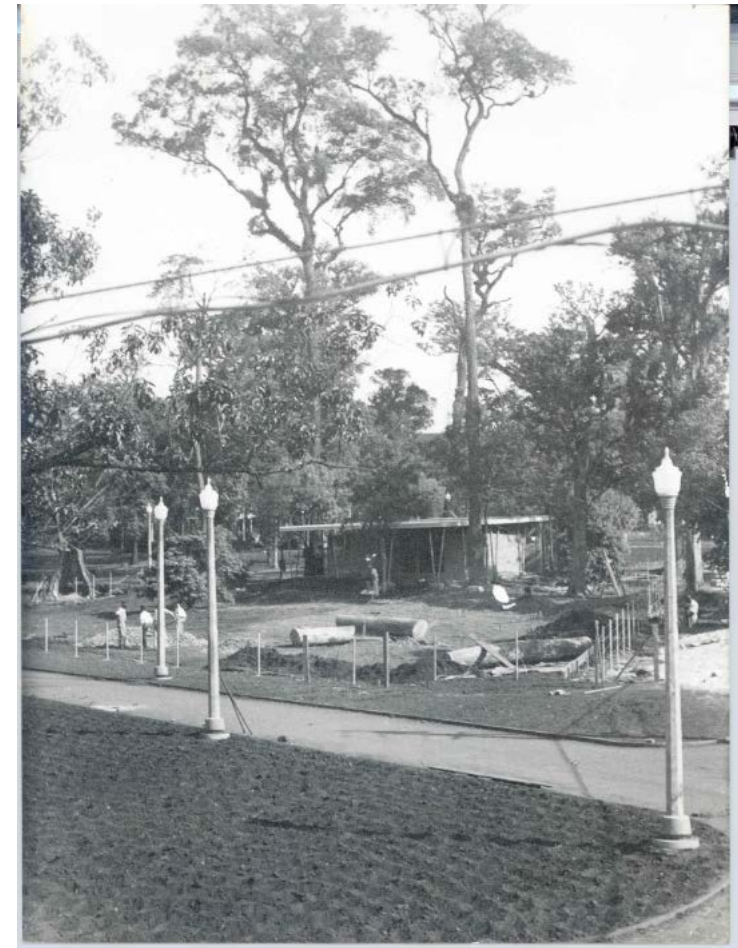
Outras imagens parecem apresentar a construção do viveiro [Fig. 102] e dos banheiros [Fig. 103 e 104]. Nos registros que mostram a estrutura dos banheiros, pode-se observar, aos fundos, a Igreja Metodista da rua Rio de Janeiro. As imagens também mostram a presença de luminárias com um ponto de luz, mas dessa vez com um desenho distinto do globo presente nas outras Praças.

**Figura 102** – Obras no Bosque Marechal Cândido Rondon



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

**Figura 103** – Obras no Bosque Marechal Cândido Rondon



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

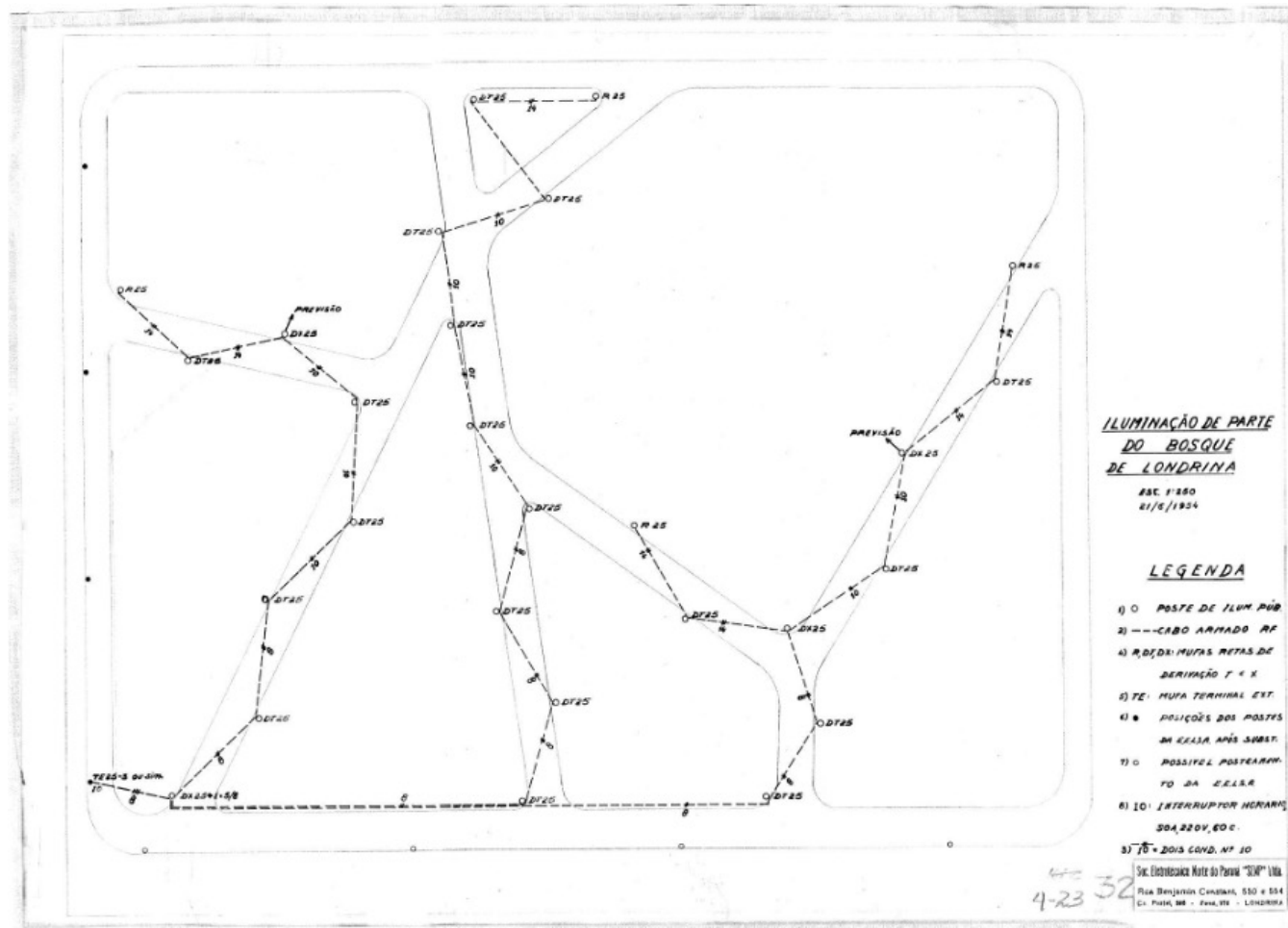
**Figura 104** – Obras no Bosque Marechal Cândido Rondon, possivelmente no banheiro



Fonte: Acervo do MHL (2025).

Não foram encontrados projetos iniciais das instalações feitas no Bosque, porém o que existe é um projeto do dia 21 de junho de 1954, de “Iluminação” de parte da área, em que é possível ver o traçado da quadra norte (ao lado da Catedral) [Fig. 105]. O desenho representa o norte de maneira invertida.

Figura 105 – Iluminação do Bosque (quadra norte), 1954

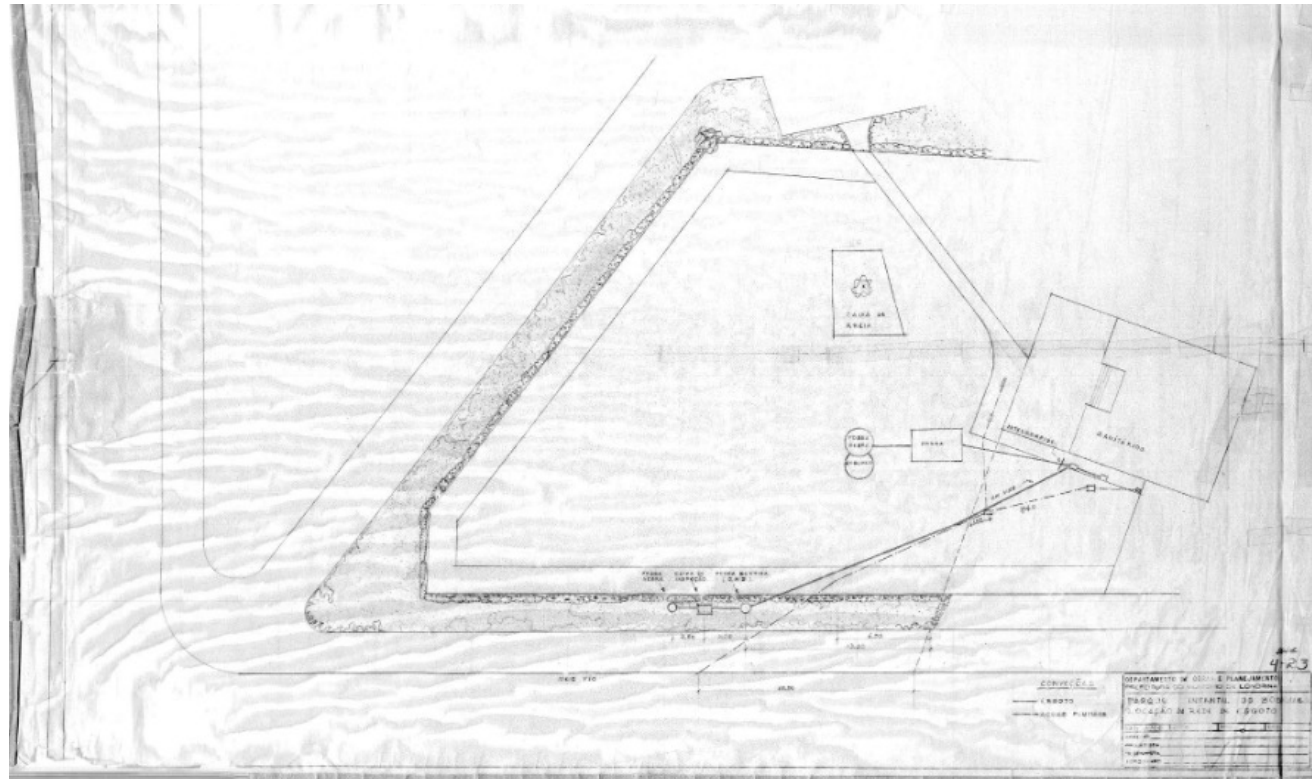


Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

O traçado se mostra distinto do primeiro desenho simétrico visto nos mapas iniciais. Mantêm-se três acessos pela travessa Padre Bernardo Greiss, em localizações diversas, sendo um próximo da área central, outro próximo à esquina com a avenida São Paulo e, por fim, um entre a distância do acesso central e a esquina da avenida Rio de Janeiro. Já as ruas laterais apresentam apenas um acesso mais deslocado ao sul, e a rua Piauí contém dois acessos próximos à área central. Alguns cruzamentos das ruas acontecem nas proximidades da área central da quadra, mas sem marcar claramente o centro.

Em outro projeto, sem data, com título “Parque Infantil no Bosque — locação da área de esgoto”, é possível observar a existência dos sanitários e uma caixa de areia próximo aos sanitários, que provavelmente deveria fazer as vezes de parque infantil. No entanto, o desenho não apresenta os nomes das ruas, dificultando o entendimento completo da implantação das instalações no Bosque [Fig. 106].

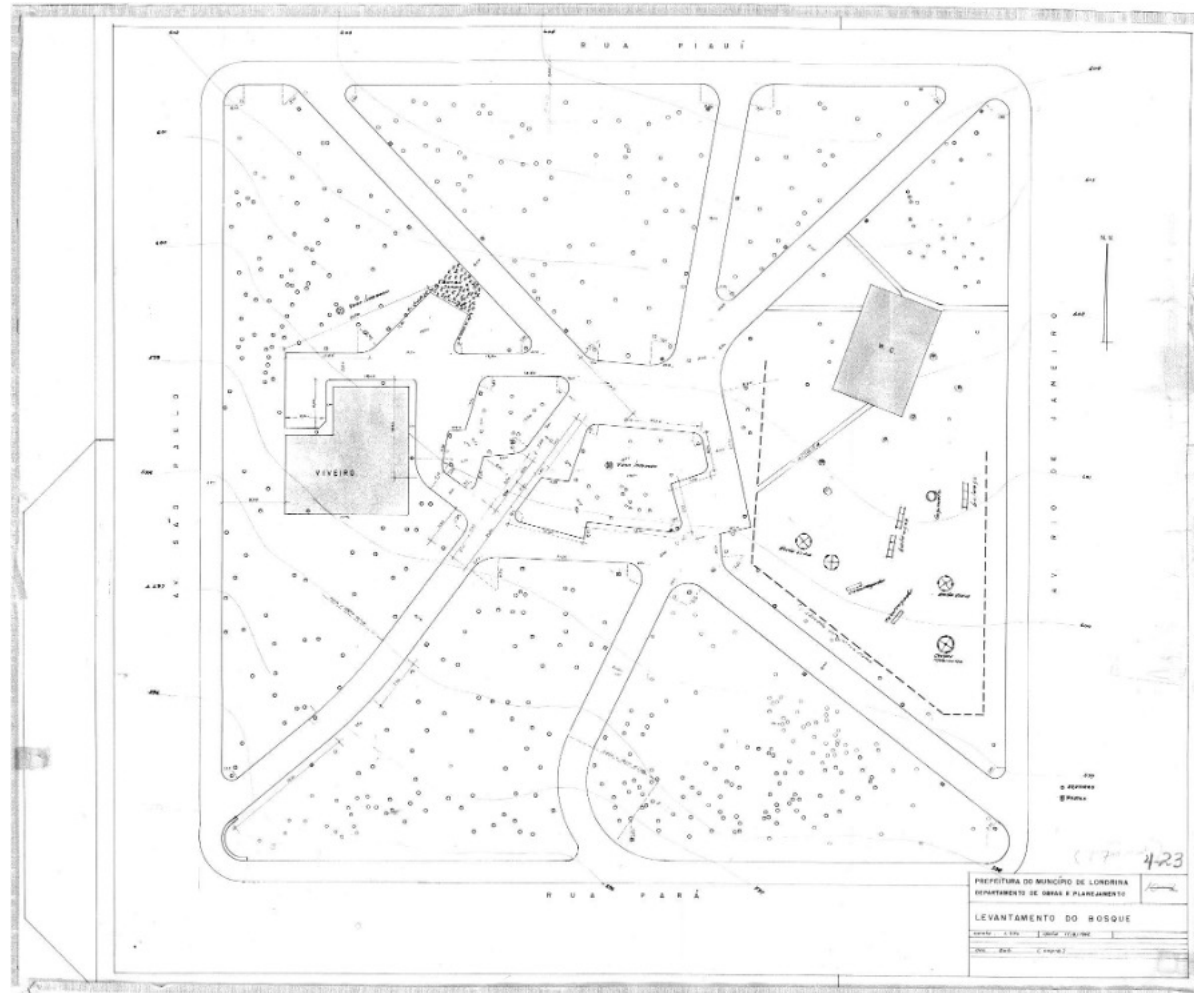
**Figura 106 – Parque infantil do Bosque**



**Fonte:** Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

A localização exata dos equipamentos inseridos no Bosque na década de 1950 só é possível ser confirmada nos documentos do início da década de 1960, encontrados no Cadastro Municipal. O primeiro deles é um levantamento do Bosque (quadra sul), realizado pelo Departamento de Obras e Planejamento da prefeitura municipal em agosto de 1962, que documentou o perímetro delimitado pela rua Pará, avenida Rio de Janeiro, rua Piauí e avenida São Paulo [Fig. 107]. A planta inclui o mapeamento detalhado de postes, árvores, curvas de nível, medidas, construções, mobiliários e caminhos internos, além de identificar estruturas como um viveiro, banheiros, um parque infantil e uma área de jardim.

**Figura 107** – Levantamento do Bosque (quadra sul), 1962



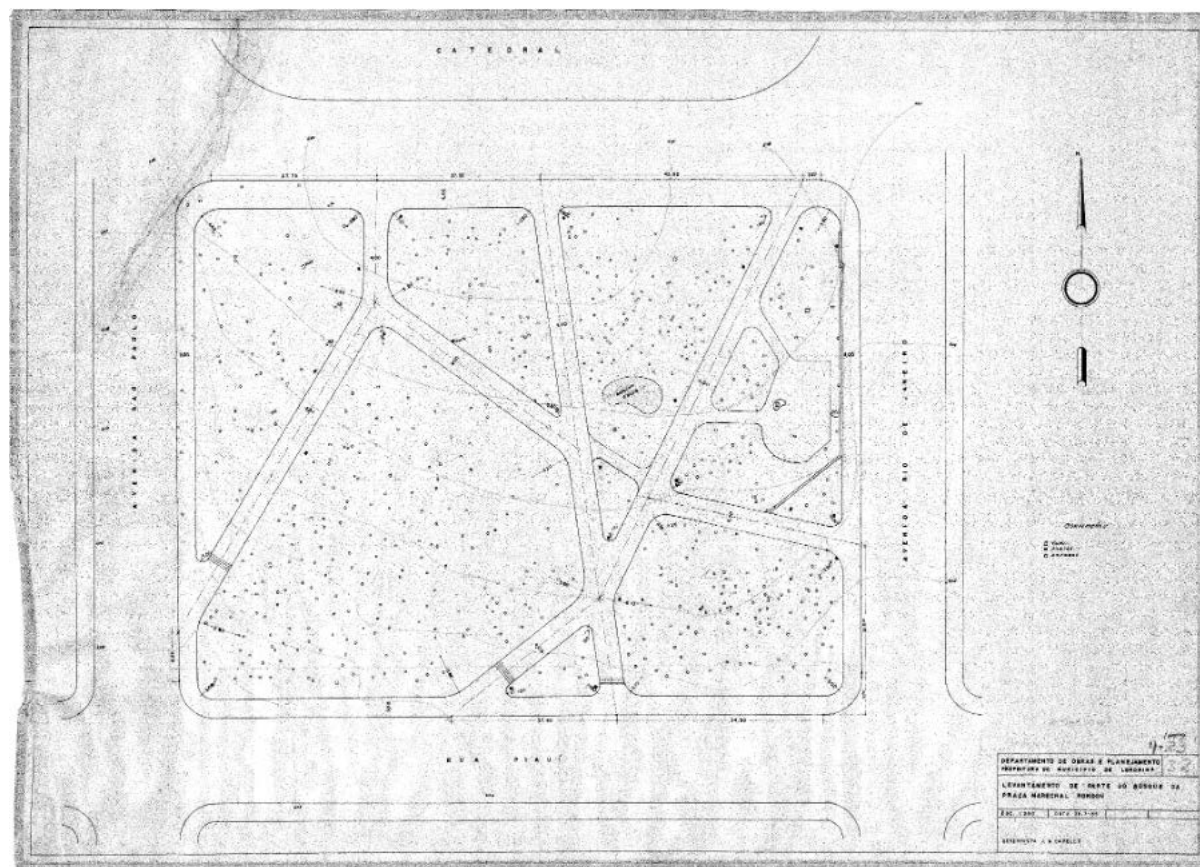
Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

No documento, é possível observar a localização exata dos sanitários, contíguos à avenida Rio de Janeiro, e do viveiro, próximo à avenida São Paulo. Ao sul dos sanitários, onde ficava a caixa de areia (no desenho anterior da década de 1950), agora aparecem em área maior uma série de equipamentos infantis, como “escorregador”, “balanços”, “roda viva”, “chapéu mexicano” e “cogumelo”, parcialmente cercados por uma grade feita de “ferro e arame”. No entanto, a quadra poliesportiva citada na reportagem não aparece nos desenhos.

O traçado apresentado no levantamento exhibe caminhos diagonais que partem de cada esquina da quadra e convergem em direção ao centro, onde se localiza uma floreira. Adicionalmente, há um caminho que se origina na rua Piauí e outro, na rua Pará. Os canteiros são configurados a partir do desenho desses caminhos, sem seguir um padrão regular. Caminhos secundários também são identificados, conectando-se ao banheiro e ao viveiro. Esse desenho dos caminhos difere da Planta da Cidade de Londrina de 1957, em que o elemento utilizado na composição era o asterisco. A quantidade de árvores existentes no levantamento indica a possibilidade de que o traçado resultante do Bosque esteja diretamente relacionado à localização das árvores preexistentes e a busca da manutenção destas.

Em julho de 1965, o Departamento de Obras e Planejamento realizou outro levantamento, com o norte voltado para o lado correto, dessa vez referente a uma segunda quadra do Bosque (quadra norte), delimitada pela rua Piauí, avenida Rio de Janeiro, Catedral e avenida São Paulo [Fig. 108]. O documento registrou informações como curvas de nível com intervalos de um metro, caminhos, vasos, posicionamento de postes e árvores, medidas, um pequeno lago e escadas.

**Figura 108** – Levantamento do Bosque (quadra norte), 1965



**Fonte:** Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Assim como na quadra anterior, o traçado apresenta um desenho irregular, com caminhos diagonais que conectam faces opostas da quadra. Os canteiros são formados a partir dos espaços livres entre os caminhos, caracterizados por cantos arredondados. O levantamento indica a presença de diversas árvores implantadas, mas não registra nenhuma construção. A existência de escadas indica que essa quadra está situada em um nível topograficamente mais elevado em relação à outra.

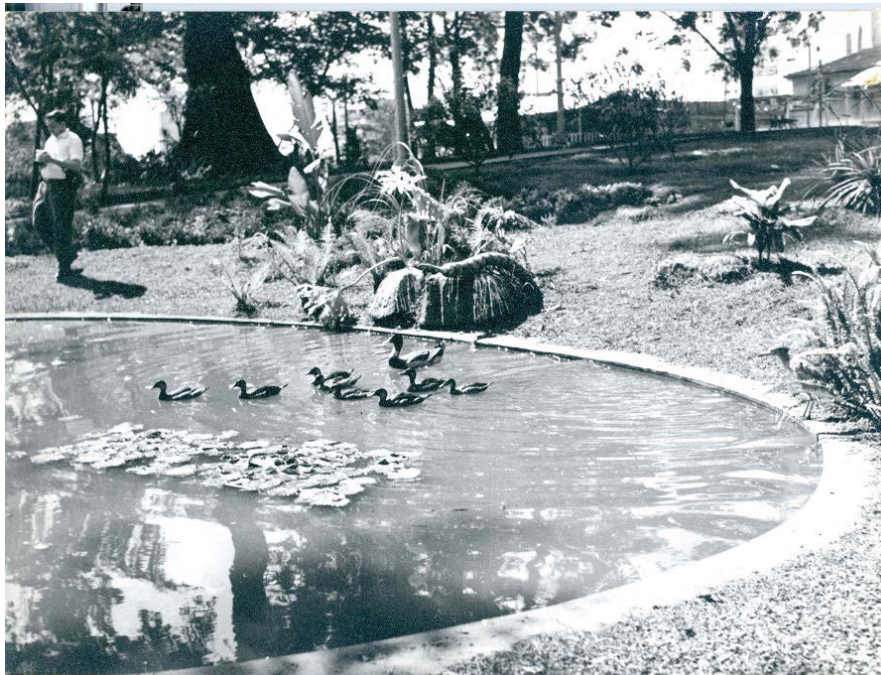
Uma fotografia do acervo do MHL identificada como sendo do Bosque, mas sem data, pode representar o parque de areia com equipamentos infantis descrito nos projetos [Fig. 109]. Nela se observam, ainda, as luminárias ao fundo do caminho que contorna o parque. Algumas imagens também retratam os equipamentos inseridos no Bosque durante o seu funcionamento, como o pequeno lago na quadra norte [Fig. 110 e 111] e o viveiro da quadra sul [Fig. 112].

**Figura 109** – Parque infantil do Bosque



Fonte: Acervo do MHL (2025).

**Figura 110** – Lago do Bosque, [195—196-]



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

**Figura 111** – Lago do Bosque, [195—196-]



**Fonte:** Leite ([195-]) *apud* Buono (2019).

**Figura 112** – Viveiro do Bosque, [195-]



Fonte: Bosque [...] (2020).

Segundo Fernanda C. Frozoni (2013): “É também durante a década de 1950, em meio a estas transformações, que este Bosque irá receber o nome que possui até hoje: Bosque Marechal Cândido Rondon”. A autora também destaca a reportagem da *Folha de Londrina* de 8 de março de 1958, que publicou uma cópia da lei n.º 414:

Sessão Atos da Municipalidade – Prefeitura do município de Londrina. NOTA: LEI Nº 414. A CÂMARA MUNICIPAL DE LONDRINA, ESTADO DO PARANÁ, DECRETOU E EU, PREFEITO MUNICIPAL,

SANCIONO A SEGUINTE: ART. 1º - Fica o Executivo autorizado a denominar BOSQUE MARECHAL RONDON o arvoredo existente nas duas quadras, de propriedade do Município, e situadas entre a Catedral de Londrina e Rua Pará; e entre as Avenidas Rio de Janeiro e São Paulo, separadas pela Rua Piauí. ART. 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. EDIFÍCIO da Prefeitura do Município de Londrina, aos 4 de março de 1958. ANTONIO FERNANDES SOBRINHO – PREFEITO MUNICIPAL. MARIO CUNHA – SECRETÁRIO. (Prefeitura [...], 1958).

Em uma foto da Catedral na década de 1960, também é possível observar que o Bosque continua a ser um importante espaço de vegetação adensada [Fig. 113]. Sobre os mobiliários urbanos, algumas imagens evidenciam a luminária com uma lâmpada, com desenho um pouco diferente das outras Praças ao norte. A maioria das imagens não mostra a existência de bancos e tratamento nos pisos internos do Bosque, sendo que em uma imagem aparece um banco de madeira, mas não é possível confirmar a data. O mais marcante foi a inserção dos equipamentos novos voltados ao lazer da população londrinense.

**Figura 113** – Bosque ao lado da Catedral, [196-]



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

### 3.2.6 Praça Sete de Setembro

Sobre a Praça Sete de Setembro, pode-se destacar que foi em 1954 que o monumento à Imaculada Conceição foi inaugurado (Siglon, M02). Uma reportagem do jornal *Folha Norte*, de 29 de setembro de 2006, informa que a imagem foi doada pela Arquidiocese de Jacareizinho em 1954, pelo centenário do dogma da Imaculada Conceição de

Maria. É importante sublinhar também que a imagem foi posicionada com o rosto de Maria voltado para a Catedral, a pedido das religiosas envolvidas na instalação do monumento (Mendonça, 2006).

Uma fotografia, da década de 1950, mostra parte do traçado interno da Praça e o monumento destacado ao centro [Fig. 114]. A imagem também mostra algumas espécies dentro dos canteiros internos da Praça, não sendo possível identificar a tipologia ao certo, mas são dispostas ao longo do caminho que a atravessa em formato de arco.

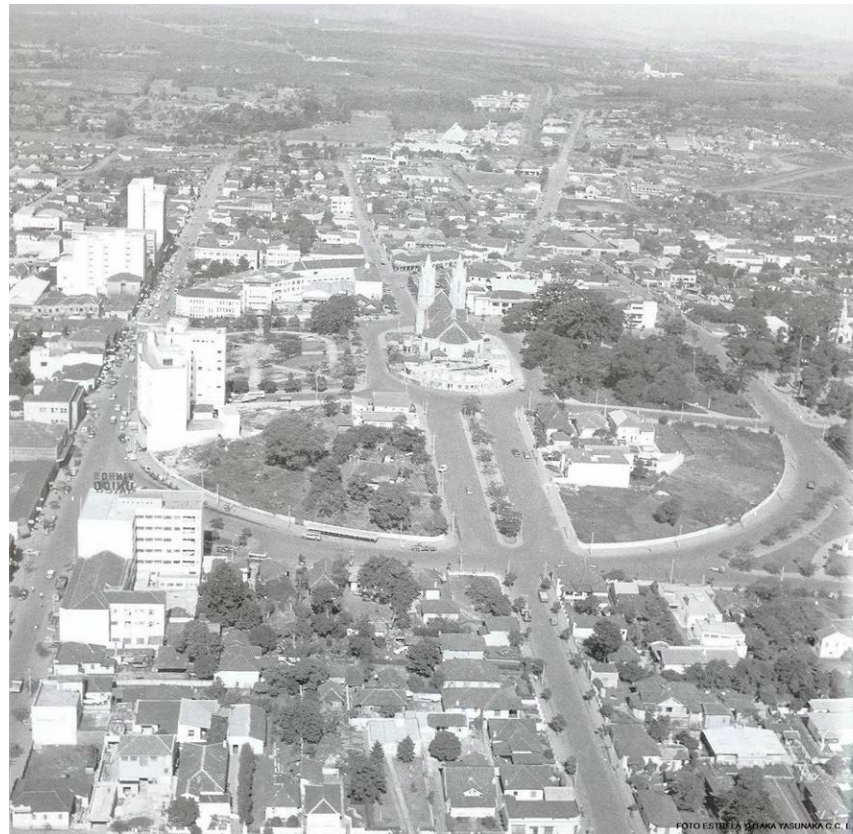
**Figura 114** – Monumento da Praça Sete de Setembro, [195-]



**Fonte:** Viani (2002) *apud* Siglon, P22 (2025).

Também na aerofotografia da década de 1950, é possível ver o monumento na Praça [Fig. 115 e 116]. Além disso, observa-se com maiores detalhes o plantio de 21 espécies jovens de árvores por todo o perímetro, com caráter de arborização urbana, dispostas simetricamente e ritmadas. Não é possível identificar exatamente o desenho do canteiro na calçada, mas ao observar o posicionamento de implantação, bem próximo ao alinhamento do meio-fio, é possível inferir que se trata dos canteiros meia-lua existentes até os dias atuais.

**Figura 115** – Vista aérea do centro de Londrina, [195-]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

**Figura 116** – Detalhe Praça Sete de Setembro, [195-]



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

Um detalhe de outra fotografia aérea, dessa vez da década de 1960, mostra a evolução das espécies na Praça [Fig. 117 e 118]. Ainda, ao lado do monumento religioso, é possível observar uma nova árvore, de porte pequeno, não identificada na fotografia anterior.

**Figura 117** – Foto aérea do centro de Londrina, [195-]



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

**Figura 118** – Detalhe da Praça Sete de Setembro, [196-]



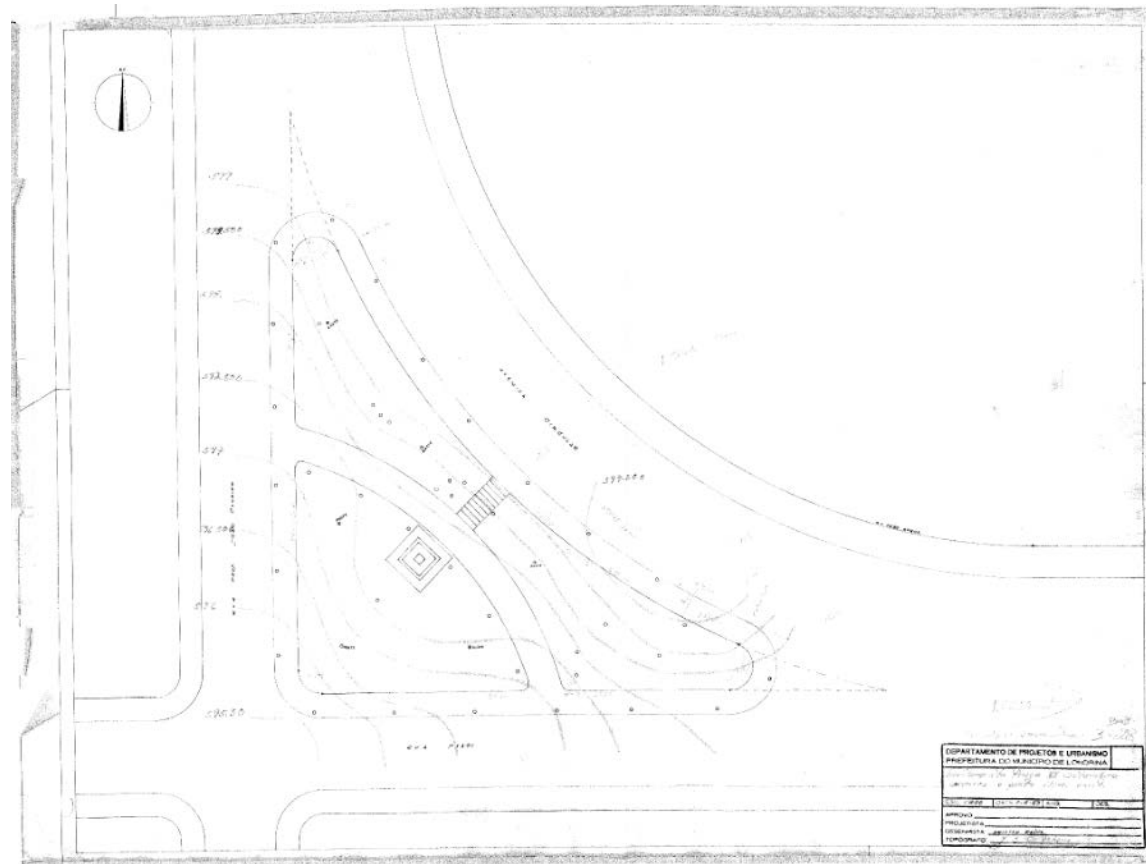
**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

Segundo a reportagem de 18 de abril de 2000 na *Folha de Londrina*, os operários depararam-se com uma árvore rara durante uma reforma (Pau-Brasil [...], 2000). A espécie foi confirmada pelo biólogo Paulo Cezar Dolibaina, da autarquia municipal de meio ambiente como legítimo pau-brasil, de cerca de três metros. A árvore, símbolo do Brasil, está localizada à direita do monumento. Em 2000, foi solicitado para o arquiteto responsável pelo projeto criar uma marca diferenciada para a árvore plantada. Atualmente, ela está em um canteiro em meia-lua, tendo ao seu lado um banco.

Na reportagem, há menção ao desconhecimento quanto à idade da planta; na imagem da década de 1950, ainda não se pode observar nenhuma árvore adulta ao lado do monumento. Isso confirma que seu plantio não é anterior à década de 1950, mas, por seu porte na fotografia da década de 1960, é possível que ela tenha sido plantada nesse intervalo.

O traçado da Praça Sete de Setembro e a localização do monumento podem ser confirmados no último levantamento da década de 1960 [Fig. 119]. Conforme registrado no Cadastro Imobiliário, ele foi realizado pelo Departamento de Projetos e Urbanismo da prefeitura municipal em maio de 1969.

**Figura 119** – Levantamento da Praça Sete de Setembro, 1969



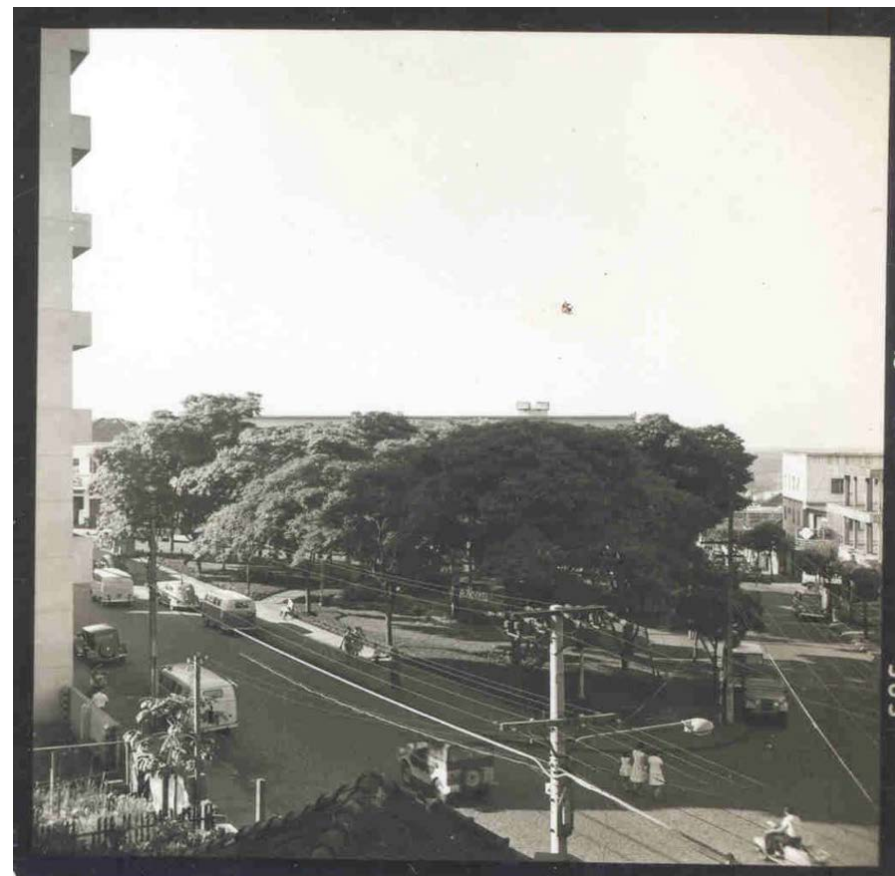
**Fonte:** Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

O estudo identificou a presença de árvores e postes de iluminação, que estão distribuídos pela calçada e pelos canteiros, além de mostrar a escada existente e o monumento à Imaculada Conceição, elementos que permanecem até os dias atuais. No documento, a Praça mantém seu formato triangular característico, com cantos arredondados e o perímetro preservado, confrontando-se com as três ruas que delimitam seu espaço.

O único caminho interno da Praça é formado por um arco que conecta dois de seus lados, ligando a rua Piauí à rua João Cândido, estrutura que ainda hoje existe. A área não possui construções, porém apresenta curvas de nível marcadas a cada meio metro, indicando uma topografia que ascende na direção norte. Seu perímetro é composto por uma calçada padrão.

Uma fotografia do acervo do MHL aparenta ser uma vista parcial da Praça Sete de Setembro [Fig. 120]. Nela se observa uma vegetação já bastante desenvolvida, assim como a manutenção do traçado inicial e a presença de algumas luminárias de esfera em cor clara. Na imagem, não aparecem bancos, mas não é possível afirmar a inexistência deles, visto que as árvores cobrem boa parte do espaço.

**Figura 120** – Vista parcial da Praça Sete de Setembro, [196-]



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

Assim, observa-se que ao longo da década de 1950 e 1960 houve algumas iniciativas em concordância com as decisões de reorganização do município. Além disso, há também a ocupação das

Praças como espaços de convívio social de fato, à semelhança dos projetos do Bosque e da construção da Concha Acústica, e como lugares de memória, com a implantação de bustos como de Willie Davids, Abilon Souza Naves (além de possivelmente um busto de Gabriel Martins), e de monumento à Imaculada Conceição.

As análises evidenciam o importante crescimento do centro da cidade em relação ao período anterior, com poucos espaços vazios. Há, ainda, certa vegetação, contudo, são as duas quadras do Bosque que mais se destacam, com espécies de porte maior. Ainda se evidenciam os traçados da elipse, conforme planejados no plano de 1932.

Nesse sentido, a cidade começou a assumir formas específicas, incluindo seus espaços públicos. O Conjunto Central, aqui analisado, composto por cinco Praças e o Bosque, está presente desde os desenhos iniciais de planejamento do município em 1932, marcando o contexto de sua formação. Além disso, começam a ser utilizadas as Praças ao norte (Willie Davids e Marechal Floriano Peixoto) ainda na década de 1930, cujo planejamento oficial, na década de 1940, foi marcado por traçados bem definidos e primeiros mobiliários urbanos configurados principalmente por luminárias de uma e/ou três esferas, “bancos bola” e vegetação topiária.

A mesma organização inicial que aconteceu nas Praças Marechal Floriano Peixoto e Willie Davids se estendeu para o restante do

Conjunto Central, seja nos cuidados na delimitação do contorno do Bosque, com muro de arrimo e luminárias de uma esfera, bem como no traçado espelhado da Praça Gabriel Martins e no mobiliário similar das luminárias e piso em *petit pavé*. No entanto, as intervenções da década de 1950, que criaram novas estruturas de lazer dentro do Bosque e na Praça Primeiro de Maio, inseriram luminárias com uma lâmpada, mas com acabamentos distintos.

As Praças Primeiro de Maio e Sete de Setembro não apresentam bancos isolados na década de 1950, apenas canteiros com vegetação solitárias e as estruturas novas de lazer e de encontros políticos (Concha Acústica) e memória (monumento de Abilon Souza Naves e monumento da Imaculada Conceição). Apenas posteriormente a Praça Sete de Setembro passou a apresentar a mesma luminária de uma esfera das Praças ao norte, revelando novamente a intenção de conjunto.

Assim, fica evidente que o início da construção do Conjunto Central se deu com a formação do município de Londrina, desde o plano inicial de 1932 em seu desenho das quadras, sendo aos poucos incorporada no uso da população, inicialmente na parte norte. Conforme a cidade ia crescendo, mais ações de cuidado com as áreas coletivas foram sendo implementadas, esboçando o início das primeiras funções e dos direcionamentos formais das Praças. Em relação às funções, a Praça Marechal Floriano Peixoto foi se

estabelecendo como local de encontro social e de apoio a atividades políticas, enquanto a Praça Willie Davids se moldou ao centro comercial e ao “coração da cidade” na década de 1940.

Já na década de 1950, as novas estruturas inseridas no Bosque e na Praça Primeiro de Maio deram a eles principalmente o uso de lazer, enquanto a Praça Sete de Setembro recebeu um monumento de memória religioso no seu centro, similar aos das Praças Gabriel Martins e Willie Davids, evidenciando a manutenção do uso de encontros sociais. Em relação às intenções formais, o tratamento padronizado das duas Praças, na década de 1940, foi ampliado na década de 1950, na Praça Gabriel Martins, mostrando uma intenção de criação de um Conjunto que demonstrasse o cuidado pelas áreas públicas da cidade. Por outro lado, as novas intervenções nos elementos ao sul do Conjunto Central não mostram padronização no tratamento de formas e mobiliário.

Portanto, percebe-se a consolidação das Praças e do Bosque com a intenção de se criar um Conjunto Central, embora ainda visualmente evidente de forma parcial. As estruturas e mobiliários urbanos implementados nesse início representam um vestígio importante desse movimento de consolidação urbana. Seu valor agrega, ainda, um marco à paisagem central da cidade, visto que muitos dos elementos identificados ainda podem ser observados atualmente,

como traçados, escadarias, muros de arrimo, monumentos (com exceção daquela da Praça Gabriel Martins), Concha Acústica e alguns mobiliários urbanos, como o “banco bola” e luminárias de uma e três esferas, principalmente na Praça Marechal Floriano Peixoto.

## 4. O Repensar do Conjunto Central no Final da Década de 1960 e Início de 1970

Entre as décadas de 1960 e 1970 houve um aumento da população urbana tanto em Londrina, como no restante do país. Na região, a migração do campo para a área urbana, em muito, foi consequência das dificuldades climáticas, como as constantes geadas. Esse aumento populacional em Londrina, porém, não foi acompanhado pela expansão dos equipamentos e serviços públicos existentes, intensificando os conflitos sociais. Como resposta, foi criada a Companhia de Habitação Popular de Londrina (COHAB), em 1965, juntamente com a elaboração do primeiro Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Londrina, em 1968, que buscou estabelecer um planejamento global para o desenvolvimento da cidade, além de mitigar os principais problemas urbanos (Bortolotti, 2007).

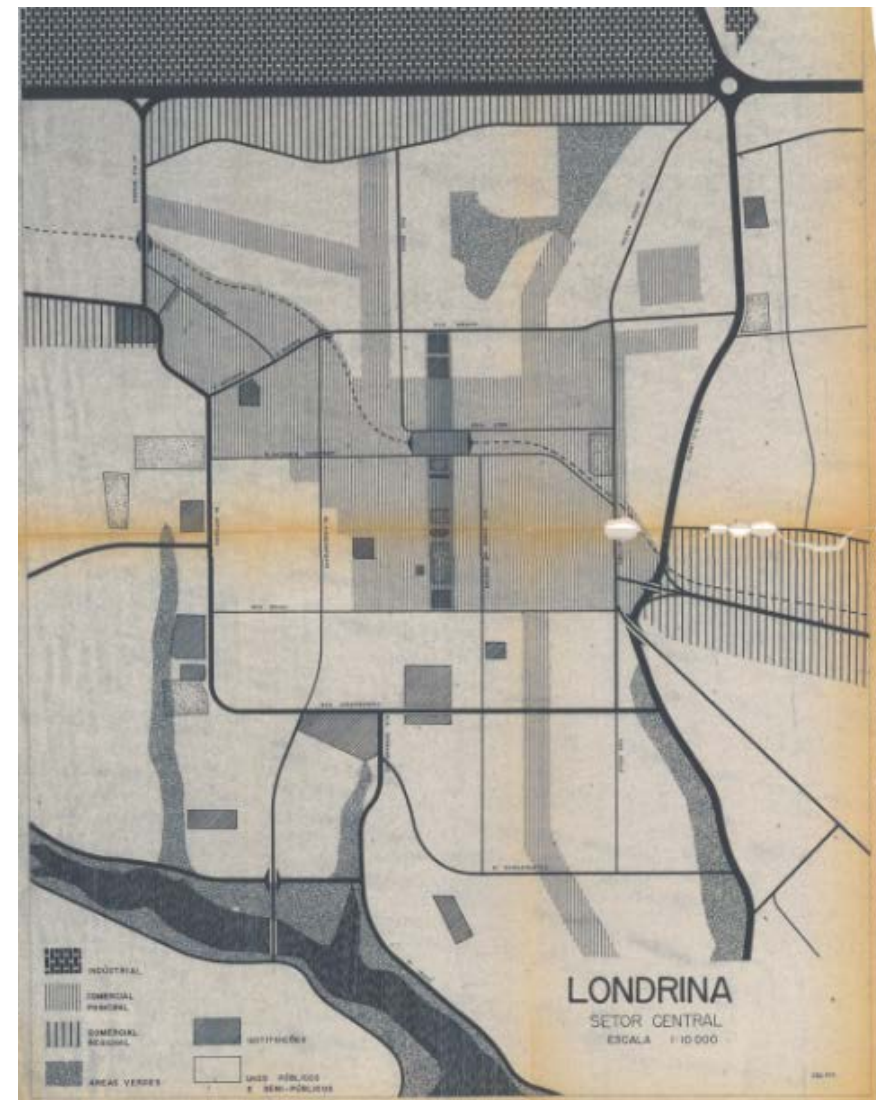
O Plano Diretor de 1968, desenvolvido pela Assessoria e Planejamento Sociedade Civil (ASPLAN), contribuiu para a criação da lei de zoneamento, com algumas mudanças importantes, mas muitas das diretrizes não chegaram a ser implementadas. Segundo Bortolotti (2007, p. 117), “As poucas propostas levadas adiante só foram executadas anos depois, com a recomposição da cobertura vegetal, a transferência da estação rodoviária para a periferia da área central e a recuperação de terrenos insalubres para serem utilizados como parques recreativos”.

Dessa forma, embora o Plano Diretor de 1968 definiu a área do “centro” de Londrina e tenha feito uma proposta de reordenamento, com a criação de um eixo cívico-administrativo, conectando o bosque, a catedral, o centro administrativo e a estação ferroviária, o documento acabou não sendo completamente implementado:

Para Londrina, o centro está definido nas áreas que cercam a Avenida Paraná no seu trecho médio. O Plano propõe uma série de medidas que resultarão numa definição de um eixo cívico-administrativo integrando o bosque, a catedral, o centro administrativo proposto e a estação ferroviária, proporcionando, ao mesmo tempo, transposição, por pedestre, da via-férrea (Plano [...], 1968, p. 84).

A imagem presente no Plano Diretor destaca o eixo de instituições e as áreas verdes presentes nesse eixo histórico, onde é possível identificar o Bosque Marechal Cândido Rondon, a Praça Floriano Peixoto e a Praça Rocha Pombo. O eixo de instituições, também denominado eixo de espaços públicos, possui uma Ficha de Inventário (Siglon, P16), que ressalta que o traçado elipsoidal central se articula por meio de dois eixos. Um deles é formado por uma sequência de seis quadras no sentido norte-sul, iniciando no Bosque Marechal Cândido Rondon e, ao se sobrepor à elipse central, estende-se até o antigo leito da ferrovia, onde se encontra o prédio da antiga estação ferroviária (atual Museu Histórico de Londrina) [Fig. 121].

**Figura 121** – Eixo cívico-administrativo do Plano Diretor de 1968



Fonte: Plano (1968).

O Plano Diretor também contemplava significativas alterações no Conjunto Central, especificamente na área do Bosque Marechal Cândido Rondon e da Praça Marechal Floriano Peixoto. Contudo, essas intervenções planejadas não foram executadas de imediato, sendo implementadas apenas nas décadas subsequentes:

1) O bosque será devolvido à sua integridade, eliminando-se a rua que desagrega atualmente e que tem, hoje em dia, a única função de terminal de ônibus urbanos.

2) A praça em frente à catedral será reformulada de modo a ganhar novo interesse paisagístico (Plano [...], 1968 p. 84).

Em 1971, a UEL foi criada e, com o início da Secretaria de Planejamento do Município de Londrina, em 1973, uma série de ações foram implementadas na urbanização dos fundos de vale na cidade, criando parques públicos com áreas de lazer e esporte. O Lago Igapó, que tem o seu projeto inicial formulado pelo paisagista Burle Max no início da década de 1970, teve apenas a terraplanagem executada de acordo com o primeiro projeto, e as demais infraestruturas foram realizadas em 1973 (Bortolotti, 2007).

Um ano antes, em 1972, o centro esportivo Moringão foi inaugurado, e em 1977, o novo Centro Cívico estava sendo construído próximo à barragem do Igapó. Toda essa movimentação, com a ocupação do sul da cidade e a criação da Via Expressa em 1977 (avenida Dez de Dezembro), gerou a necessidade de se repensar

o Centro Histórico, bem como os tratamentos dado às Praças e ao Bosque do Conjunto Central, com suas respectivas funções. Nos anos seguintes, também houve impacto direto na necessidade de novos usos aos edifícios antigos do Centro, que tiveram suas atividades deslocadas para novas centralidades, tais como o Fórum (1983), a Prefeitura (1983), a Estação Rodoviária (1988) e a Estação Ferroviária (1982).

Outra ação implementada em 1974 foi um sistema de transporte urbano, que buscava organizar o trânsito “[...] caótico pelo acúmulo de todo tipo de veículos. Caminhões, carros, charretes e carroças trafegavam livremente pelo centro da cidade sem que houvesse uma hierarquia das vias ou estratégias para desafogar as ruas” (Bortolotti, 2007, p. 148). A busca pela organização do trânsito e dos transportes públicos, da área de uso de pedestres e a necessidade de estacionamentos, se tornaria uma das pautas principais de uso que impactaram diretamente o tratamento do Conjunto Central.

Nesse contexto, diversas ações iniciais foram realizadas na década de 1970, repensando os elementos do Conjunto Central, acrescentando intervenções pontuais com novos tratamentos nos canteiros e mobiliário urbano, e também inserindo novos equipamentos utilitários, como o Terminal Urbano Rodoviário.

## 4.1 Intenções iniciais de novos tratamentos no Centro Histórico (1968–1976)

No final da década de 1960 e início dos anos 1970, o município passou a dirigir maior atenção para os espaços do centro, que se confirmavam não apenas como espaço de convivência. Com a industrialização e o maior número de habitantes, o centro da cidade passou a ser um importante elo de comércio e de sociabilidade entre as várias regiões que foram se adensando. O que se observa nos documentos referentes ao Conjunto Central são preparativos para grandes mudanças subsequentes.

Uma fotografia aérea da década de 1960, do centro de Londrina, mostra o conjunto de Praças aqui estudado [Fig. 122]. Nela é possível observar a Concha Acústica já construída na Praça Primeiro de Maio, bem como uma importante quantidade de árvores mais desenvolvidas na Praça Willie Davids, no Bosque e na Praça Marechal Floriano Peixoto. Também é possível ver o desmanche da Catedral para a construção de um novo edifício, ocorrido em 1968, com a inauguração do novo templo em 1972.

Figura 122 – Vista aérea do centro de Londrina, 1968



Fonte: Acervo do MHL (2025).

Considerando as necessidades da organização do transporte coletivo na área central, um Terminal Central foi implementado em trecho da rua Piauí, que dividia o Bosque em partes norte e sul. Além disso, pequenas ações pontuais foram implementadas na Praça Primeiro de Maio, com a transformação dos canteiros, e na Praça Gabriel Martins, com a transformação do tratamento dado ao piso. Tais ações mostram a busca pela compreensão das possibilidades de preservação e renovação do Centro Histórico.

Segundo Boni, Unfried e Benatto (2013, p. 166), reforçado pela Ficha de Inventário (Siglon, P28), em 1971, a rua Piauí foi alongada e o Terminal Urbano de Transporte Coletivo de Londrina foi implantado entre as duas quadras iniciais do Bosque. Ainda, a reportagem da *Folha de Londrina*, de 2015, reafirma que foi durante a gestão do prefeito Dalton Paranaguá (1969–1973) que o terminal de ônibus foi instalado no Bosque Marechal Cândido Rondon: “[...] o espaço foi cercado e passou a impedir a entrada de visitantes” (Um bosque [...], 2015).

Contudo, como já mencionado, o Plano Diretor de 1968 havia proposto a retirada dos ônibus desse espaço, o que indica que seu uso como terminal já acontecia; por outro lado, demonstra que a proposta de 1968 não se concretizou e, em vez de os ônibus serem retirados, o Bosque deu lugar a uma estrutura ainda maior, como poderá ser observado a seguir.

Em uma fotografia aérea do aludido ano, observa-se a desmontagem da Catedral e, ao lado, a rua entre as duas quadras do Bosque ainda sem nenhuma estrutura [Fig. 123]. A imagem confirma que ainda não havia o Terminal Urbano de Transporte Coletivo de Londrina, contudo, os ônibus poderiam estar utilizando as calçadas laterais — que não são visíveis na fotografia. Outros registros da década de 1970 já mostram o Terminal em funcionamento [Fig. 124 a 131].

**Figura 123** – Vista aérea do centro de Londrina, 1968



Fonte: Acervo do MHL (2025).

**Figura 124** – Terminal de ônibus na rua interna do Bosque, [197-]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

**Figura 125** – Terminal de ônibus na rua interna do Bosque, [197-]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

**Figura 126** – Terminal de ônibus na rua interna do Bosque, [197-]



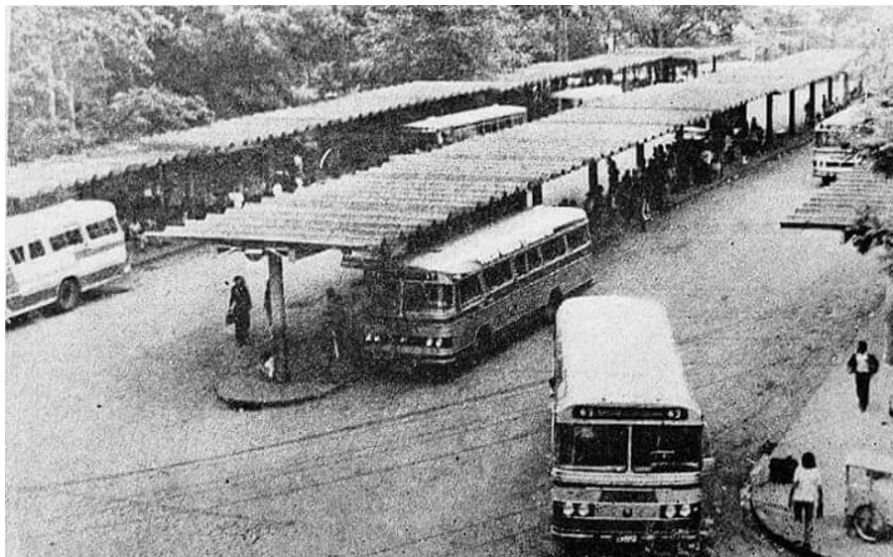
Fonte: Acervo do MHL (2025).

**Figura 127** – Terminal de ônibus na rua interna do Bosque, 1979



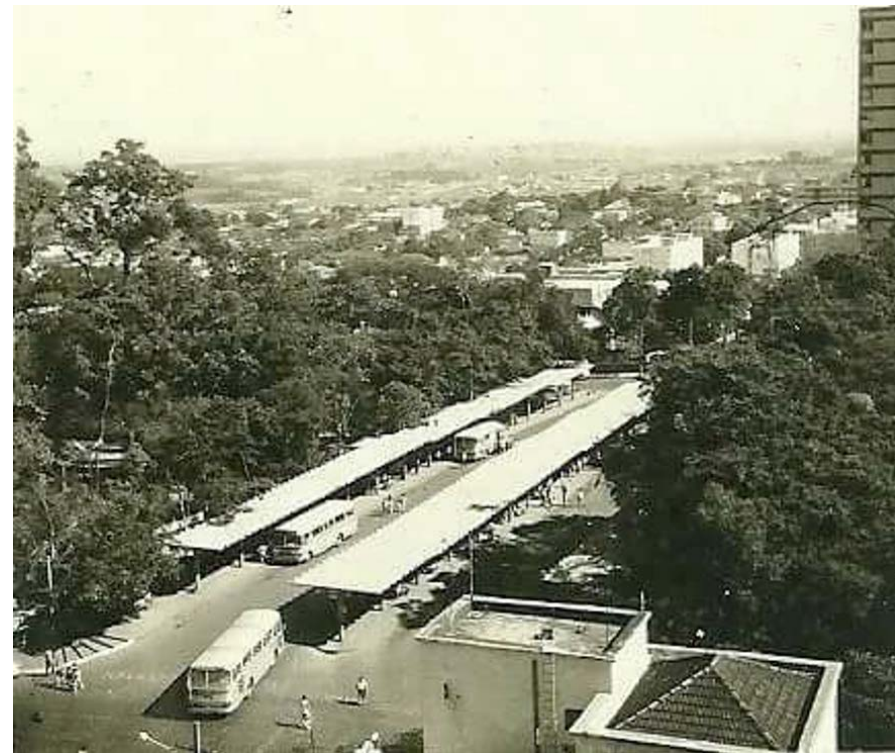
Fonte: Acervo do MHL (2025).

**Figura 128** – Terminal de ônibus na rua interna do Bosque, [197-]



Fonte: Londrina [...] (2025).

**Figura 129** – Terminal de ônibus na rua interna do Bosque, [197-]



Fonte: Londrina [...] (2025).

**Figura 130** – Terminal de ônibus na rua interna do Bosque, [197-]



Fonte: Londrina [...] (2025).

**Figura 131** – Terminal de ônibus na rua interna do Bosque, [197-]

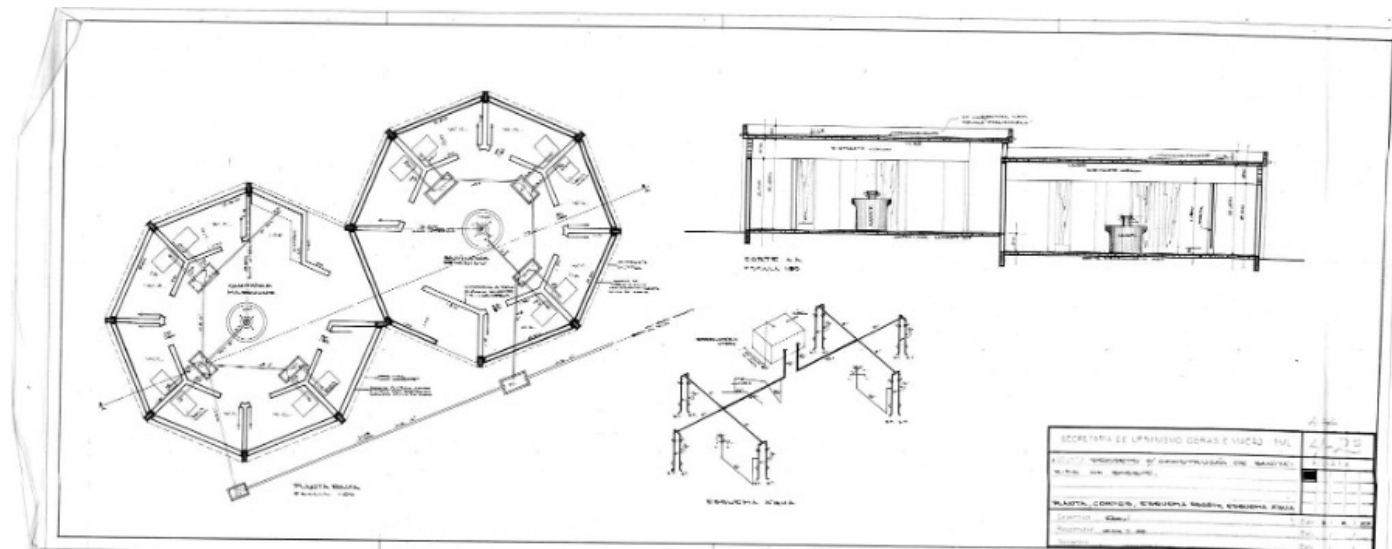


Fonte: Londrina [...] (2025).

Para a inserção do Terminal Urbano, a rua Piauí teria passado por um alargamento durante a gestão de Dalton Paranaguá e só foi retirado em 1988, com a mudança para o novo terminal na avenida Leste-Oeste (Prefeitura [...], 1991, p. 4).

Sobre os projetos de execução das obras, não foram encontrados projetos do Terminal Urbano de Transporte Coletivo de Londrina propriamente. O que se tem no Cadastro Imobiliário é o projeto com a criação de um novo banheiro para o Bosque, datado de 3 de agosto de 1973, que apresentou desenhos técnicos do edifício com dois volumes de planta octogonal [Fig. 132].

**Figura 132** – Projeto de sanitários no Bosque, 1973

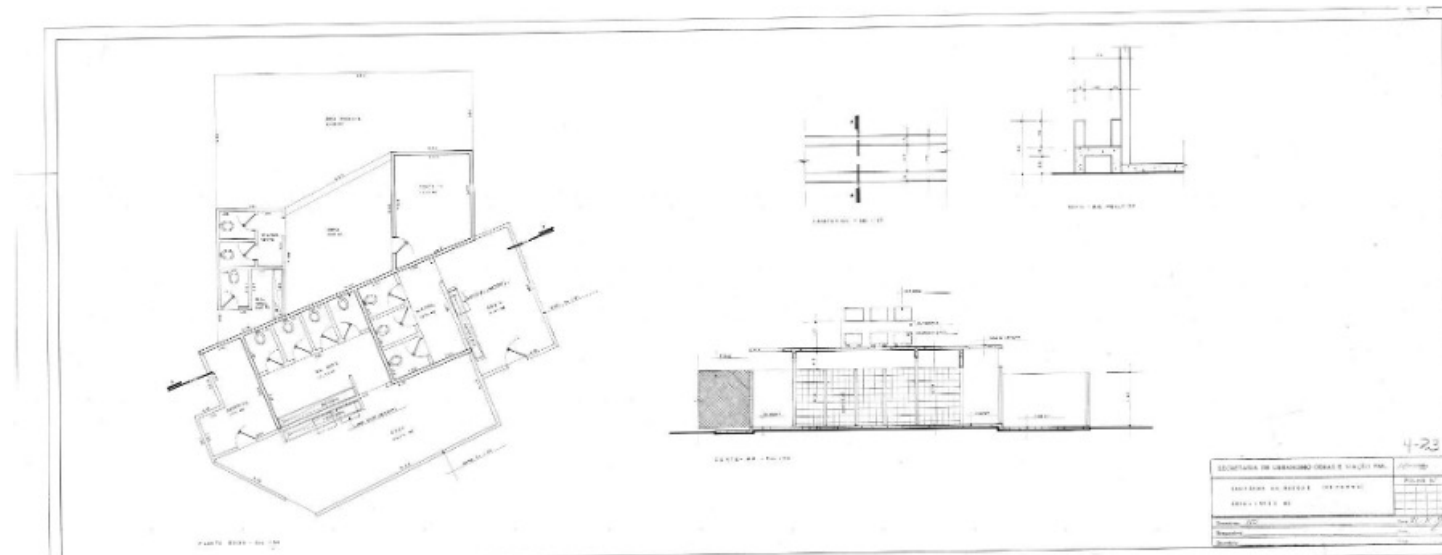


**Fonte:** Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Além disso, também havia no projeto soluções hidráulicas. Contudo, não há sua implantação em relação às quadras do Bosque. A necessidade de construção de novos banheiros no Bosque poderia estar relacionada ao Terminal Urbano, localizado na parte central desse espaço público. No entanto, alguns anos depois, em 21 de novembro de 1978, outro projeto relacionado aos sanitários no Bosque foi feito. Dessa vez, o projeto

previa a reforma da estrutura preexistente [Fig. 133]. Todavia, não está claro se o projeto de 1973 teria sido executado, embora a reforma pareça se tratar do edifício inicial de sanitários da década de 1950.

**Figura 133** – Reforma dos sanitários no Bosque, 1978



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

A aerofotografia de 1974 também revela uma estrutura linear na área entre as quadras do Bosque, que corresponde à cobertura do Terminal Urbano de Transporte Coletivo de Londrina [Fig.134].

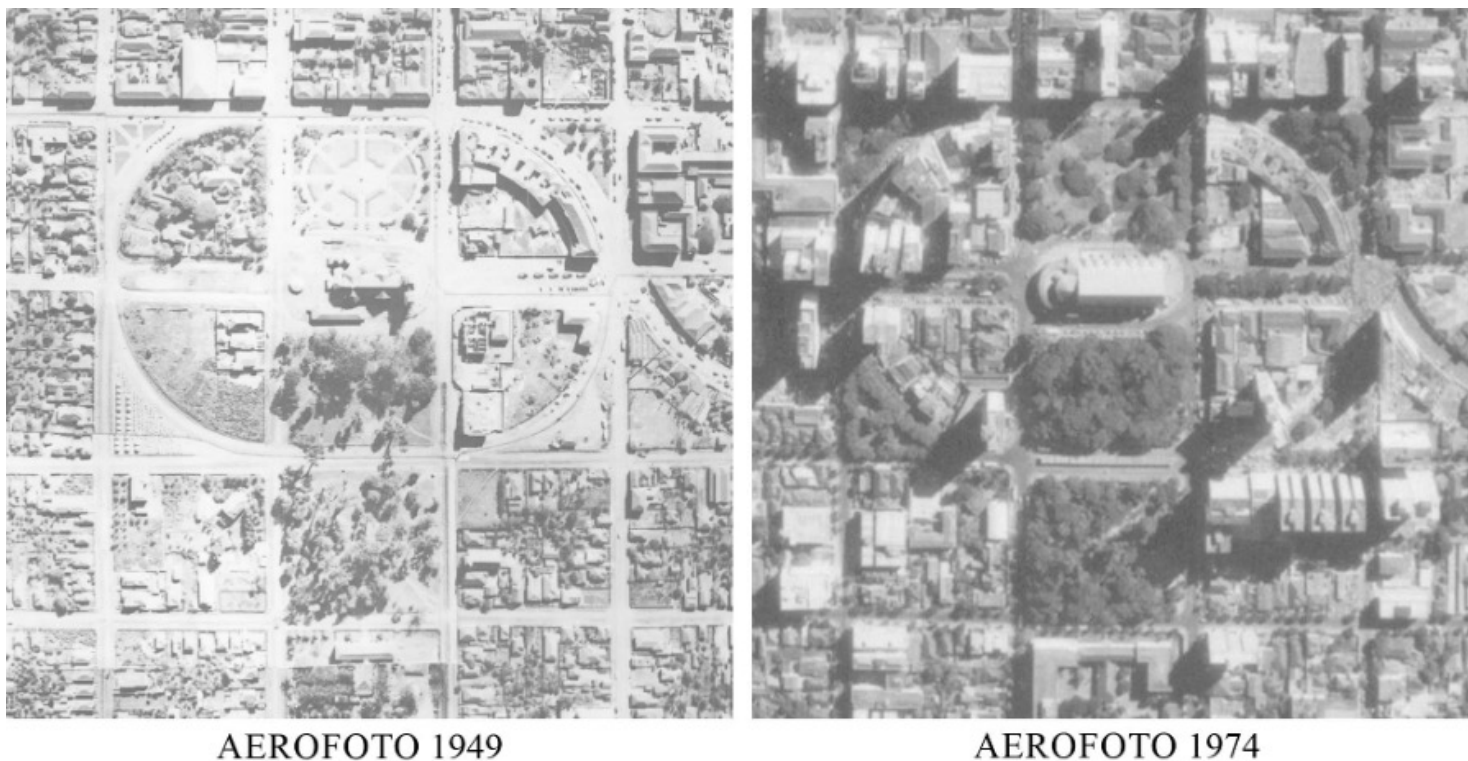
**Figura 134** – Aerofoto de Londrina, 1974



Fonte: IPPUL (2025).

Além disso, a aerofotografia de 1974 permite perceber outros detalhes das Praças Centrais [Fig. 135]. Em primeiro lugar, houve um crescimento significativo da vegetação em relação à de 1949 [Fig. 136]. Observa-se que a vegetação passou a cobrir quase totalmente as Praças e o Bosque. Esse aumento da cobertura vegetal dificulta a análise de traçados, acessos, pavimentação, mobiliário e equipamentos urbanos. No entanto, é possível identificar a Concha Acústica e sua arquibancada.

**Figuras 135 e 136 – Comparação das aerofotos de 1949 e 1974**



Fonte: IPPUL (2025).

Além disso, a análise da aerofoto evidencia o processo de desenvolvimento urbano pelo qual Londrina passava. Diferente da imagem de 1949, em que predominavam edificações de baixo porte e alguns terrenos vazios, em 1974 observa-se que praticamente todos os lotes possuem alguma construção. Nota-se, ainda, a presença de edifícios de maior porte, como o Centro Comercial, o Edifício Bosque, o Edifício Júlio Fuganti, o Edifício Santa Mônica e o Edifício do Relojão, entre outros, refletindo a verticalização e a expansão da cidade. Destaca-se, também, a presença de obras modernistas, como a Casa da Criança, localizada em frente à Praça Primeiro de Maio, e o Cine Teatro Ouro Verde, situado em frente à Praça Willie Davids.

Ainda que sem data, a Planta da Cidade de Londrina [Fig. 137] pode ser considerada contemporânea à aerofoto, pois em sua legenda, “Novos Loteamentos”, observa-se o loteamento Vitória Régia, primeiro conjunto habitacional construído pela COHAB Londrina em 1970, na zona leste da cidade (Cohab-Londrina, 2021).

Figura 137 – Planta da Cidade de Londrina, [197-]

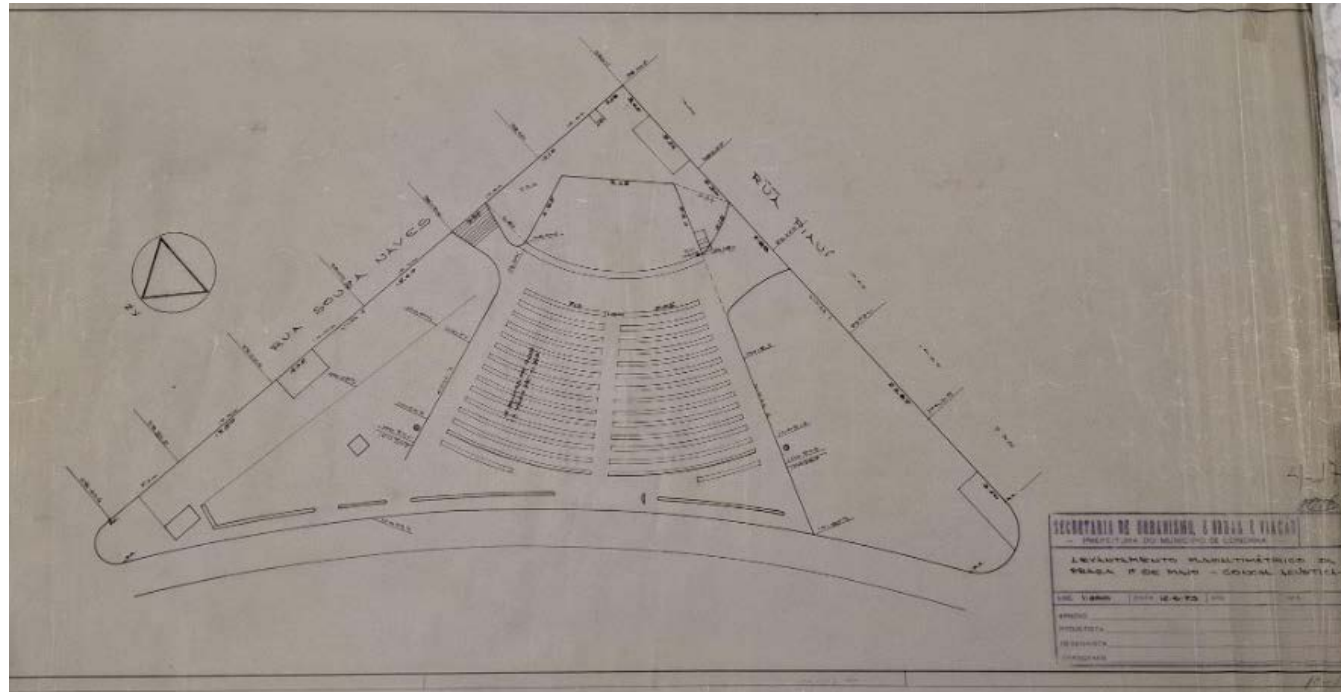


Fonte: Acervo do NDPH (2025).



Dessa forma, outro local que passou por uma intervenção pontual no início da década de 1970, acompanhando as transformações urbanas, foi a Praça Primeiro de Maio. Um desenho do dia 12 de junho de 1973 apresenta o levantamento planialtimétrico da Praça Primeiro de Maio com a Concha Acústica [Fig. 139].

**Figura 139** – Levantamento da Praça Primeiro de Maio, 1973



**Fonte:** Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

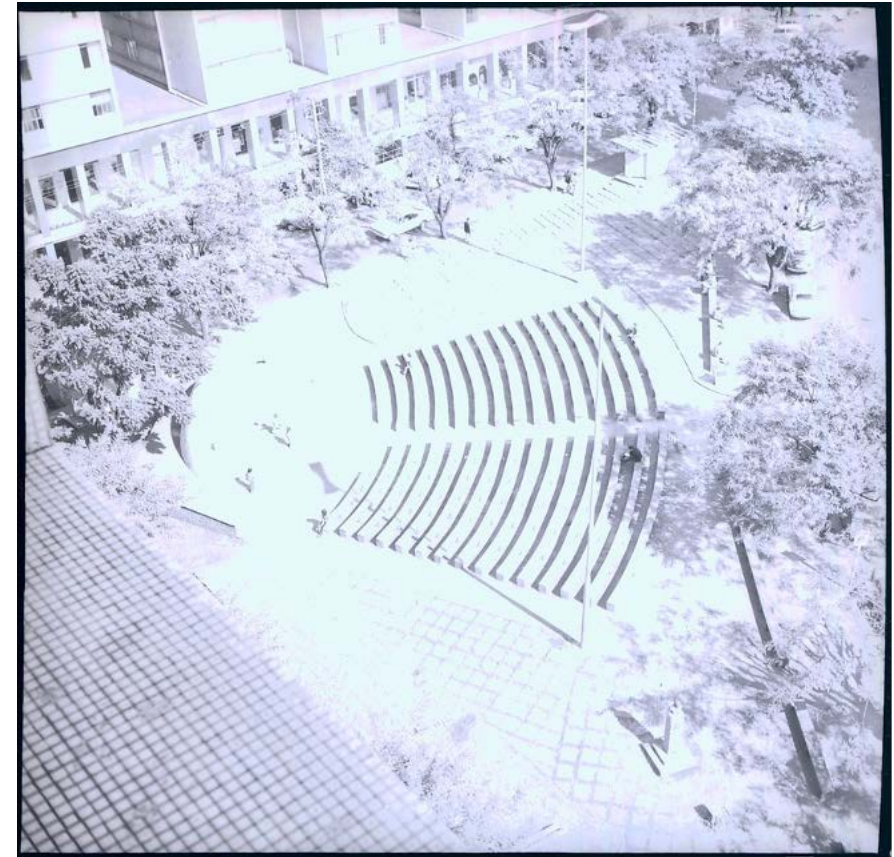
Este é o segundo desenho mais antigo encontrado no Cadastro Municipal – sendo que o primeiro foi tratado anteriormente. O levantamento apresenta trinta fileiras de arquibancadas, com as catorze primeiras espelhadas e de mesmo tamanho, e as duas últimas, menores. Os bancos,

conforme a anotação, têm 0,35 metros e os vãos, 0,73 metros. Alguns bancos foram acrescentados ao longo da rua Maestro Egídio Camargo do Amaral, assim como uma escada que leva à rua Senador Souza Naves, mantendo o acesso para a rua Piauí, mas com uma diminuição no tamanho dos canteiros laterais.

Próximo ao acesso da rua Piauí, uma pequena escada de quatro degraus margeia a área da Concha, preservando o acesso inicial do palco. No desenho, retângulos e quadrados aparecem cotados nas ruas Senador Souza Naves e Piauí, sem indicação do que representam. Vale ressaltar a implantação do busto da década de 1960 no canteiro contíguo à rua Senador Souza Naves (à esquerda), com sua frente voltada para a esquina da rua Minas Gerais com a Santa Catarina, onde ficava o antigo prédio da prefeitura.

Imagens da década de 1970 do acervo do MHL [Fig. 140 a 142] mostram a Praça Primeiro de Maio com ligeiras alterações em relação ao desenho de canteiro, mobiliário urbano e infraestrutura. Há novos bancos em concreto na face arredondada, dentro dos antigos limites do canteiro. Não é possível atestar se os canteiros são gramados, dada a qualidade das imagens. É possível terem sido feitas alterações dos canteiros gramados anteriores, com apenas uma entrada central na face arredondada e uma pela rua Piauí, por placas de concreto ou “concregrama”.

**Figura 140** – Praça Primeiro de Maio, [197-]



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

**Figura 141** – Praça Primeiro de Maio, [197-]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

**Figura 142** – Praça Primeiro de Maio, [197-]

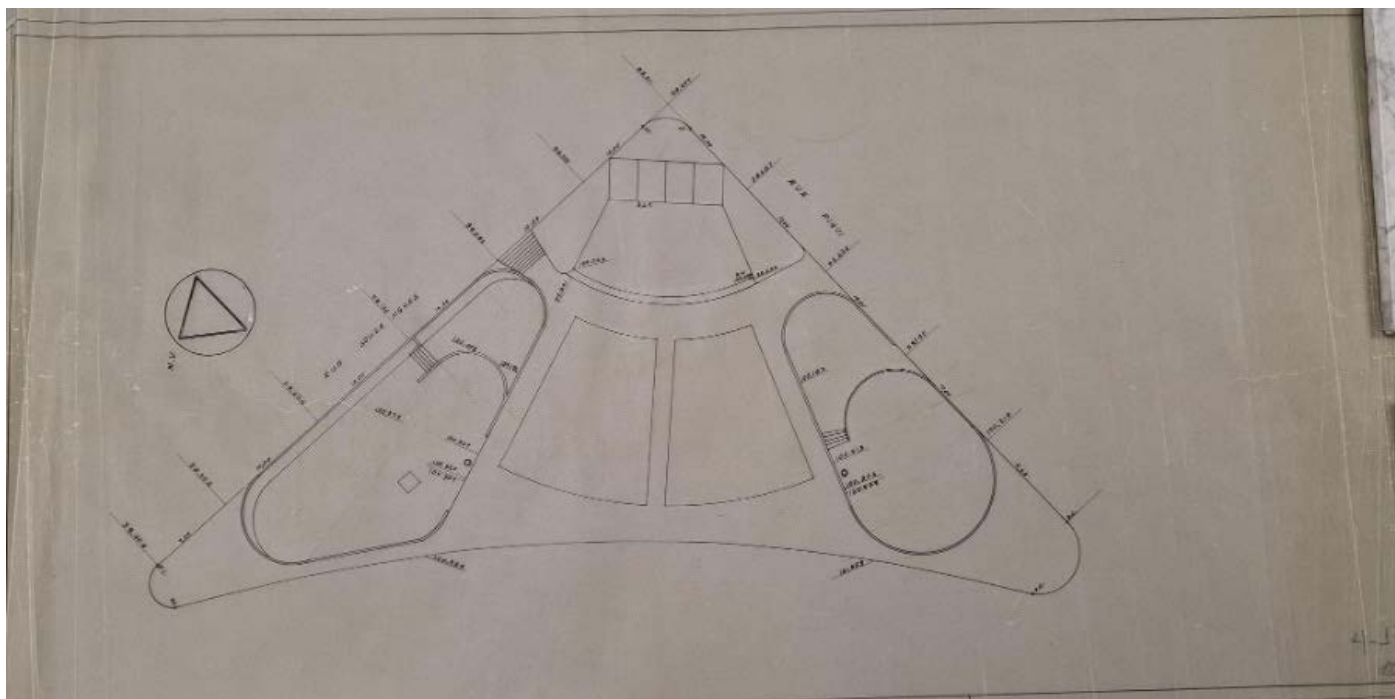


Fonte: Acervo do MHL (2025).

Ainda sobre os canteiros, é perceptível uma abertura de novos caminhos no centro da Praça, próximo à rua Senador Souza Naves, na lateral da estrutura da Concha Acústica. Foram instalados infraestrutura e monumentos no perímetro da Praça, consistentes em três construções (próximas a cada vértice), cujas finalidades e usos não podem ser identificados. O busto, mencionado anteriormente, tem sua frente voltada para o antigo prédio da prefeitura, que ficava na esquina da rua Minas Gerais com a Santa Catarina. Por fim, quanto ao entorno, a paisagem se apresenta consolidada, com aparatos comerciais e institucionais, além de edifícios verticais.

Outro desenho, sem data, mas com características similares ao de 1973 [Fig.143] mostra uma proposta de renovação dos canteiros laterais da Praça Primeiro de Maio, sendo um ao lado da rua Piauí e outro ao lado da rua Senador Souza Naves. Os dois canteiros apresentam muretas curvilíneas e a separação em dois níveis, conectados por uma escada menor. No canteiro ao lado da rua Souza Naves, a conexão ao espaço interno se dá no nível superior, perto do final da arquibancada, enquanto o canteiro ao lado da rua Piauí apresenta um acesso voltado para a área mais baixa da calçada. Além disso, uma imagem de 1975 [Fig. 144] mostra o canteiro ao lado da rua Piauí executado com formas curvilíneas em dois níveis. Também é possível perceber um quiosque próximo à esquina.

**Figura 143** – Levantamento da Praça Primeiro de Maio, [1973]



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

**Figura 144** – Praça Primeiro de Maio, 1975



Fonte: Foto Carlos Ribeiro. Londrina [...] (2025).

Em 1975, deu-se início às ações de implementação de reurbanização do centro, a qual defendia principalmente a criação de uma área exclusiva para pedestres em trechos que margeavam as quatro Praças da elipse central: Praça Gabriel Martins, Willie Davids, Primeiro de Maio e Sete de Setembro. Também houve a implantação de “bancas com informações turísticas, exposições artísticas e lanchonetes” (Guedes, 2012, p. 62).

A proposta foi coordenada pelo arquiteto grego Panayote Saridakis, conhecido como Takis, que escolheu a Praça Gabriel Martins para o início do projeto. Ela partia de uma homenagem ao título de Londrina, de capital do café, renovando o piso de *petit pavé* com “desenhos de ramos, flores e grãos de café que seriam implantados na praça com placas de cimento coloridas com pigmentos [...], placas de cimento por causa da durabilidade” (Guedes, 2012, p. 62).

No final de 1976, começaram as ações de “remodelamento” na Praça Gabriel Martins. Na reportagem da *Folha de Londrina*, de 9 de novembro daquele ano, a Praça recebeu um “novo calçadão” com cimento colorido e desenhos relacionados ao café: “Tendo o amarelo como a cor básica, o revestimento da praça conterà desenhos de folhas de café e flores nas cores verde, vermelho e preto” (Calçadão [...], 1976). O objetivo era a criação do novo piso e a instalação de estrutura pluvial e elétrica que daria assistência à implantação de

novos equipamentos, como postes de iluminação e bancos, além de equipamentos de “atração popular”, como lanchonetes, bancas de informações turísticas e cabines telefônicas, motivo pelo qual “o revestimento original foi removido” (Calçada [...] , 1976). Dessa forma, a Praça Gabriel Martins recebeu pavimentação de placas de concreto “com desenhos de cafés e margaridas, idealizados pelo arquiteto grego Panayote Saridakis” (Ogawa, 2020).

Algumas imagens do acervo do MHL, sem data, apresentam a Praça Gabriel Martins antes da inserção do novo piso, com a presença do piso em *petit pavé*, o traçado tridente, a presença de luminária com uma esfera, bancos retangulares em concreto (não mais o de madeira da década de 1950) e vegetação mesclada com topiária acompanhando o canteiro e algumas espécies maiores. Nas imagens, não foi possível encontrar o busto que teria sido instalado na década de 1940 [Fig. 145 e 146]. Uma imagem também apresenta como a Praça era muito utilizada pela população, com uma grande quantidade de pessoas sentadas nos bancos ou passando pelo espaço e seus caminhos internos [Fig. 147].

**Figura 145** – Praça Gabriel Martins, [196–1976]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

**Figura 146** – Praça Gabriel Martins, [196–1976]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

**Figura 147** – Praça Gabriel Martins, [196–1976]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

Outras imagens encontradas no acervo do Museu Histórico apresentam a Praça Gabriel Martins em obra, sem piso, no processo de renovação do Centro [Fig. 148]. As imagens também apresentam um quiosque novo na Praça, com formato retangular e grande beiral [Fig.149 a 152].

**Figura 148** – Praça Gabriel Martins, [197-]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

**Figura 149** – Praça Gabriel Martins, [197-]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

**Figura 150** – Praça Gabriel Martins, [197-]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

**Figura 151** – Praça Gabriel Martins, [197-]



Fonte: Acervo do MHL (2025)

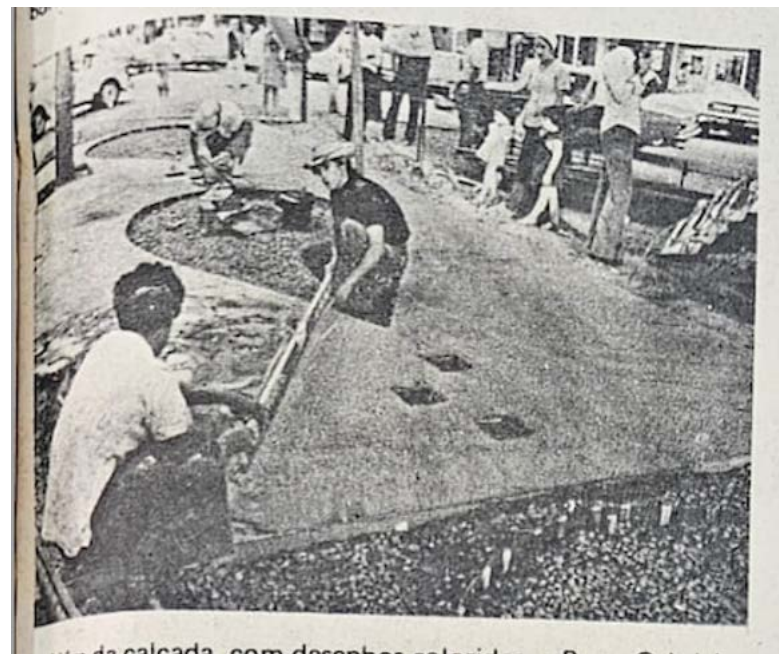
**Figura 152** – Praça Gabriel Martins, [197-]



**Fonte:** Acervo do MHL (2025).

A imagem da *Folha de Londrina*, de 9 de novembro de 1976, mostra os desenhos novos sendo realizados no piso da Praça Gabriel Martins [Fig. 153].

**Figura 153** – Praça Gabriel Martins, novembro de 1976



**Fonte:** Calçada [...] (1976).

Já a reportagem de 24 de dezembro de 1976, também da *Folha de Londrina*, convida a população para desfrutar da “nova Praça Gabriel Martins”, considerada “coração de Londrina”. Na imagem, é possível observar o novo desenho do piso da Praça, com flores e a presença de alguns mobiliários urbanos, como telefone público (orelhão) e quiosque ao fundo. [Fig. 154].

**Figura 154** – Praça Gabriel Martins, dezembro de 1976



**Fonte:** A nova [...] (1976).

Parte do desenho do piso de 1976 foi revelado em 2011, quando a Praça Gabriel Martins passou por nova intervenção. Em reportagem da época, o engenheiro aposentado da prefeitura Rodolfo Horner revelou que, além da contratação do arquiteto grego, a tentativa do então prefeito José Richa de modernizar a Praça, com a inserção do novo desenho, causou polêmica, pois a maioria da população não gostou (Guedes, 2012, p. 4). Dois dias após a publicação da reportagem, os resquícios do piso em cimento da década de 1970 foram destruídos por completo (Guedes, 2012) [Fig. 155].

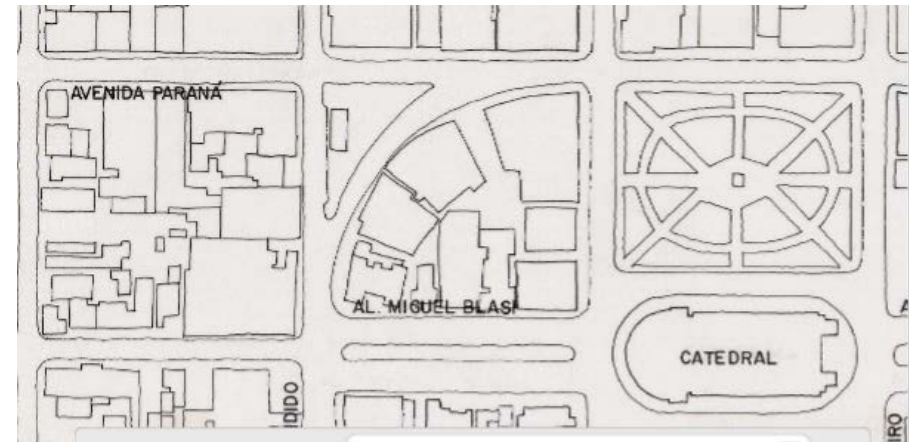
**Figura 155** – Praça Gabriel Martins, 2011



Fonte: Guedes (2012, p. 64).

Os desenhos técnicos de remodelação da Praça Gabriel Martins não foram encontrados no Cadastro Municipal de Londrina, apenas uma imagem cedida pelo arquivo de Jaime Lerner, de Curitiba, que apresenta algumas das propostas posteriores dadas pelo arquiteto para Londrina, elucida a existência de uma estrutura na Praça Gabriel Martins antes de 1977 [Fig. 156].

**Figura 156** – Praça Gabriel Martins, 1977



Fonte: Acervo de Jaime Lerner (2025).

Dessa forma, no início da década de 1970, as intervenções pontuais que aconteceram no Bosque, com a inserção do Terminal Central e as alterações nos canteiros da Praça Primeiro de Maio, evidenciam o intento de resolver demandas da área central, enquanto a intervenção na Praça Gabriel Martins mostra uma intenção maior de renovação no Centro, com a possibilidade da criação de ruas para pedestres perto das quatro praças da elipse. Ainda, o projeto de renovação da Praça Gabriel Martins altera o seu piso e os mobiliários urbanos, mas não dá continuidade às outras praças, e no final da década de 1970 é substituído por um novo projeto completo de revitalização da área central, de autoria do arquiteto e urbanista Jaime Lerner, que será analisado com mais detalhe no Volume 2 deste Estudo.

## 5 Considerações Finais

O Conjunto Central, composto pelas Praças Gabriel Martins, Marechal Floriano Peixoto, Willie Davids, Primeiro de Maio, Sete de Setembro e Bosque Marechal Cândido Rondon, tem o seu contorno marcado desde a primeira planta urbana de Londrina de 1932. Sendo composto pelas quatro Praças triangulares formadas a partir da intersecção da “elipse” com a malha quadriculada da cidade e a diagonal da avenida Paraná.

Sua importância como área livre de uso público foi se formando já nos anos iniciais da cidade, primeiramente com o uso das Praças Gabriel Martins e Marechal Floriano Peixoto, já na década de 1930. Na década seguinte, foram inseridos os mobiliários urbanos das duas Praças, enquanto a rodoviária passou para a Praça Primeiro de Maio e parte dos mobiliários iniciais foram ampliados parcialmente para o Bosque. Na década de 1950, o mobiliário urbano inicial foi ampliado parcialmente para a Praça Gabriel Martins, reforçando a intenção de tratamento como conjunto. Além disso, novos usos foram estabelecidos na Praça Primeiro de Maio, que, sem a rodoviária, ganhou a Concha Acústica; na Praça Sete de Setembro, que ganhou um monumento religioso; e no Bosque, que recebeu uma série de equipamentos esportivos e de lazer.

Sendo assim, percebe-se nos anos iniciais a implementação não apenas do uso coletivo para o Conjunto Central, como também de mobiliário urbano parcialmente similar, criando um início de identidade de conjunto. Entre os usos principais que terminaram de ser consolidados na década de 1950, estavam presentes os de estar e memória, para as Praças Gabriel Martins e Willie Davids; de manifestações coletivas para a Praça Marechal Floriano Peixoto; de manifestações políticas, apresentações culturais e memória, para a Praça Primeiro de Maio; esportivo e de lazer, para o Bosque; e religiosos para a Praça Sete de Setembro.

Dos mobiliários urbanos, percebe-se a repetição da luminária de uma esfera, do “banco bola” e/ou do banco retangular em madeira, também de traçados com o centro marcado pela sobreposição de xis e elipse, na Praça Marechal Floriano Peixoto, e de tridente nas Praças Gabriel Martins e Willie Davids; além do muro de arrimo em pedra aparente na Praça Marechal Floriano Peixoto e no Bosque, e a presença de

vegetação em árvores nos canteiros com topiária nas Praças ao sul (Gabriel Martins, Marechal Floriano Peixoto e Willie Davids).

No final da década de 1960 e início da década de 1970, Londrina passou por um grande crescimento urbano. A criação do primeiro Plano Diretor buscou organizar a cidade e resolver as demandas principalmente de transporte, lazer e comércio no centro inicial. Nesse sentido, acontecem algumas ações pontuais de renovação na área central, como a criação do Terminal Urbano no Bosque, de canteiros laterais com desenhos curvilíneos na Praça Primeiro de Maio e o início da criação de uma rua de pedestres na Praça Gabriel Martins. Essas intenções iniciais se mantêm na maior parte do Conjunto Central, com as mesmas características de tratamento de uso e mobiliário urbano conquistados nos anos anteriores, com exceção da Praça Gabriel Martins, que foi parcialmente destruída e renovada.

A revitalização do centro da cidade somente foi implementada no final da década de 1970, por meio de um projeto urbanístico de grande impacto que transformou significativamente o Conjunto Central, fortalecendo sua identidade visual e viabilizando a construção do Calçadão em várias quadras. O projeto original, concebido pelo arquiteto e urbanista Jaime Lerner, assim como as intervenções subsequentes realizadas ao longo das décadas seguintes até os dias atuais, serão abordados detalhadamente no

segundo volume da publicação do Estudo Patrimonial do Conjunto Central. Adicionalmente, serão apresentadas: a identificação dos elementos históricos originados nas décadas iniciais e que permanecem preservados; a análise do valor patrimonial do Conjunto Central para a cidade de Londrina; e sugestões de diretrizes voltadas à sua preservação.

Nesse contexto, é possível compreender que muitas das transformações urbanas ocorridas entre as décadas de 1930, 1940, 1950, 1960 e 1970 acompanharam os diferentes momentos vividos pelo município. Trata-se de um período marcado por poucas modificações urbanísticas e arquitetônicas. Contudo, muitas delas são frequentemente estudadas, como as construções de estilo modernista e mudanças estruturais significativas, como o Plano Diretor.

No entanto, os documentos relativos às Praças centrais são bastante variados e indicam que esses espaços passaram por processos de fragmentação, sendo utilizados e alterados de forma pontual, com poucos registros e pouca articulação entre si. O projeto de revitalização do Centro, realizado no final dos anos 1970, evidencia um retorno à ideia de conjunto, resgatando as Praças como partes integrantes de um tecido urbano histórico e complexo, fundamental para a identidade urbanística do município.

# Referências

A NOVA praça Gabriel Martins ficou mais bonita e aconchegante. **Folha de Londrina**, Londrina, 24 de dez. 1976. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

A PRAÇA Gabriel Martins em outros tempos. **Londrina histórica**, 28 de julho de 2011. Disponível em: <https://londrinahistorica.blogspot.com/2011/06/praca-gabriel-martins-em-outros-tempos.html>. Acesso em: julho de 2025.

ACTO 13. **Jornal Paraná Norte**, Londrina, ano 4, n. 169, p. 3, 9 jan. 1938. Acervo do Museu Histórico de Londrina.

ALBUQUERQUE, Dayane. Prefeitura entrega novo Bosque Central totalmente revitalizado para a comunidade. **Prefeitura Municipal de Londrina**, Londrina, 8 jan. 2022. Disponível em: <https://blog.londrina.pr.gov.br/?p=117756>. Acesso em: 31 mar. 2025.

ALTAR da Pátria, a imagem do abandono à luz do dia. **Jornal de Londrina**, Londrina. 12 nov. 2008. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

AMPLIAÇÃO do Calçadão deve começar em julho. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 6, 30 maio 1989. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado**: representações da política em Londrina (1930-1975). Londrina: Eduel, 2008.

AUGUSTO, Luciano. Calçadão de Londrina: onde todos se encontram. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 3, 29 ago. 2003. Acervo disponibilizado pelo IPPUL.

BANCOS na praça. **Folha de Londrina**, Londrina, 2 nov. 1977. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

BARONI, Célia. Quiosque geram queixas no Calçadão. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 2, 22 out. 1998. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

BELINATI envia à Câmara relação das obras e valores do Projeto Centro. **Folha de Londrina**, Londrina, 23 out. 1977. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

BELINATI inaugura hoje o novo Calçadão. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 9, 6 set. 1991. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

BIANCHI, Benê. Projeto do Calçadão está em fase final. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 1, 6 out. 1998. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

BLITZ surpresa apreende bicicletas no Calçadão. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 8, 26 out. 1991. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

BONI, Paulo César; UNFRIED, Rosana Reineri; BENATTO, Omeletino. **Memórias fotográficas**: a fotografia e fragmentos da história de Londrina. Londrina: Midiograf, 2013.

BORTOLOTTI, João Baptista. **Planejar é preciso**: memórias do planejamento urbano de Londrina. Londrina: Midiograf, 2007.

BRESSAN, Fernanda. Mal conservado, mal utilizado. **Jornal da ACIL**, Londrina, p. 16, ago. 2006.

BUONO, Larissa Martins. **O Bosque Marechal Rondon (Londrina/PR 1950-2010)**: ressignificações e diversidade urbana. 2019. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/srv-c0003-s01/api/core/bitstreams/37e223d3-af45-43ac-a58f-7314f9ea0708/content>. Acesso em: 31 maio 2025

CADÊ o cuidado? **Jornal de Londrina**, Londrina, 13 ago. 2012. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

CALÇADÃO, ampliado vai oferecer até um coreto. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 9, 27 jul. 1991. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

CALÇADÃO colorido na Gabriel Martins. **Folha de Londrina**, Londrina, 9 nov. 1977. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

CALÇADÃO é adaptado para bombeiros. **Jornal de Londrina**, Londrina, p. 4, 30 jan. 1996. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

CALÇAMENTO da praça da Bandeira é retirado. **Jornal de Londrina**, Londrina, 14 nov. 2003. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

CÂMARA MUNICIPAL DE LONDRINA. **Pedido de Informação n.º 0046/2010**. Londrina, 15 abr. 2010. Disponível em: <https://www.cml.pr.gov.br/proposicoes/Pedidos-de-Informacoes/0/187/0/1780>. Acesso em: 31 mar. 2025.

CANÇÕES religiosas inauguram réplica da Basílica. **Folha de Londrina**, Londrina, 4 maio 1996. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

CASTELNOU, Antonio. **Arquitetura Art Déco em Londrina**. Londrina: Atrito Art, 2002.

HISTÓRIA. **Catedral de Londrina**, Londrina, [2020?]. Disponível em: <https://catedrallondrina.com.br/historia>. Acesso em: abr. 2025.

CENTRO de Londrina passará por uma total reurbanização. **Folha de Londrina**, Londrina, 1º jun. 1977. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

CESÁRIO, Ana Cleide Chiarotti; MAGALHÃES, Leandro Henrique. **Arquitetura e memória coletiva**: os sentidos da Modernidade em Londrina - Praça 1º de Maio e Jardim Shangri-lá. Londrina, Unifil: Midiograf. 2016.

COHAB Londrina completa 56 anos com diversos projetos em andamento. **Cohab Londrina**, Londrina, 30 ago. 2021. Disponível em: <https://cohabld.londrina.pr.gov.br/index.php/ult-noticias/420-cohab-londrina-completa-56-anos-com-diversos-projetos-em-andamento#:~:text=Institu%C3%ADdo%20por%20meio%20da%20Lei,leste%20de%20Londrina%2C%20em%201970>. Acesso em: 27 fev. 2025.

COMEÇA a reurbanização: será interditado amanhã o contorno da Catedral. **Folha de Londrina**, Londrina, 5 jul. 1977. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

COMEÇAM obras na praça da Bandeira. **Jornal de Londrina**, Londrina, 9 jun. 2004. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

CONCHA acústica do centro termina seus dias de Vaticano. **Folha de Londrina**, Londrina, 5 jun. 1993. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

CONCHA acústica passa por reforma. **Folha de Londrina**, Londrina, 3 ago. 2006. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

CONCHA acústica terá características originais. **Folha de Londrina**, Londrina, 5-11 ago. 2006. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

CONCHA vai estampar Basílica. **Folha de Londrina**, Londrina, 20 mar. 1996. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

CORNELI, Loriane. Retirada de quiosques está quase no final em Londrina. **Bonde**, Londrina, 13 set. 2010. Disponível em: <https://www.bonde.com.br/bondenews/londrina/retirada-de-quiiosques-esta-quase-no-final-em-londrina-155872.html>. Acesso em: 31 mar. 2025.

COSTA, Osmani. E o Calçadão será lavado pela primeira vez neste ano. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 5, 16 jul. 1996. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

DECKS, Flávio. Calçadão será revitalizado. **Correio Londrinense**, Londrina, p. 8, 17 ago. 1993. Acervo disponibilizado pelo IPPUL.

EMPRESÁRIOS criticam obra no Calçadão. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 1, 7 set. 1993. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

FAJARDO, Washington. Caminhabilidade e vitalidade urbana. In: ANDRADE, Victor; LINKE, Clarisse Cunha (org.). **Cidades de pedestres: a caminhabilidade no Brasil e no mundo**. Rio de Janeiro: Babilônia Cultura Editorial, 2017. p. 102-115. Disponível em: [https://itdpbrasil.org/wp-content/uploads/2018/12/Cidades-de-pedestres\\_FINAL\\_CCS.pdf](https://itdpbrasil.org/wp-content/uploads/2018/12/Cidades-de-pedestres_FINAL_CCS.pdf). Acesso em: 4 abr. 2025.

FELDMAN, Estélio. Praça Londrina. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 3, 29 nov. 1996. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

FERREIRA, Reinaldo Mathias. O novo Calçadão. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 2, 31 mar. 1995. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

FROZONI, Fernanda. O Bosque Marechal Cândido Rondon em 1950 como representante das transformações na paisagem londrinense. In: IV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM (I ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM), 7-10 maio 2013, Londrina. **Anais** [...]. Londrina: UEL, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2013/anais2013/trabalhos/pdf/Fernanda%20Cequalini%20Frozoni.pdf>. Acesso em: 31 abr. 2025.

GALEMBECK, Glória. Obras dão nova cara ao Calçadão. **Jornal de Londrina**, Londrina, p. 4, 7 ago. 2007. Acervo disponibilizado pelo IPPUL.

GALERIA de Prefeitos. **Prefeitura Municipal de Londrina**. Disponível em: [https://portal.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=468:a-secretaria](https://portal.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=468:a-secretaria). Acesso em: 10 abr. 2025.

GOMES, A. M. Londrina perpetuará no bronze a inolvidável figura do seu amigo, Dr. Gabriel Martins. **Jornal Paraná Norte**, Londrina, ano 10, n. 496, 30 abr. 1944. Acervo do Museu Histórico de Londrina.

HOMENAGEADA a memória de Willie Davids. **Folha de Londrina**, Londrina, 24 maio 1952. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

IMAGEM mostra primeira 'catedral' de Londrina em 1936. **Tem Londrina**, Londrina, 4 de julho de 2021. Disponível em: <https://templondrina.com.br/tem-historia/imagem-mostra-primeira-catedral-de-londrina-em-1936/>. Acesso em: jul. 2025.

IMPORTANTES obras públicas serão inauguradas hoje. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 3, 1º maio 1957. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

INAUGURAÇÃO da Praça Floriano Peixoto. **Jornal Paraná Norte**, Londrina, ano 9, n. 464, p. 13, 7 set. 1944. Acervo do Museu Histórico de Londrina.

ÍNDIOS cantam na festa do novo Calçadão. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 11, 7 set. 1991. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

IPPUL (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina). **Memorial Explicativo e Justificativo do Projeto de Revitalização do Bosque Marechal Rondon**. 22 out. 2019. Acervo do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina. Consulta em: 31 mar. 2025.

IPPUL (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina). **Década de 70 - Cadernão**. 27 nov. 2024. Disponível em: <https://ippul.londrina.pr.gov.br/index.php/mapa-de-londrina-cadernao-de-mapas/85-mapa-do-municipio-articulacao-cadernao.html>. Acesso em: 30 abr. 2025.

KOMARCHESQUI, Bruna. Cadê o cuidado? **Jornal de Londrina**, Londrina, p. 7, 13 ago. 2012. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

LACHNER, Lúcia. Comurb coíbe o tráfego de ciclistas no Calçadão. **Jornal de Londrina**, Londrina, p. 3, 9 maio 1996. Acervo disponibilizado pelo IPPUL.

LEÃO, Silvana. Mais 3 quiosques demolidos no Calçadão. **Folha de Londrina**, Londrina, 4 jul. 2010. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/mais-3-quiocques-demolidos-no-calcadao-718952.html?d=1>. Acesso em: 11 abr. 2025.

LEME, Edson José Holtz. **O teatro da memória: o Museu de Londrina (1959-2000)**. 2013. 276 f. Tese (Doutorado em História) – Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

LOMBARDI, Camila. **Revitalização paisagística do Bosque Marechal Cândido Rondon - Londrina/PR**. 2014. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) Universidade Federal do Paraná. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/84378>. Acesso em: 31 mar. 2025.

LONDRINA de antigamente. **Facebook**: londrinadeantigamente. Disponível em: [https://www.facebook.com/londrinadeantigamente/photos?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/londrinadeantigamente/photos?locale=pt_BR). Acesso em: abr. 2025.

LONDRINA lança mutirão 'Viva o Centro' com serviços variados feitos de forma conjunta. **Prefeitura Municipal de Londrina**, Londrina, 15 jan. 2025. Disponível em: <https://blog.londrina.pr.gov.br/?p=185035>. Acesso em: 30 abr. 2025.

LONDRINA. **Lei Ordinária nº 133, de 7 de dezembro de 1951**. Dispõe sobre arruamento, loteamento e zoneamento, e dá outras providências. Londrina: Câmara Municipal, 1951. Disponível em: <https://www.cml.pr.gov.br/proposicoes/Leis-Ordinarias/1951/1/0/28331>. Acesso em: 30 abr. 2025.

LONDRINA. **Lei Ordinária nº 216, de 26 de dezembro de 1953**. Fixa os limites e dá denominação aos logradouros públicos (avenidas, ruas, praças e travessas) oficialmente reconhecidas e integrantes da área urbana do Município. Londrina: Câmara Municipal, 1953. Disponível em: <https://www.cml.pr.gov.br/proposicoes/Leis-Ordinarias/1953/1/0/33892>. Acesso em: 30 abr. 2025.

LONDRINA. **Lei Ordinária nº 5.495, de 17 de agosto de 1993**. Dispõe sobre a criação do IPPUL – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina e dá outras providências. Londrina: Câmara Municipal, 1993. Disponível em: <https://www.cml.pr.gov.br/proposicoes/Leis-Ordinarias/1993/1/0/30352>. Acesso em: 30 abr. 2025.

LONDRINA. **Lei Ordinária nº 11.471, de 5 de janeiro de 2012**. Institui o Código Ambiental do Município de Londrina. Londrina: Câmara Municipal, 2012. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/l/londrina/lei-ordinaria/2012/1148/11471/lei-ordinaria-n-11471-2012-institui-o-codigo-ambiental-do-municipio-de-londrina>. Acesso em: 31 mar. 2025.

LONDRINA. **Lei Ordinária nº 12.998, de 26 de dezembro de 2019**. Altera o artigo 130 da Lei nº 11.471/2012. Londrina: Câmara Municipal, 2019. Disponível em: <https://www.cml.pr.gov.br/proposicoes/Leis-Ordinarias/2019/1/0/27226>. Acesso em: 31 mar. 2025.

LONDRINENSES redescobrem o charme da Concha. **Folha de Londrina**, Londrina, 15 maio 2007. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

MACEDO, Silvio Soares; ROBBA, Fábio. **Praças brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2002.

MARTINS, Marcelo Belinati. **Pedido de Informação nº 0046/2010**. Prefeitura Municipal de Londrina, Londrina, 15 abr. 2010. Disponível em: <https://www.cml.pr.gov.br/proposicoes/Pedidos-de-Informacoes/0/187/0/1780>. Acesso em: 11 abr. 2025.

MENDONÇA, Maurício Arruda. A praça do Dogma. Coluna Curiosidade. **Folha Norte de Londrina**, Londrina, 20 set. 2006. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

MENDONÇA, Maurício Arruda. **Concha 50 Anos: Londrina no tempo**. Londrina: Midiograf. 2007.

MENINA inaugura Praça da Bandeira. **Folha de Londrina**, Londrina, 12 dez. 1997. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

MICHAELIS. Bosque. 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/bosque/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

MICHAELIS. Praça. 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/pr%C3%A7a/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

MORADORES cobram melhorias na Concha. **Folha de Londrina**, Londrina, 2 dez. 2011. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

MOREIRA diz que acata decisão da Câmara sobre Concha Acústica. **Folha de Londrina**, Londrina, 07 nov. 1987. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

MUDANÇAS na Concha: começa a polêmica. **Folha de Londrina**, Londrina, 31 mar. 1987. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

NOVA Praça Sete de Setembro tem a cor da terra vermelha. **Jornal de Londrina**, Londrina, 13 ago. 2000. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

NOVO Calçadão. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 3, 18 jun. 1991. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

O AJARDINAMENTO da Praça Floriano Peixoto. **Jornal Paraná Norte**, Londrina, ano 9, n. 438, p. 3, 7 mar. 1943. Acervo do Museu Histórico de Londrina.

O CENTRO se modificando. **Folha de Londrina**, Londrina, 28 out. 1977. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

O DIA da bandeira. **Jornal Paraná Norte**, Londrina, ano 4, n. 163, p. 1, 21 nov. 1937. Acervo do Museu Histórico de Londrina.

OGAWA, Vitor; VISCHI, Victoria. Homenagem a Gabriel Martins foi apagada pelas transformações. **Folha de Londrina**, Londrina, 12 nov. 2020. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidade19s/homenagem-a-gabriel-martins-foi-apagada-pelas-transformacoes-3025264e.html?d=1>. Acesso em: 30 abr. 2025.

OLIVEIRA, Thayza de. A Concha Acústica: diversidade no contexto urbano. In: CESÁRIO, Ana Cleide Chiarotti; MAGALHÃES, Leandro Henrique. **Arquitetura e memória coletiva**: os sentidos da Modernidade em Londrina - Praça 1º de Maio e Jardim Shangri-lá. Londrina, Unifil: Midiograf. 2016.

OS QUIOSQUES. **Folha de Londrina**, Londrina, 22 out. 1977. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

PARISOTTO, Marcos Roberto. **Solicitação de Tombamento**. Diretoria de Patrimônio Histórico. Secretaria de Cultura de Londrina. 19 jul. 2024.

PARISOTTO, Marcos. **Entrevista concedida aos autores**. 2 abr. 2025.

PARRA, Rodrigo. Calçadão passa por reparos. **Jornal de Londrina**, Londrina, p. 3, 6 ago. 2002. Acervo disponibilizado pelo IPPUL.

PAU-BRASIL é encontrado no centro. **Folha de Londrina**, Londrina, 18 abr. 2000. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/pau-brasil-e-encontrado-no-centro-282851.html?d=1>. Acesso em: 16 abr. 2025.

PLANO Diretor de desenvolvimento urbano. **Londrina**. 1968. Disponível em: [https://www1.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/ippul/leis\\_historicas/1968/plano\\_diretor\\_1968.pdf](https://www1.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/ippul/leis_historicas/1968/plano_diretor_1968.pdf). Acesso em: julho de 2025

POLESSEL, Célia. Calçadão passa por manutenção emergencial. **Jornal de Londrina**, Londrina, 6 ago. 2002. Acervo disponibilizado pelo IPPUL.

PRAÇA Marechal Floriano Peixoto. **Biblioteca IBGE**, 2025. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=443196>. Acesso em: 30 abr. 2025.

PRAÇA Willie Davids: o coração de Londrina. Londrina, **A pioneira**, ano 1, n. 1, maio 1948. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL.

PREFEITURA do Município de Londrina. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 3, 8 mar. 1958. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

PREFEITURA inaugura hoje obras do Bosque. **Folha de Londrina**, Londrina, ano 43, n. 11898, p. 8, 31 ago. 1991. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

PREFEITURA vai revitalizar Bosque, “modestamente”. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 6, 21 abr. 1991. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

PRIMEIRA edição do “Viva o Centro!” reúne famílias e celebra espaço público. **Prefeitura Municipal de Londrina**, Londrina, 31 jan. 2025. Disponível em: <https://blog.londrina.pr.gov.br/?p=185785>. Acesso em: 11 abr. 2025.

PROJETO de revitalização do Bosque prevê estacionamento. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 4, 19 maio 1988. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

PUNIR SUVs e fechar ruas: como Paris quer se tornar cidade sem carros. **Uol**, São Paulo, 24 mar. 2025. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2025/03/24/paris-da-mais-um-passo-para-se-tornar-uma-cidade-sem-carros.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 4 abr. 2025.

RAMOS, Marivone. Comurb retira quiosque do Calçadão. **Jornal de Londrina**, Londrina, p. 6, 8 jan. 1998. Acervo disponibilizado pelo IPPUL.

RAMOS, Marivone. Obra deve ser concluída até dezembro. **Jornal de Londrina**, Londrina, p. 3, 24 jun. 1998. Acervo disponibilizado pelo IPPUL.

RANALI, Sérgio. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 11, 11 jun. 2004. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

REFORMA no Calçadão inicia na segunda-feira. **Correio Londrinense**, Londrina, p. 8, 18 ago. 1993. Acervo disponibilizado pelo IPPUL.

REVITALIZAÇÃO gera polêmica. **Jornal de Londrina**, Londrina, 11 abr. 2000. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

RETIRADO último quiosque do Calçadão. **Folha de Londrina**, Londrina, 3 jun. 2011. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/retirado-ultimo-quiisque-do-calcadao-753209.html?d=1>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SAI hoje resultado do concurso para a revitalização do bosque. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 4, 18 maio 1988. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

SCHWARTEZ, Widson. O “mito” e outras imagens da praça. **Folha de Londrina**, Londrina, 13 set. 2013. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

SEHN, Carla. Calçadão já está de cara nova. **Jornal do Comércio**, Londrina, ano 31, n. 259, p. 4, dez. 1993. Acervo disponibilizado pelo IPPUL.

SIGLON (Sistema de Informação Geográfica de Londrina). M02. **Prefeitura Municipal de Londrina**. Disponível em: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-cultura/diretoria-de-patrimonio/inventario/monumento/32662-m02-imaculada-conceicao-2020/file>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SIGLON (Sistema de Informação Geográfica de Londrina). M03. **Prefeitura Municipal de Londrina**. Disponível em: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-cultura/diretoria-de-patrimonio/inventario/monumento/32663-m03-mastro-praca-bandeira-2020/file>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SIGLON (Sistema de Informação Geográfica de Londrina). M05. **Prefeitura Municipal de Londrina**. Disponível em: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-cultura/diretoria-de-patrimonio/inventario/monumento/54845-m05-monumento-abilon-concha-2020-1/file>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SIGLON (Sistema de Informação Geográfica de Londrina). M07. **Prefeitura Municipal de Londrina**. Disponível em: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-cultura/diretoria-de-patrimonio/inventario/monumento/32667-m07-aqui-tem-historia-wdauids-2020/file>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SIGLON (Sistema de Informação Geográfica de Londrina). M08. **Prefeitura Municipal de Londrina**. Disponível em: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-cultura/diretoria-de-patrimonio/inventario/monumento/32668-m08-placa-corretor-imobiliario-2020/file>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SIGLON (Sistema de Informação Geográfica de Londrina). M10. **Prefeitura Municipal de Londrina**. Disponível em: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-cultura/diretoria-de-patrimonio/inventario/monumento/32670-m10-placa-pe-vermelho-2020/file>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SIGLON (Sistema de Informação Geográfica de Londrina). M18. **Prefeitura Municipal de Londrina**. Disponível em: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-cultura/diretoria-de-patrimonio/inventario/monumento/32678-m18-bosque-pau-brasil-2020/file>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SIGLON (Sistema de Informação Geográfica de Londrina). M19. **Prefeitura Municipal de Londrina**. Disponível em: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-cultura/diretoria-de-patrimonio/inventario/monumento/32679-m19-bosque-chico-mendes-2020/file>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SIGLON (Sistema de Informação Geográfica de Londrina). M21. **Prefeitura Municipal de Londrina**. Disponível em: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-cultura/diretoria-de-patrimonio/inventario/monumento/54847-m21-aqui-tem-historia-bosque-2020-1/file>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SIGLON (Sistema de Informação Geográfica de Londrina). P16. **Prefeitura Municipal de Londrina**. Disponível em: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-cultura/diretoria-de-patrimonio/inventario/urbano-paisagistico/32815-p16-eixo-espacos-publicos-2018/file>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SIGLON (Sistema de Informação Geográfica de Londrina). P22. **Prefeitura Municipal de Londrina**. Disponível em: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-cultura/diretoria-de-patrimonio/inventario/urbano-paisagistico/32821-p22-praca-7-de-setembro-2018/file>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SIGLON (Sistema de Informação Geográfica de Londrina). P28. **Prefeitura Municipal de Londrina**. Disponível em: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-cultura/diretoria-de-patrimonio/inventario/urbano-paisagistico/32827-p28-bosque-2018/file>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SITUAÇÃO de praça vira ponto de atenção. **Jornal de Londrina**, Londrina, 11 maio 2003. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

SOTRATTI, Marcelo Antônio. Revitalização. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (org.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/58/revitalizacao>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SUZUKI, Juliana Harumi. **Artigas e Cascaldi**: arquitetura em Londrina. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

SUZUKI, Juliana Harumi. **Idealizações da modernidade**: arquitetura dos edifícios verticais em Londrina (1949-1969). Londrina: Kan, 2011.

TCE-PR (Tribunal de Contas do Estado do Paraná). **Notícias**. Disponível em: <https://m.tce.pr.gov.br/noticias/noticia.aspx?codigo=10706>. Acesso em: abr. 2025.

UM BOSQUE cheio de histórias. **Folha de Londrina**, Londrina, 15 set. 2015. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cadernos-especiais/um-bosque-cheio-de-historias-927681.html?d=1>. Acesso em: 30 abr. 2025.

UMA REFLEXÃO sobre a Concha Acústica. **Folha de Londrina**, Londrina, 21 jun. 1987. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

ZANON, Elisa. Prestes Maia em Londrina-PR: a Lei 133/1951. *In*: XVI SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 15-18 jun. 2021, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: UFBA, 2021. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/355678803\\_Prestes\\_Maia\\_em\\_Londrina-PR\\_a\\_Lei\\_1331951](https://www.researchgate.net/publication/355678803_Prestes_Maia_em_Londrina-PR_a_Lei_1331951). Acesso em: 30 abr. 2025.

YAMAKI, Humberto. **Iconografia londrinense**: mapas iniciais (1930-1950). Prefeitura de Londrina, Cultura-Promic, 2003.

YAMAKI, Humberto. **Labirinto da memória**: paisagens de Londrina. Prefeitura de Londrina, Cultura-Promic, 2006.

YAMAKI, Humberto. **Terras do Norte**: paisagem e morfologia. Londrina: Eduel, 2017.

